

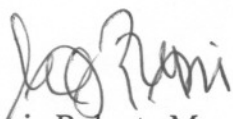
Carlota Maria Ibertis de Lassalle Casanave

AS TRAMAS DE MNEMOSINE
A memória nos primórdios da teoria freudiana

Tese de doutorado apresentada
ao Departamento de Filosofia
do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de Campinas,
sob orientação do Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani

UNICAMP
Fevereiro de 2008

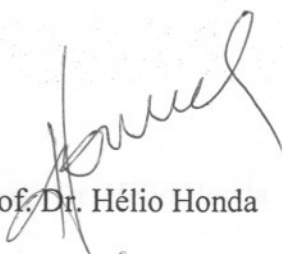
Este exemplar corresponde à redação
final da tese defendida e aprovada
pela Comissão Julgadora formada por



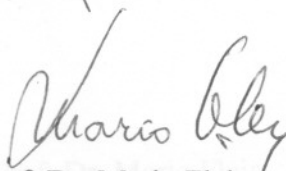
Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani (orientador)



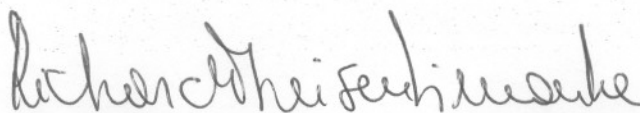
Prof. Dr. José Francisco Miguel Henriques Bairrão



Prof. Dr. Hélio Honda



Prof. Dr. Mario Fleig



Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

Em 21/02/2008

Este exemplar corresponde à redação
final da tese defendida e aprovada
pela Comissão Julgadora formada por

Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani (orientador)

Prof. Dr. José Francisco Miguel Henriques Bairrão

Prof. Dr. Hélio Honda

Prof. Dr. Mario Fleig

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

Em 21/02/2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

C263t **Casanave, Carlota Maria Ibertis de Lassalle**
As tramas de Mnemosine : a memória nos primórdios da
teoria freudiana / Carlota Maria Ibertis de Lassalle Casanave. -
Campinas, SP : [s. n.], 2008.

Orientador: Luiz Roberto Monzani.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Memória. 3. Imaginação.
4. Representação (Filosofia). 5. Representação mental.
**6. Associação de idéias. I. Monzani, Luiz Roberto, 1946-.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e**
Ciências Humanas. III. Título.

mh/ifch

Título em inglês: Mnemosine's plot: memory in the origins of Freudian theory.

Palavras chaves em inglês (keywords) : **Freud, Sigmund, 1856-1939**
Memory
Imagination
Representation (Philosophy)
Mental representation
Association of ideas

Área de Concentração: Filosofia

Titulação: Doutor em Filosofia

Banca examinadora: Luiz Roberto Monzani, José Francisco Miguel Henriques
Bairrão, Hélio Honda, Mario Fleig, Richard Theisen
Simanke

Data da defesa: 21-02-2008

Programa de Pós-Graduação: Doutorado em Filosofia

A todos aqueles que tecem nossas memórias.

*A Juan e Abel,
nas minhas.*

Agradecimentos

À UNICAMP, pelas condições que me foram dadas para meus estudos. Aos professores, funcionários e colegas que colaboraram solidariamente. Em especial, ao Rogério José, secretário da Pós-graduação em Filosofia, pela sua eficiência e disponibilidade. À UNIFRA, pelo afastamento concedido na fase de escrita da versão final.

Aos amigos que sempre me alentaram. À Ilka Pichin, pela sua escuta paciente e cuidadosa. À Aldeni dos Santos, Ana Cristina Garcia Dias e Liège Selma Lise, pelo alento em tempos difíceis. À Florência Finnegan, que soube estar perto, como uma irmã, mesmo na distância. À Mirtes Eliane Tessele Bortolotti, pelo apoio amigável no dia-a-dia. À Susana Eisenchlas, amiga desde a graduação. À Cristina O'Connor, sem cuja ajuda não teria sido possível estudar em Campinas. À Josette Maria Alves de Souza Monzani, pela assistência e auxílio entusiastas todos esses anos.

Aos colegas do GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF. À Suely Aires Pontes, pela interlocução cúmplice e perspicaz. À Fátima Caropreso, por todos os congressos em que compartilhamos a sina de falar sobre o *Projeto de uma psicologia para neurologistas*. Ao Sergio Franco Fernandes, meu colega desde a época do mestrado.

À Conceição Beltrão Fleig, pelas estimulantes discussões em torno à Leitura Cronológica de Freud. Às colegas do grupo preparatório, Nilce Azevedo Cardoso, Nair Macena, Maria Cristina Fogaça, Viviane da Silveira e Fabiola Malagues, pelo aprendizado trabalhando juntas. Ao professor Mario Fleig, pelas contribuições fecundas à nossa leitura.

Ao professor Osmyr Faria Gabbi Junior, pelo inestimável desafio lançado nas suas aulas e nos seus textos. Ao professor Richard Theisen Simanke, pelo estímulo inteligente e generoso nos encontros do GT de Filosofia e Psicanálise da ANPOF. A ele e ao professor José Francisco Miguel Henriques Bairrão, meu agradecimento pelas valiosas sugestões e correções em ocasião do exame de qualificação.

Por último, ao professor Luiz Roberto Monzani. Espero que ele saiba de meu respeito e de minha admiração. Devo a ele a renovação do prazer da leitura filosófica e uma orientação exigente que valoriza a autonomia intelectual.

RESUMO

A presente Tese de Doutorado versa sobre a concepção de memória subjacente aos escritos freudianos correspondentes ao período que transcorre entre *Sobre a concepção das afasias*, de 1891, e *Psicopatologia da vida quotidiana*, de 1901. Defende-se, em primeiro lugar, que a memória tem caráter criativo, fundamentado esse caráter em um certo associacionismo *sui generis* sustentado por Freud. Apresentam-se as características específicas dessa posição, mostrando por que não é identificável com a de Stuart Mill. Em segundo lugar, defende-se que o caráter criativo da memória encontra diversas formas de manifestação: a) ao constituir, com base nas primeiras vivências, o núcleo de desejos e aversões da psique; b) ao transcrever, de tempos em tempos, os traços mnêmicos que correspondem às fases de desenvolvimento; c) no fenômeno de determinação *a posteriori*; d) ao associar material de traços mnêmicos, dando lugar a condensações e deslocamentos nos processos primários; e) ao plasmar desejos e fantasias como recordações e f) ao re-significar o passado, introduzindo novas conexões. Todas essas formas de manifestação são baseadas, em última instância, em mecanismos associativos. Na explicitação dessas formas fica evidenciada uma mudança no pensamento freudiano em relação ao papel da experiência. A primazia que tinha, inicialmente, a experiência real diminui com a descoberta da sexualidade infantil. Assim, desejo e fantasia ganham maior peso na determinação psíquica sem, por isso, descartar completamente a relevância da experiência real, uma vez que ela está na base da formação daqueles. Três pontos na elaboração freudiana da memória se mostram decisivos para sustentar as hipóteses acima mencionadas: o papel do registro mnêmico da experiência real, a multiplicidade e a transformação das inscrições mnêmicas e, por último, o registro como recordação do meramente desejado. Cada um desses pontos constitui o núcleo do respectivo capítulo. O exame atenta para aqueles aspectos que definem o caráter criativo da memória, considerando as funções de registro, de conservação e de rememoração. Destarte, inclui-se Freud, em uma longa tradição filosófica que aproxima a memória da imaginação.

Palavras-chave: traço mnêmico, representação, inscrição, associação, *a posteriori*, imaginação.

ABSTRACT

This PhD Dissertation explores the concept of underlying memory in Freud's work, between the publication of *On Aphasia: A Critical Study*, in 1891, and *Psychopathology of Everyday Life*, in 1901. It is argued, firstly, that memory has a creative nature, based on certain associationism *sui generis* proposed by Freud. The specific features of Freud's position are discussed, showing why it is not analogous to that proposed by Stuart Mill. Secondly, it is argued that the creative nature of memory finds diverse forms of manifestation: a) when constituting, on the basis of first experiences, the psyche's nucleus of desires and aversions; b) when transcending, from time to time, the mnemonic traces that correspond to the developmental phases; c) in the phenomenon of *a posteriori* determination; d) when associating mnemonic traces material, giving raise to condensations and displacements in the primary processes; e) when shaping desires and fantasies as memories; and f) when re-meaning the past by introducing new connections. All these forms of manifestation are based on associative mechanisms. The explanation of these forms provides evidence for a change in Freudian thought on the role of experience. The priority given initially to real experience diminishes with the discovery of child sexuality. Thus, desire and fantasy acquire greater weight in the psyche's determination, without discarding the relevance of real experience, which lies at the basis of the formation of both. Three points in the Freudian elaboration of memory seem crucial in order to support the hypotheses proposed above: the role of the mnemonic register of real experience, the multiplicity and transformation of mnemonic inscriptions, and, finally, the register as memory of the desired. Each one of these issues constitutes the focus of a thesis chapter. This dissertation examines the aspects that define the creative nature of memory, while considering the roles of register, conservation and remembrance. Freud is thus included in a long philosophical tradition that approximates memory to imagination.

Key words: mnemonic trace, representation, inscription, association, *a posteriori*, imagination.

ÍNDICE

1 – Introdução	15
2 – Memória e experiência real	21
2.1 – Da neurofisiologia à psicologia	21
2.2 – O conceito de Representação	34
2.2.1 – Percepção, representação e traço mnêmico	34
2.2.2 – <i>Das Ding</i>	39
2.2.3 – Representação e afeto	45
2.3 – Processos psíquicos e experiência	50
3 – Memória: registro e conservação	57
3.1 – Diacronia e aparelho psíquico	57
3.2 – Inscrição e transcrição	62
3.2.1. – A metáfora do traço escrito	62
3.2.2. – Aparelho psíquico e transcrições	76
3.3 – O conceito de associação	85
3.3.1 – Psiquismo e fluxo associativo	86
3.3.2 – O <i>a posteriori</i>	89
3.3.3 – Associação nos processos oníricos	96
4 – Memória: evocação e desejo	107
4.1 – Associação, temporalidade psíquica e sentido	107
4.2 – Sobre esquecimento e recalque	114
4.2.1 – Esquecimento não-tendencioso e traços mnêmicos	114
4.2.2 – Recalque como esquecimento tendencioso	123
4.2.3 – Recalque e sexualidade	131
4.3 – Lembrar e recriar	140
4.3.1 – Lembranças encobridoras e lembranças infantis	141
4.3.2 – “Lembrar” criativo	147
4.3.3 – Lembrar, interpretar e re-significar	153
5 – Conclusão	159
Referências Bibliográficas	167

1 – Introdução

O presente texto versa sobre a concepção de memória subjacente aos primeiros escritos freudianos. Entremeada e implícita nos textos tanto teóricos quanto clínicos, a sua especificidade só se torna evidente quando consideradas em conjunto as três dimensões da memória: registro, conservação e evocação.

De forma diferente ao senso comum, que pensa a memória como a função psíquica de armazenamento de experiências disponíveis até precisarmos reproduzi-las, Freud a enxerga possuindo caráter criativo. Em geral, o saber comum a concebe como passiva e fundamental, uma vez que ela representa o patrimônio intelectual, emocional e prático do qual dispomos na medida de nossa capacidade de conservá-lo. Conservação e lembrança seriam as palavras-chave. Conservamos o que experimentamos. Lembramos o que conservamos. Para Freud, trata-se de relações com um grau maior de complexidade.

O seu tratamento difere também do preponderantemente experimental de final do século XIX, quando o estudo da memória é assumido pela psicologia e pela biologia (SQUIRE e KANDEL, 2003, p. 14). Na época, Ebbinghaus e William James examinaram aspectos quantitativos da mesma. Eles a entenderam como um receptáculo divisível em compartimentos segundo o tempo de conservação de seu conteúdo. Com uma outra abordagem, Freud vai pensar a memória como “uma seqüência de aceitações e rejeições” segundo padrões morais (RIEFF, 1979, p.59).

Embora seja o tema onipresente na teoria freudiana e o domínio privilegiado de estudo (SIMANKE, 1994, p. 51), seu tratamento não foi sistematizado e unificado por seu autor, especificamente como teoria da memória. Todavia, na frase “*os histéricos sofrem de reminiscências*” já estava preanunciado o seu programa de trabalho. A transição da neurofisiologia à clínica repercute nessa peculiar maneira de Freud olhar a questão. Doravante, o leque de preocupações estará centrado na questão clínica.

A teoria freudiana diverge ainda da aproximação com a biologia contemporânea, de acordo com a qual Rosenfield postula na evocação uma atividade criativa do que falta na cadeia de recordações. À luz de concepções biológicas, Israel Rosenfield observa que o trabalho de recuperação das lacunas na memória implica em interpretação desde o presente. Freud teria se enganado ao supor uma verdadeira recuperação de conteúdos conservados.

Se considerarmos a concepção freudiana em seu conjunto, sem dúvida a memória apresenta-se como uma atividade criativa; porém, não apenas na evocação. Rosenfield observa no âmago da teoria uma certa tensão entre a tese da conservação permanente de conteúdos e a idéia de lembranças fragmentárias cujas lacunas são salvas por uma atividade interpretativa (1994, p. 76 e ss.). A questão é se essa implica em um trabalho de construção ou de recuperação.

A memória guarda a experiência passada, sustentando e dando continuidade à identidade pessoal. Acontecimentos, sofrimentos, alegrias, prazeres vivenciados constituem, no seu conjunto, a história e a identidade pessoais. Experimentados no passado, têm sua significação para o presente e, inversamente, no presente para o passado. Freud postula uma atividade criativa tanto na função de registro quanto nas de conservação e de evocação. Para ele nem sempre se conserva algo acontecido, pode, também, tratar-se de meros conteúdos representacionais apresentados como acontecidos.

No presente texto, propomo-nos a examinar como Freud começa a pensar a noção de memória. Em especial, atentamos para aqueles elementos conceituais que definem o caráter criativo da mesma, tanto na função de registro e conservação como de rememoração. Perguntamo-nos pelos seus pressupostos e pelo seu alcance. A tese desenvolvida aqui afirma basicamente que o caráter criativo das três dimensões da memória se fundamenta em um certo associacionismo *sui generis* sustentado por Freud.

Referências explícitas do autor ao empirismo, nomeadamente a John Stuart Mill, fizeram-nos examinar a sua influência. Sem pretensão de afirmar o seu predomínio, observamos aspectos da tese associacionista presentes nos primórdios da teoria freudiana. Esses aspectos deixam claro que a posição freudiana é singular e, portanto, não identificável com qualquer outra teoria acerca do funcionamento associativo.

À medida que avançamos cronologicamente na obra, a reivindicação do papel central hegemônico da experiência real, nítido nos textos sobre as afasias, no *Projeto* e nos *Estudos sobre a histeria*, vai se ofuscando em favor de uma posição mais nuançada em que a realidade subjetiva vai cobrando maior relevância como fator determinante da vida psíquica.

Da preocupação por esclarecer o registro das experiências vividas pelo sujeito chegaremos ao registro mnêmico do meramente desejado. Mudança de perspectiva que corresponde, como observa Gabbi Jr., a etapas diferentes na concepção freudiana do funcionamento psíquico (1985 p.12). Definido isso, no que segue, vamos considerar especialmente a obra nas etapas iniciais desde o texto sobre as afasias até a *Psicopatologia da vida quotidiana*.

Quanto à maneira de proceder, a intenção é fazer uma leitura imanente à obra de Freud de acordo com a caracterização estabelecida por Monzani em *Freud: O movimento*

de um pensamento (1989, p. 21). De acordo com isso, consideramos o discurso freudiano entre 1891 e 1901 conferindo-lhe o “estatuto de um texto” para “tratá-lo como uma rede, um tecido de significações que vale a pena ser explicitado, comentado, discutido e interpretado” (1989, p. 23). Especificamente, o propósito é evidenciar a trama dos conceitos que subjazem e configuram a concepção de memória nesse discurso. Se recorrermos a outros autores, não o fazemos com o intuito de aprofundar nas respectivas teorias, mas com vistas ao esclarecimento conceitual das teses freudianas.

Nos textos do período acima indicado, salientamos três pontos na elaboração freudiana da memória que nos parecem decisivos para alcançar nosso propósito. O primeiro ponto que queremos evidenciar é o papel do registro da experiência real. O segundo diz respeito à complexidade, à não-linearidade e à modificação tanto do registro quanto da conservação de experiências. O terceiro afirma a possibilidade de registrar também o desejado. Cada um desses pontos contribui a definir o caráter criativo da memória e constitui o núcleo do respectivo capítulo de acordo com a seqüência indicada.

O capítulo “Memória e experiência real” abrange três seções. A primeira, “Da neurofisiologia à psicologia”, tece considerações metodológico-epistemológicas que apresentam a especificidade da abordagem freudiana em torno da concepção de representação. A segunda, “O conceito de representação”, apresenta a noção de representação na *Auffassung* e no *Entwurf*, salientando a importância da dimensão quantitativa introduzida nesse último. A terceira, “Processos psíquicos e experiência”, equaciona o papel da experiência e da memória desta para a vida psíquica.

“Memória: registro e conservação” desdobra-se em “Diacronia e aparelho psíquico”, “Inscrição e transcrição” e “O conceito de associação”. Em primeiro lugar, evidenciamos em que sentido a diacronia outorga caráter específico à concepção freudiana da memória.

Em segundo, examinamos a natureza do traço mnêmico enquanto signo no marco de uma “metafórica do traço escrito” – como denomina Derrida à terminologia adotada por Freud a partir da *Carta 52* para se referir à memória – e as suas possibilidades transcrição/tradução. Em terceiro, analisamos os mecanismos associativos no funcionamento da memória, em especial os fenômenos de *a posteriori* e dos processos associativos do trabalho onírico.

Por último, “Memória: evocação e desejo” encontra-se articulado em “Associação, temporalidade psíquica e sentido”, “Sobre esquecimento e recalque” e “Lembrar e interpretar”. Na primeira seção, observamos como as recordações associadas, ao anular a temporalidade cronológica, estabelecem novos sentidos. A seguir, tratamos as formas da ausência de memória, o esquecimento, nos detendo nas características próprias do recalque e sua relação com a sexualidade. Finalmente, a noção de lembranças encobridoras evidencia o caráter criativo da memória, introduzindo o questionamento de que fazemos realmente quando lembramos. Examinamos em que medida a atividade de recordar envolve interpretar e re-significar. Ao longo dos capítulos, constatamos como Freud, não aderindo a uma visão da memória como mera reprodução do efetivamente vivenciado, acentua cada vez mais o seu caráter criativo. Convidamos o leitor a nos acompanhar na progressiva explicitação do mesmo.

2 – Memória e experiência real

Neste capítulo examinamos quais elementos para uma concepção de memória encontramos nos textos *Sobre a concepção da afasia* (*Zür Auffassung der Aphasien*, daqui a diante mencionado como *Auffassung*), no *Projeto de uma psicologia científica* (*Entwurf die Psychologie*, em diante, *Entwurf*) e nos *Estudos sobre histeria* (*Studien über Hysterie*, em diante, *Studien*) bases da elaboração subsequente. Pretendemos mostrar como os conceitos de traço mnêmico, de representação, de afeto e de associação constituem os elementos fundamentais para compreender em que sentido se pode dizer, nesse momento da teorização freudiana, que a experiência real predomina sobre os outros fatores da vida psíquica.

2.1 – Da neurofisiologia à psicologia

Se compararmos a *Auffassung* e o *Entwurf*, neles podem detectar-se o que parecem ser duas preocupações epistemológico-metodológicas diferentes, senão divergentes. Tais diferenças poder-se-iam atribuir tanto ao momento inicial da teorização quanto a aspectos diversos do fenômeno psíquico. Tal comparação interessa, aqui, pelas suas conseqüências para pensar o conceito de representação¹.

¹ Uma primeira versão de parte desta seção foi publicada sob o título “Representação e traço mnêmico no texto freudiano sobre as afasias” in: *Revista de Filosofia*, PUCPR, v. 17, n. 20 (jan./jun. 2005)

O tema da primeira obra é, justamente, uma consideração sobre as afasias, cujo estudo, na época, estava dominado pela perspectiva localizacionista de Lichtheim e Wernicke à qual Freud vai se opor. Logo no início, ele explicita as hipóteses que irá questionar: a primeira refere-se à distinção entre as afasias causadas pela destruição dos centros e as causadas pela destruição das conexões entre os centros. A segunda visa à relação topográfica entre os centros individuais da linguagem. O localizacionismo, alvo da crítica deste texto, defendia a restrição das funções nervosas a áreas anatômicas definíveis. Contra essa noção, e a favor de uma perspectiva funcionalista que não descarta a localização anatômica, é que Freud vai estruturar a sua concepção sobre as afasias.

Os primeiros quatro capítulos apresentam um exame minucioso das concepções de Wernicke, Lichtheim e Grashey. No capítulo quinto Freud aborda as noções neurológicas de Meynert que inspiram a teoria de Wernicke e Lichtheim sobre um aparelho de linguagem constituído por centros no córtex, em cujas células estariam armazenadas as imagens das palavras. Separados entre si por espaço cortical sem função, os centros da linguagem estariam ligados por conduções.

Com base na crítica ao modelo anterior, Freud propõe uma área de linguagem² na qual não mais se reconhecem centros, mas pontos nodais de entrecruzamento de vias de conexão sem hiatos funcionais. De modo que os centros postulados por Wernicke passam a ser explicados por áreas corticais receptivas e motoras adjacentes e pelos feixes de fibras cruzados. Resultado disso, a distinção entre afasias centrais e de condução deixa de valer, pois todos os distúrbios de linguagem originar-se-iam na interrupção das associações, i. e., das conduções.

² Segundo Forrester essa seria uma das contribuições mais significativas de Freud para o estudo das afasias.

Da argumentação de Freud contra tal concepção nos interessa aqui a objeção a Wernicke quando sustenta que as sensações simples estariam localizadas nas terminações centrais dos nervos sensoriais.

Visto a tendência de períodos anteriores da história da medicina a localizar faculdades mentais na sua totalidade, tal como as define a terminologia psicológica, em certas áreas do cérebro, teve necessariamente de parecer um grande progresso quando Wernicke declarou que somente os elementos psíquicos mais simples, a saber, as diferentes percepções sensoriais, podiam ser localizadas no córtex (...) Porém, não se comete, em princípio, um mesmo erro tanto quando se tenta localizar um conceito complicado como toda uma faculdade ou um elemento psíquico? (FREUD, [1891] 1992, p. 97; 1973, p. 69)

Inspirado em Hughlings Jackson, Freud afirma a necessidade de distinguir entre processos fisiológicos e psíquicos. Em nota de rodapé, Freud cita Jackson denunciando a falácia de transformar, nas explicações, os estados físicos dos centros inferiores em estados psíquicos nos superiores. Um pouco mais adiante ele afirma:

A relação entre a cadeia de sucessos fisiológicos que se dão no sistema nervoso e os processos mentais provavelmente não seja de causa e efeito. Aqueles não cessam quando estes começam; tendem a continuar, mas, a partir de certo momento, um fenômeno mental corresponde a cada parte da cadeia ou a várias partes. O processo psíquico é, por tanto, paralelo ao fisiológico, 'um concomitante dependente'. (FREUD, [1891] 1992, p. 98; 1973, p.70)

Com efeito, tratar-se-iam de duas séries de processos diferentes, paralelas entre as quais não caberia estabelecer relações de causa e efeito em sentido estrito e ponto a ponto. Afirmar que uma idéia ou representação está localizada na célula nervosa resulta, segundo Freud, da confusão entre o fisiológico, pouco conhecido, e o psicológico, mais conhecido

para a época. As modificações fisiológicas são um tipo de fenômeno diferente das idéias, mas que, por desconhecimento das primeiras, acabar-se-ia atribuindo características das segundas. Essa situação, na opinião de Freud, daria lugar a uma inferência sem nenhum fundamento: como as idéias simples são elementares e reconhecíveis, então as modificações fisiológicas concomitantes teriam de ser localizáveis.

No que tange ao parágrafo citado, precisamos salientar alguns pontos. Em primeiro lugar, Freud fala em cadeia de sucessos fisiológicos do sistema nervoso, ou seja, não se refere a processos isolados, mas ao sistema nervoso como um todo. Em segundo lugar, entre tal cadeia e os processos mentais não haveria relação causal, uma vez que isso suporia, por um lado, que aos eventos fisiológicos se seguiriam os mentais como seus efeitos. Porém, os primeiros não cessam quando começam os segundos; ao contrário, há uma certa coexistência entre eles identificada como concomitância dependente dos processos psíquicos em relação aos físicos. Por outro, existe a dificuldade de postular relações causais entre fenômenos de natureza completamente diversa.

Logo a seguir, Freud introduz a questão do traço mnêmico perguntando-se pelo correlato fisiológico da idéia que surge pela primeira vez ou daquela que volta a surgir. Tal correlato é caracterizado possuindo caráter processual, ou seja, não-estático, mas localizável. Começando em um ponto específico do córtex se estende por ele todo e ao longo de certas vias:

Quando esse fato tem lugar, deixa atrás de si uma modificação, com a possibilidade de uma lembrança, na parte do córtex afetado. É muito duvidoso que esse sucesso fisiológico esteja associado de algum modo com algo psíquico. Nossa consciência não contém nada que, desde o ponto de vista psicológico, possa justificar o termo “imagem latente da lembrança”. No entanto, cada vez que o mesmo estado cortical volta a ser suscitado, o sucesso psíquico

anterior surge novamente como lembrança. ([1891] 1992, p. 99-100; 1973, p. 71)

Freud se vale dessa breve descrição de traço mnêmico³ para problematizar a relação entre processos físicos e psíquicos. Se estes últimos são identificados com processos conscientes, não há indício de ligação entre ambos os tipos de processos e, no entanto, cada vez que se apresenta o mesmo estado cortical, segue-se a lembrança. O parágrafo pretende ser uma aplicação do princípio de distinção entre processos fisiológicos e psicológicos sem por isso deixar de constatar uma certa relação de concomitância.

Strachey⁴ vai além, sugerindo que Freud sustentaria aqui um tipo de paralelismo psicofísico. Contudo, por um lado, se paralelismo psicofísico quer dizer duas substâncias, ou seja, se essa posição supõe compromisso com um dualismo ontológico⁵, então ela não parece condizente nem com a esperança sempre enunciada acerca de um dia a psicanálise vir a ser substituída por tratamentos químicos, nem com a tentativa do *Projeto* de escrever uma psicologia em termos neurológicos. A crença na existência de dois tipos de realidades heterogêneas e, portanto, específicas e irreduzíveis entre si, não teria razão em sustentar a confiança em que uma das substâncias prime sobre a outra.

Por outro, a tese do paralelismo derivada do dualismo de substância implica em que não há qualquer relação causal entre uma substância e a outra, aspecto que, ao contrário, parece sugerido na expressão “concomitante dependente”. Pois, que significa senão a

³ Nascido no âmbito neurofisiológico o conceito de traço mnêmico parece conservar sempre um certo lastro físico que caracteriza sua natureza como fronteira entre o orgânico e o psicológico.

⁴ Um dos apêndices que Strachey acrescenta ao artigo sobre *O Inconsciente*, reproduz esses parágrafos do texto sobre a afasia intitulando-os “O paralelismo psicofísico”, AE XIV, p. 204-206.

⁵ No que segue nos servimos da sistematização de Paul Churchland, “O problema ontológico (o problema mente-corpo)”, na sua obra *Matéria e consciência: uma introdução contemporânea à filosofia da mente*, trad. Maria Clara Cescato, São Paulo, UNESP, 2004. Entre os defensores contemporâneos do dualismo aos quais se refere o autor, encontram-se Thomas Nagel, Alan Chalmers, Karl Popper e John Eccles.

dependência, nesse caso? O mental como concomitante dependente indica prioridade ontológica dos processos físicos, como seria o caso de uma posição epifenomenalista, onde o dualismo não é referido à substância, mas a propriedades da mesma. Com efeito, essa teoria entende que os fenômenos mentais são causados pela atividade cerebral (CHURCHLAND, 2004, p. 31). Para essa variante e outras similares de dualismo, não haveria incompatibilidade, pelo menos em princípio, com a substituição da psicanálise por uma terapia química, nem com o *Projeto*.

No que concerne à concepção freudiana de mente e sua relação com o corpo, não existe acordo. Sobre a citação anterior à última, mas em relação ao mesmo ponto, Nagel comenta que:

[...] em lugar de uma alternância e interação entre processos físicos inconscientes e processos mentais conscientes, [trata-se de] um sistema causal completo, no qual, no entanto, alguns processos têm também a propriedade de consciência, ou têm concomitantes conscientes. O mental aparece, então, como o efeito de certo tipo de processo físico. (2000, p. 26)

Em outras palavras, segundo Nagel, Freud pensaria que tanto os processos conscientes como os inconscientes são físicos, ainda que por enquanto apenas pensáveis na sua manifestação mental. De forma semelhante, ainda que não igual, Solomon (1976, pp. 63-4) indica que não existe correlação um a um entre acontecimentos mentais e físicos; antes tratar-se-ia de uma equivalência funcional postulada por Freud entre sistema nervoso e (o que no futuro será denominado) aparelho psíquico.

Voltando ao traço mnêmico, ele consiste em um processo localizável, mas em um sentido não estrito, uma vez que, embora comece em um ponto específico, se difunde por todo o córtex. Toda vez que esse estado cerebral é ativado, surge o mesmo estado mental.

A localização dos correlatos fisiológicos da percepção e da associação é, portanto, idêntica, e como a localização de uma percepção não significa outra coisa que a localização de seu correlato, é impossível para nós contar com uma localização separada para cada um deles. (FREUD, [1891] 1992, p. 100-101; 1973, p. 71-72)

Não há localização da percepção, mas sim do seu correlato fisiológico, assim como não há, tampouco, localização da associação, mas do seu correlato – o mesmo da percepção⁶. Podemos ler esse parágrafo como uma tentativa de sistematizar o imperativo jacksoniano de distinção de ordens explicativas.

Trata-se, para Freud, parece-nos, de um problema metodológico antes do que de uma questão ontológica. Como observa Klimovsky, optar pelo dualismo metodológico não obriga a um compromisso ontológico determinado. Assim, se Freud sustenta uma posição ontológica monista, como a sugerida por Nagel, então o fisiológico e o psíquico poderiam ser concebidos como duas maneiras diferentes de olhar o mesmo (KLIMOVSKY, 1995, p.313-314).

Um texto de 1897 de Theodor Lipps, *O conceito de inconsciente na psicologia*⁷, evidencia a pertinência para a época dessa discussão metodológica em torno da psicologia, concordando com a distinção entre ontológico ou metafísico, por uma parte, e metodológico, por outra:

Aquilo que pertence a esse encadeamento e que, nessa medida, é psíquico pode muito bem, ao mesmo tempo, pertencer a um encadeamento fisiológico e, desse modo, ser fisiológico. (LIPPS, 2001, p.352)

⁶ Desde uma outra abordagem em *A interpretação dos sonhos*, Freud especifica que a base para associação é o traço mnêmico. Isso se relaciona com a incompatibilidade entre consciência e memória. Sobre isto voltaremos quando tratarmos sobre a diferença entre percepção e representação.

⁷ Texto traduzido por Zeljko Loparic in *Natureza Humana*, 3(2), jul.-dez., 2001

Um pouco mais adiante o autor acrescenta:

[...] a psicologia é uma ciência empírica e, como tal, não lhe é permitido fazer hipóteses metafísicas. Ora, aquela identificação {do psíquico com o fisiológico} é uma questão metafísica que ultrapassa a experiência. (LIPPS, 2001, p.353)

Lipps não descarta o monismo ontológico; simplesmente não se manifesta a respeito por considerar que não há elementos científicos para isso. Loparic⁸ observa que esse filósofo é mencionado pela primeira vez por Freud em uma carta a Fliess de agosto de 1898, salientando o papel do mesmo na transformação científica freudiana. Embora em 1891 ainda não tivesse contato com Lipps, é notável o acordo entre eles na preocupação metodológico-teórica acerca da distinção entre o fisiológico e o psicológico da qual Freud argumenta contra os pressupostos localizacionistas. Reflexão metodológica que se encontra em pleno processo de elaboração já no texto acerca das afasias e que contribuiria com a criação da psicanálise. Lipps afirma:

A psicofisiologia de nossos dias caminha, completa e necessariamente, nos rastros da psicologia. As assim chamadas explicações fisiológicas de fenômenos psíquicos são a tradução do conhecimento psicológico, efetivo ou suposto, da linguagem da psicologia para a linguagem da fisiologia do cérebro. Não há, em sentido próprio, uma psicologia fisiológica, ou seja, uma visão do encadeamento e da conformidade a leis dos processos psíquicos, que seria alcançada, em primeiro lugar, no campo da fisiologia. (LIPPS, 2001, p. 355)

A respeito, Mill defendia anteriormente:

Existe uma ciência do Espírito [psicologia] distinta e separada porque a ordem dos fenômenos mentais deve ser

⁸ LOPARIC, Zeljko, Theodor Lipps: uma fonte esquecida do paradigma freudiano, *Natureza Humana*, 3 (2): 315-331, jul.-dez. 2001.

estudada nesses fenômenos e não inferidos de leis de fenômenos mais gerais. Sem dúvida, não se deve perder de vista as relações dessa ciência com a fisiologia. Leis do espírito podem ser leis derivadas de leis da vida animal. Mas por outra parte, negar-se as fontes e os recursos da análise psicológica e pretender edificar a teoria do espírito exclusivamente nos dados que atualmente fornece a fisiologia é um grande erro. (2002, L.IV, p.22)

A afirmação de Mill sobre a continuidade entre leis do espírito e leis da vida animal merece um destaque especial. O autor não nega que a natureza última dos fenômenos mentais e dos fisiológicos seja a mesma. O que ele reivindica, assim como Lipps, é a necessidade de uma abordagem própria que faça jus à especificidade do mental evitando a redução deste ao fisiológico.

Nas citações ecoam, sem dúvidas, as inquietações freudianas acerca da distinção e traduzibilidade entre fisiologia e psicologia, presentes no texto que estamos examinando. Todavia, também, pode-se pensar que essas dificuldades desafiaram Freud levando-o à empreitada intelectual do *Projeto* sobre a qual não teria muita confiança de sucesso, pois a *Auffassung* parece preanunciar a mudança metodológica pós *Projeto*. De forma mais taxativa, Monzani defende a continuidade desde 1891 dos princípios e orientações teóricas nas obras publicadas, considerando o *Projeto* uma ruptura da mesma (MONZANI, 1989a p.136-137). Ao contrário, Simanke sustenta a continuidade entre ambos os textos negando a este último o caráter de desvio no pensamento freudiano (2005, p.15).

Como acima mencionado, o último capítulo da *Auffassung*, centrado no exame da palavra, unidade funcional da linguagem, desenvolve uma perspectiva diferente dos anteriores. Virada que parece ser uma opção metodológica consequência de restrições científico-tecnológicas da época, assim como do crescente interesse de Freud pela clínica.

Considerações fisiológicas à parte, ele elabora os conceitos de representação-palavra e de representação-objeto para inferir deles uma classificação nova das afasias em termos de distúrbios associativos. Resumindo, envereda para uma análise baseada no conceito de representação como composto de representação-palavra e representação-objeto.

A mudança para um ponto de vista mentalista pode ser interpretada como a adoção de uma das duas formas possíveis de abordar o mesmo fenômeno: como se fossem duas línguas diferentes para falar do mesmo. Em ambas, o que Freud enfatiza é a perspectiva funcionalista e a consideração de cada um dos sistemas, o nervoso e o psíquico, como todos unitários separados. Tal opção obedeceria, então, às razões, por ele mesmo aludidas, acerca da falta maior de conhecimentos no campo das explicações neurofisiológicas do que no das psicológicas, como também acenaria para sua preocupação clínica⁹.

Ao contrário, o *Projeto* representa a tentativa de explicar a vida psíquica em termos físicos, o que evidenciaria sua aspiração metodológica monista resultante de uma convicção metafísica. Como se Freud se permitisse no manuscrito uma licença cientificamente inaceitável, razão pela qual ele nunca quis publicá-lo. Mesmo assim, e quiçá também por isso mesmo, é lugar comum reconhecer a contribuição desse texto para a compreensão da teoria.

Em especial, é em torno da noção de excitação e afeto que se pode apreciar como o *Entwurf* funciona como dobradiça entre o olhar neurofisiológico e o psicológico. A observação clínica das representações hiper-intensas¹⁰ fornece o material para pensar a

⁹ Certos comentários na *Auffassung* como a continuidade entre normal e patológico, a influência do emocional sobre o funcionamento do aparelho da fala, etc., parecem remeter a observações clínicas.

¹⁰ Uma idéia instigante em relação a isso fornece Osmir Faria Gabbi Jr. em suas *Notas a Projeto de uma psicologia*, nota 4 em que cita Freud em “Sobre a psicoterapia da histeria”: “Trabalho esta última parte da exposição com a expectativa de que as características psíquicas que serão descobertas aqui possam um dia alcançar um certo valor como matéria-prima para uma dinâmica da idéia” e comenta que um dos objetivos do

noção de quantidade, pedra basal do texto. Com efeito, trata-se de apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais comprováveis; os neurônios. De modo que as duas concepções fundamentais do texto são a já mencionada da quantidade e a dos neurônios¹¹. Na Carta a Fliess de 25 de maio de 1895, Freud identifica as duas ambições que o atormentavam:

[...] examinar que forma irá assumir a teoria do funcionamento mental, se introduzirmos considerações quantitativas, uma espécie de economia das forças nervosas, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia um lucro para a psicologia normal. (MASSON, 1986, p. 130)¹²

Na obra freudiana, a noção de montante de energia ou soma de excitação¹³ aparece em textos anteriores ao *Projeto* como, por exemplo, *Histeria*, de 1888, em que o autor fala das perturbações psíquicas próprias desse transtorno como de “modificações na distribuição normal, sobre o sistema nervoso, das magnitudes estáveis de excitação” ([1988] 1976, AE, I, p. 54). Em *As neuropsicoses de defesa*, de 1894, afirma:

[...] nas funções psíquicas cabe distinguir algo (montante de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade – ainda que não possuamos meio algum para medi-la –; algo que é suscetível de acréscimo, diminuição, deslocamento e descarga, e se difunde pelos traços mnêmicos das representações como o faria uma carga elétrica pela

Projeto é o de elaborar esta dinâmica. Na mesma nota retoma a observação de Silverstein de que o *Projeto* foi o capítulo teórico que teria gostado para os *Estudos sobre Histeria*.

¹¹ Em relação aos neurônios, Strachey observa que Freud vinha trabalhando sobre a estrutura do sistema nervoso em uma série de conferências desde 1879 que teriam contribuído com a formulação da teoria do neurônio por parte de Waldeyer em 1891 ([1897] 1976, volume III, p. 226, n. 5).

¹² Mais tarde, no *Projeto*, a idéia de quantidades em fluxo ocupando neurônios e os trilhos entre os mesmos, parece estabelecer os alicerces para a futura concepção metapsicológica do econômico.

¹³ O termo “quantidade” referido à estimulação do sistema nervoso central já era usado na época. Na Parte Teórica dos *Estudos sobre histeria* falando acerca da energia tônica intracerebral, Breuer afirma que a concepção da energia do sistema nervoso central como uma quantidade que se distribui de forma variável pelo encéfalo aparece já no autor do início do século chamado Cabanis. ([1893-95] 1976, AE, volume II, página 207, nota 7).

superfície dos corpos. ([1894] 1952, GW, I, p. 74; 1976, AE, III, p.61)

Em seu espírito geral, a concepção quantitativa já se encontra esboçada. De forma mais específica, o *Projeto* define quantidade como a diferença entre o repouso e a atividade que se encontra submetida às leis mecânicas. Assim, o aparelho psíquico é concebido como receptor e processador de quantidades externas e internas. Este não cumpre apenas a função primária de descarregar quantidade, mas também a secundária de fuga do estímulo através da ação específica que demanda retê-la. Por esta razão, o aparelho tem a tendência de manter um mínimo de quantidade necessário para poder cumprir sua função.

Quanto à teoria dos neurônios, Freud estabelece identidade entre eles. Todos possuem a mesma constituição dada pelas prolongações celulares que recebem quantidade e os cilindros-eixo que a livram. A diferença entre os três tipos de neurônios $\phi\psi\omega$ explica-se com base na diferença de destino dos mesmos: ϕ lida com quantidades externas via terminais nervosos protegendo os restantes sistemas de modo que ψ e ω recebem quantidades endógenas cada vez menores. Identidade de arquitetura, diferença de destino é a fórmula freudiana que sintetiza o porquê da distinção entre os neurônios.

Com vistas à função secundária, os neurônios apresentam resistências à descarga, chamadas de barreiras de contato. Os neurônios ϕ , permeáveis, não operam resistência frente à intensidade das quantidades externas, enquanto que nos ψ , impermeáveis, as barreiras-contato funcionam ao tratar-se de intensidades menores podendo mudar a cada decurso de excitação. Com a passagem de quantidade, as barreiras-contato tornam-se mais suscetíveis de condução, estabelecendo facilitações que explicam a memória.

Como fica evidente, o objetivo difere do de 1891. Neste momento, Freud busca estabelecer uma psicologia nos moldes da ciência natural e, portanto, as explicações

envolvendo quantidades e neurônios devem responder ao tipo mecânico e biológico¹⁴. Ambas as classes de explicação convivem se complementando, mas com certa hierarquia. Com efeito, Freud serve-se das biológicas para reforçar as teses e argumentações principais, ou seja, as mecânicas, mas são estas últimas as que dão conta da possibilidade de realização material dos processos biológicos do organismo¹⁵.

A arbitrariedade das construções *ad hoc* é diminuída quando as hipóteses podem ser confirmadas desde mais de um ponto de vista. Esse é justamente o papel cumprido pela biologia no *Projeto* ([1895 – 1950] 2003, p. 181; 1976, AE, v I, p. 346). Freud sustenta, em geral, que as ações humanas levam à redução da quantidade no sistema nervoso, o que resulta prazeroso e adaptativo. O fundamento biológico, ainda que com validade própria, pode ser reduzido a princípios mecânicos (GABBI Jr., 2003, pp. 61-2, nota 118).

Desde a posição dualista não-metafísica, sustentada na *Auffassung*, a objeção central à tentativa reducionista do *Projeto* reside em que esta não consegue dar conta dos aspectos especificamente mentais. A crítica não gira apenas em torno à dificuldade de mostrar a forma em que as quantidades se transformam em qualidades¹⁶, mas também como se articulam e complementam a dimensão de sentido com a dimensão material. Todavia, embora considerada por seu autor uma tentativa fracassada, o *Projeto* abre uma perspectiva

¹⁴ Strachey define em uma nota: “Uma explicação ‘mecânica’ (ou ‘automática’, palavra que às vezes utiliza como sinônimo) é aquela na que o fenômeno estudado está determinado em forma direta por sucessos físicos contemporâneos a esse; a explicação “biológica” é a que indica a determinação genética do fenômeno, por seu valor de sobrevivência para a espécie” (1976, AE, v I, páginas 349-50, nota 27).

¹⁵ Devemos essa observação a Richard Theisen Simanke.

¹⁶ Isso já seria bastante problemático uma vez que Freud indica a necessidade de uma teoria psicológica explicar — além da memória ([1895 - 1950] 2003, p.178; 1976, AE, v. I, p. 343) — a consciência ([1895 - 1950] 2003, p. 186; 1976, AE, v I, p. 352).

importante para o desenvolvimento ulterior da teoria que se pode apreciar no desdobramento da vivência psíquica nos aspectos afetivo e representativo¹⁷.

Como veremos, a diferenciação entre os sistemas ϕ, ψ e ω , no *Entwurf*, além de ter outorgado um lugar central ao aspecto afetivo, permite dar conta do caráter inconsciente de parte das representações e, assim, fornecer um modelo teórico do funcionamento psíquico para explicar tanto a psicopatologia quanto os processos normais. Nos textos posteriores ao *Projeto*, a elaboração freudiana irá passar pelo processo de tradução da linguagem neurofisiológica para a psicológica, porém se tendo beneficiado com essa etapa.

2.2 – O conceito de Representação

Esta seção¹⁸ apresenta o conceito de representação em três subseções. Em primeiro lugar, “Percepção, representação e traço mnêmico” distingue entre percepção e representação, por uma parte, e representação e traço mnêmico, por outra. Em segundo lugar, examina-se a noção de *das Ding*, a qual, apesar de abandonada logo depois do *Entwurf*, é importante por evidenciar questões que dizem respeito à função referencial das representações. Por último, salienta-se a dimensão do afeto, fundamental para compreender a concepção freudiana.

2.2.1 – Percepção, representação e traço mnêmico

No horizonte metodológico acima descrito, o texto sobre as afasias descreve a representação-palavra como um complexo construído com base em um intrincado processo

¹⁷ Freud teria desistido do aspecto metodológico do *Projeto*, não assim do transfundo materialista do seu pensamento.

¹⁸ Uma primeira versão foi publicada sob o título “O conceito de representação da *Auffassung* ao *Entwurf*” in: *Natureza humana: Revista de Filosofia e Psicanálise*, PUC-SP, v. 8, n.especial 2, outubro 2006.

de associações visuais, acústicas e cinestésicas (FREUD, [1891] 1992, p. 117; 1973, p. 86). Ela adquire significado quando associada ao objeto que nomeia (FREUD, [1891] 1992, p.121, fig. 8; 1973, p. 91, fig. 8). Emprestado de Mill, o conceito de representação-objeto também se caracteriza por ser um complexo de associações de imagens visuais, táteis, auditivas, cinestésicas e outras.

Freud menciona a concepção de Mill acerca de o objeto ser, justamente, o conjunto de qualidades transmitidas através dos sentidos (2002, L.I, cap.III, §7). Neste, Freud estabelece a referência extralingüística da noção de representação sustentando, assim, uma concepção denotativa da linguagem, semelhante à de Mill¹⁹ e derivada do conceito de objeto deste último (2002, L.I, cap.II, p.32). Se o objeto não é senão o conjunto das suas qualidades, não existindo nada como a coisa em si, então a representação-palavra, ao se associar com o complexo de imagens do objeto, está se associando ao objeto propriamente dito. Em outros termos, o objeto, – entendido como o conjunto das sensações que desperta – é referido pela palavra à qual se encontra ligado (MILL, 2002, L.I, Cap.II, p.31).

Embora conserve as noções de complexos de associações para a representação-palavra e para representação-objeto, o conceito de representação, no *Projeto*, apresenta um grau maior de complexidade ao inserir-se no marco do aparelho psíquico. Em primeiro lugar, devemos diferenciar representação de percepção. Esta consiste na ocupação de neurônios ϕ por quantidades externas cujo signo de qualidade, fornecedor do caráter consciente, é aportado desde ω . Diferente desta, a representação consiste na ocupação de

¹⁹ Quanto à referência dos nomes, Mill contrapõe duas concepções: ou bem eles são nomes das idéias que temos sobre as coisas, ou bem eles nomeiam as coisas. Esta última é a tese defendida por ele: “Quando eu digo: ‘O sol é a causa do dia’ não entendo que minha idéia do sol causa ou excita em mim a idéia do dia, ou, em outros termos, que pensar acerca do sol me faz pensar acerca do dia. Entendo que um certo fato físico, chamado presença do sol (que, em última análise, se resolve em sensações e não em idéias) causa um outro fato físico chamado de dia.” [...] “É necessário considerar uma palavra como o Nome [...] da coisa sobre a qual queremos, pela intermediação da palavra, dar informações” (MILL, 2002, L I, Cap. II, p. 32).

traços mnêmicos, ou em outras palavras, uma nova ocupação de neurônios ψ anteriormente facilitados entre si pelo fluxo duma quantidade. Enquanto que uma percepção sempre acarreta, além da quantidade, qualidade, uma representação poderá vir acompanhada de qualidade e, portanto, ser consciente se receber a contribuição de ω , ou, caso contrário, permanecer inconsciente.

Freud diferencia a inscrição da percepção da imagem sensível do objeto ou do fato, não havendo semelhança entre traços e objetos. Por sua vez, a representação distingue-se do traço mnêmico, entendido como arranjo especial de facilitações, pois aquela consiste na ocupação deste. Dito de outro modo, a representação é concebida como a ocupação dos caminhos preferenciais entre neurônios anteriormente estabelecidos. Já o processo perceptivo é o que abre tais caminhos entre neurônios (LAPLANCHE - PONTALIS, 1992, pp. 512-14).

De modo que as noções de traço mnêmico e de representação estão na base da concepção de memória entendida como as diferenças das facilitações entre os neurônios ψ . Ela cumpre as funções de registro e conservação; mais do que isso, ela é, também, a capacidade que as vivências possuem de continuar produzindo efeitos depois de passadas (FREUD, [1895 -1950] 2003, p. 180; 1976, AE, I, p.345).

Os traços mnêmicos são o que resta do curso excitatório entre ϕ , ψ e ω . Dado o ato perceptivo, estabelecem-se os traços mnêmicos que poderão tornar-se rememoração consciente. Os traços mnêmicos não têm qualidades sensíveis dos objetos ou fatos registrados, mas são as condições de possibilidade para que as imagens correspondentes apareçam, desde que investidos e com o aporte de ω , em cujo caso tratar-se-ia de representações conscientes.

Estabelecidos os conceitos de percepção, por uma parte, e de traço mnêmico e representação, por outra, nos interessa observar três conseqüências: a incompatibilidade entre percepção e memória, a distinção entre representações conscientes e inconscientes e a definição da maioria dos processos psíquicos como resultados de operações sobre traços mnêmicos.

No que tange à primeira, o sistema ϕ , caracterizado pela sua permeabilidade, recebe quantidade externa sem retê-la. Incapaz de conservar nenhuma alteração, uma vez que a excitação passou, retorna ao estado originário inalterado para receber novos estímulos. Ao contrário, o sistema ψ , cuja propriedade fundamental é a impermeabilidade, conserva as alterações com a passagem da excitação. Disso se segue a incompatibilidade das funções da percepção e da memória²⁰. A capacidade ilimitada de recepção de excitações e a capacidade de conservar as impressões decorrentes excluem-se. Ambos os tipos de neurônios possuem a mesma estrutura, mas lidam com diferente quantidade de excitação.

Em *A Interpretação dos sonhos*, Freud especifica a relação da associação com os traços mnêmicos desatrelando-a da percepção a que estava ligada na *Auffassung*:²¹

Nossas percepções revelam-se também enlaçadas entre si na memória, sobretudo de acordo com o encontro na simultaneidade que em seu momento tiveram. Chamamos *associação* a esse fato. Agora é claro que se o sistema P não tem memória alguma, tampouco pode conservar os traços para a associação; os elementos P singulares ver-se-iam intoleravelmente impedidos na sua função se contra cada percepção nova se fizesse valer um resto de enlace anterior. Portanto, temos que supor que a base da associação são, antes, os sistemas mnêmicos. ([1900] 1972, SA, II, p. 515; 1976, AE, V, p. 532)

²⁰ Reencontramos essa idéia na *Interpretação dos sonhos* e em *Notas sobre o bloco mágico*.

²¹ Na seção anterior citamos o parágrafo da *Auffassung* em que percepção e associação têm o mesmo correlato fisiológico.

Resultado da incompatibilidade entre perceber e conservar, associação²² e memória são duas caras do mesmo processo da vida psíquica.

A segunda das conseqüências apontadas refere-se à distinção entre representações conscientes e inconscientes. Com efeito, a separação entre os sistemas ϕ , ψ e ω permite romper a identificação representação-consciência, uma vez que para apresentar esse caráter é necessária a contribuição de ω . A partir de esse momento, falar em representação inconsciente ganha um fundamento teórico, impossível no texto de 1891. Freud aborda os processos psíquicos existindo independentemente de uma consciência:

[...] a consciência não proporciona nem conhecimento completo, nem seguro, dos processos neurônicos; cabe considerá-los em primeiro lugar e em toda sua extensão como inconscientes e cabe inferi-los do mesmo modo que as outras coisas naturais. ([1895 – 1950] 2003, p.187; 1976, AE, I, p. 352)

No parágrafo seguinte ele acrescenta:

Consciência é, aqui, o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos no sistema nervoso, isto é, dos processos ω ; e a supressão não deixa inalterada a ocorrência psíquica, mas inclui em si a supressão da contribuição do sistema ω . ([1895 – 1950] 2003, p. 190; 1976, AE, I, pp.355-6)

Importa salientar que se trata de processos psíquicos entendidos como fenômenos físicos e naturais, de modo que a consciência adquire o estatuto de mais uma característica que vem se acrescentar pela intervenção de um determinado tipo de neurônios, ou seja, não pode mais ser pensada como essencial ou definidora dos mesmos²³. A possibilidade de uma

²² De maneira especial, vamos nos deter nesse conceito em 3.3 “O conceito de associação”.

²³ Para a introdução do sentido descritivo e dinâmico do inconsciente no *Projeto...* cf. CAROPRESO, 2005, pp. 998-1002.

representação ser inconsciente transforma o sentido clássico da mesma, nomeadamente se considerarmos que então sua influência torna-se ainda maior.

A terceira das consequências mencionadas evidencia a centralidade da noção de memória, pois os processos psíquicos são caracterizados em função do material registrado e conservado via traços mnêmicos. Com efeito, a memória abrange as funções de registro e de conservação das vivências, com base nas quais o psiquismo cria outras, como afetos e representações de desejos, de pensamentos e, inclusive, as patológicas. Como mais tarde Freud afirma, o psiquismo tem lugar no intervalo entre o aparelho perceptivo e o motor, ou seja, ele está constituído pelo sistema ψ . Sobre essas questões retornaremos nos próximos capítulos.

2.2.2 – Das Ding

À diferença da *Auffassung*, o conceito de representação adquire, no *Projeto*, uma estrutura tríplice constituída por representação-palavra, representação-objeto e representação-coisa. Em relação a 1891, não parece haver muita diferença no que diz respeito à noção dos predicados que podem assimilar-se à associação de propriedades em que se apresenta a representação objeto, nem no referente à noção de palavra formada pelas associações de imagens auditivas, motoras e cinestésicas²⁴ que nomeiam tais propriedades. Se comparados com os conceitos fregueanos, representação-palavra e representação-objeto

²⁴ No pensar, as associações de fala dão as indicações de qualidade que permite explicar a lembrança de pensamento diferente da lembrança de percepção cuja indicação de qualidade vem de ω . Por conseguinte, um pensamento torna-se consciente pela palavra (FORRESTER, 1983, pp. 76-77).

remetem a signo e sentido; a representação-coisa parece, por sua vez, se encaixar como referência²⁵. A questão é de que referência se trata.

A novidade é introduzida na explicação acerca do pensar que consiste em verificar se a percepção – ou o complexo perceptivo – coincide com a representação desiderativa – o complexo mnêmico de desejo. No caso disso acontecer parcialmente, ou seja, o primeiro estar formado por um conjunto de neurônios que pode expressar-se na fórmula (*neurônio a* + *neurônio c*) e o segundo, (*neurônio a* + *neurônio b*), o elemento comum é a representação-coisa ou *neurônio a*. À diferença dos neurônios variáveis ou predicados, o *neurônio a* permanece sempre inconsciente. O que Freud chama de ‘coisas’ seriam “restos subtraídos à apreciação”([1895 – 1950] 2003, p. 210; 1976, AE, v.I, p. 379). Em relação a isso, Gabbi Jr. comenta que ‘as coisas’ escapam ao julgar porque elas o fazem possível (2003, p.82, nota 190). Desse modo, *das Ding*, enquanto entidade estável constituída por uma rede de neurônios, é o que sustenta no pensar judicativo a passagem do *neurônio b* ao *neurônio c*, predicados ou atributos.

No parágrafo 16, acerca do reconhecer e do pensar reprodutivo, o núcleo do eu é comparado com o elemento constante da percepção por um lado; pelo outro, os neurônios ocupados variáveis do manto com o componente perceptivo inconstante²⁶ ([1895 – 1950] 2003, p. 205; 1976, AE, v.I, p. 373). No parágrafo seguinte, a modo de exemplo, estabelece-se a decomposição do complexo do semelhante. Este – primeiro objeto de satisfação, hostil e auxiliador – apresenta-se em percepções novas compostas pelas feições, por exemplo, e outras coincidentes com as recordações de impressões próprias decorrentes

²⁵ Em *O Inconsciente*, Freud muda novamente usando o termo ‘representação de coisa’ em um sentido mais próximo ao de ‘representação de objeto’ da *Auffassung*. Para a distinção clássica entre sentido e referência, cf. o artigo de Frege “Sobre sentido e referência”.

²⁶ No sistema ψ , Freud introduz a distinção manto- núcleo para identificar os neurônios investidos desde ϕ e os investidos desde as conduções endógenas ([1895 – 1950] 2003, p. 194; 1976, AE, v. I, p. 360).

do próprio corpo associadas às lembranças de movimentos próprios ([1895 – 1950] 2003, p. 207-8; 1976, AE, v.I, p. 376-7).

O grito do outro acarreta a recordação do grito próprio e a dor correspondente. Assim, os predicados do complexo do semelhante são reconhecidos pelas inscrições dos movimentos e percepções no corpo próprio. A representação do semelhante apresenta, por sua vez, uma parte constante – as feições – que forma a coisa e uma parte variável – movimentos da mão – que constitui os predicados. A analogia pode ser expressa nos termos seguintes: o núcleo do eu está para as feições como o manto para os movimentos da mão (Gabbi Jr., 2003, p.78, nota 174).

Se admitirmos que *das Ding* serve como referência, encontramos duas grandes linhas de interpretação: uma que gira em torno da constituição psíquica e outra que considera as condições lógico-fenômênicas da predicação. De acordo com esta última, vem à tona a noção de substância que desde Aristóteles é pensada como substrato de atributos²⁷. Todavia, deixando de lado a preocupação ontológica desse filósofo e em vista do contexto em que *das Ding* é introduzido, ou seja, a análise de vivências e formas de pensar, poderíamos tentar aproximar a coisa com o “x vazio” de Locke ou a substância humeana por trás do conjunto de qualidades em que se apresentam os objetos. *Das Ding* pode aludir também à impossibilidade de conhecer completamente, e de uma vez, os objetos, pois sempre haverá características presentificadas potencialmente nos aspectos atuais²⁸. Gabbi Jr. nota a semelhança com o conceito de Mill de coisa como “possibilidade permanente de sensações” (1994, p. 205). Tratar-se-ia, antes do que de um referente positivo, da indicação de um pólo unificador de referência, um construto objeto de crença.

²⁷ Somente a substância é por si mesma, as outras coisas dependem dela para existir. Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, VII, 4, 1029b 14; 1030a – 1030b 14.

²⁸ Essa possibilidade nos foi sugerida por Richard Theisen Simanke.

Entretanto, tais interpretações têm restrições. Elas parecem dar conta de forma mais adequada da noção de *das Ding* no que respeita ao complexo perceptivo, mas não contemplam a origem endógena da quantidade com que estão ocupados os neurônios ψ do núcleo no objeto desiderativo. Se adotássemos esse ponto de vista, então o fato de *das Ding* sempre permanecer inconsciente significaria, simplesmente, falta de explicitação ou de atualização. Porém, como examinado na seção “Processos psíquicos e experiência”, como seu resultado, a vivência de satisfação estabelece uma facilitação entre os neurônios ψ do manto correspondentes ao objeto e ao sinal de descarga da tensão e os neurônios ψ do núcleo correspondentes à excitação proveniente do corpo através das conduções.

Se *das Ding* for caracterizado como uma rede de neurônios ψ do núcleo constantemente ocupados, supõe excitação endógena, o que nos põe nos trilhos da linha alternativa: a coisa como o núcleo do eu ou o delegado da pulsão (GABBI JR, 1993, p. 255, n.18). Mas, se não fossem necessariamente neurônios de ψ do núcleo, então também se poderia cogitar que se trata do registro em estado bruto de experiências definitivamente marcantes para o sujeito que remontam às suas primeiras impressões, na maior parte, prévias à aquisição da linguagem (CAORSI, 1994, pp. 59-61).

Nesse ponto, não devemos negligenciar, primeiro, que a noção que nos ocupa é introduzida no movimento de comparação entre o complexo perceptivo e o desiderativo que o pensar executaria perante um novo estado de desejo. Segundo, que toda percepção é resultado da cooperação dos três sistemas de neurônios, portanto, toda percepção tem seu delegado em ψ ; terceiro, que nesse sistema, não há registro sem associação. Quarto, que no estado desiderativo a finalidade é estabelecer a identidade entre o objeto percebido e o objeto desiderativo. Torna-se, então, inteligível que a representação do complexo

desiderativo modifique toda percepção. Em outras palavras, percebemos, não apenas condicionados pelos estímulos externos, mas também pela nossa memória.

Lacan em *O Seminário*, Livro VII, interpreta *das Ding* como o índice do primeiro exterior, inacessível e estranho, a mãe, objeto impossível e proibido do princípio do prazer. Entretanto, no *Projeto*, encontram-se elementos para conceber tal conceito como se referindo à figura da mãe como ajuda alheia, mas nada, ainda, que faça alusão à mãe enquanto objeto de desejo sexual como Lacan defende. A interpretação lacaniana não considera somente o texto do *Projeto*, o que implica em mudanças conceituais fundamentais como a introdução da teoria da sexualidade infantil e da noção de inconsciente como sistema, entre outras. Em todo caso, Lacan parece salientar, no complexo de representações do semelhante, o *das Ding* como aquilo que permanece inassimilável²⁹.

Se considerarmos a coisa como o núcleo do eu, é razoável pensar o *neurônio b* como neurônio perdido por definição e o *neurônio c* seu substituto, aquele com o qual lidamos no desejo e na percepção (HILTENBRAND, J-P, 2003, nº. 102, p.5)³⁰, pois, objeto de desejo e de satisfação vira objeto substitutivo. Acerca do registro do próximo no eu, Hiltenbrand comenta:

[...] o núcleo da Coisa, ou do Eu, é constituído por certo número de marcas elaboradas a partir do princípio de prazer; a rede de neurônios ψ estando constituída por essas marcas, essa rede constitui a massa constante da Coisa. Mas o que Freud acrescenta nessa segunda descrição, é que em diante esse princípio de prazer é ele próprio comandado pela

²⁹ Como observa Miguel Bairrão, a vivência de satisfação provocada pelo aleitamento materno, como momento da não-diferenciação entre o sujeito e a mãe, leva a identificar esta última como irrepresentável. Lacan articula na sua interpretação os textos freudianos do *Projeto* e de *A negação* caracterizando *das Ding* como o Real das moções pulsionais, forcluído pelo Eu-prazer (SAFATLE, 2006, p. 157).

³⁰ A presente indicação bibliográfica nos foi dada por Conceição Beltrão Fleig.

presença/ausência do Outro, auxiliador ou hostil. (2003, Nº. 102, p.6)

Em primeiro lugar, o núcleo do eu, a coisa, envolve inscrições resultantes das primeiras vivências de satisfação e de dor. Daí a tendência do aparelho a evitar acúmulo de excitação estar modificada pela vivência agradável ou desagradável do outro. Em segundo, a instauração do eu enquanto conjunto de neurônios ocupados de forma estável não apenas propicia a realização do processo secundário, mas também influencia toda entrada de novas excitações no aparelho psíquico. Dessa maneira, o curso da quantidade externa da percepção de objetos exteriores sofre a interferência do eu. Trata-se de certo predomínio do registrado internamente na memória sobre a percepção dos objetos externos.

Em síntese, os complexos de palavra e de objeto cobrem os aspectos fenomênicos da nossa experiência, porém, isso não esgotaria a descrição da experiência. Além do que experimentamos e julgamos dos objetos, existe algo que escapa e, no entanto, formaria parte das representações. Em todo caso, como observa Gabbi Jr., não se trata de algo meramente externo, como sugere a tradução de Amorrortu³¹.

Da introdução da noção de *das Ding* junto às noções de representação de palavra e de objeto, nos interessam duas implicações: a primeira, a suspeita de opacidade, devido ao afeto, da função referencial na representação. A segunda, a noção de coisa como registro mnêmico de excitação, constante e inconsciente, que serve para processar toda nova percepção, aponta a preeminência da memória sobre a percepção, assunto examinado na seção “Processos psíquicos e experiência”.

³¹ Osmyr Faria Gabbi Jr observa que a tradução da edição de Amorrortu do termo *das Ding* pela expressão a coisa do mundo é uma assimilação questionável do núcleo do eu à parte constante da percepção, uma vez que se trata de uma analogia e não de uma identificação (GABBI Jr., O. F., 2003, p.72, nota 154).

2.2.3 – Representação e afeto

Em relação ao tratamento na *Auffassung* acerca de representação, há uma outra diferença a salientar: o tratamento dado à questão do afeto. Embora Freud se refira ao afeto como possível fator de alteração do complexo da representação, ele não aprofunda nessa direção. Freud menciona casos de afásicos motores que retêm, além do “sim” e “não”, blasfêmias e expressões que pertencem à linguagem emocional antes do que à intelectual, como indica Hughlings Jackson ([1891] 1992, p. 105; 1973, p. 75).

Em outros casos, resgata o significado emocional em resíduos afásicos, tal como o do homem que só podia dizer “quero proteção”. A sua afasia devia-se a uma briga em que recebeu um golpe na cabeça. “Lista completa” era a expressão de um empregado que teve um ataque imediatamente depois de ter completado com muito esforço um catálogo. Nas palavras de Freud: “Me inclino a explicar a persistência dessas últimas modificações por sua intensidade se acontecem em um momento de grande excitação interior.” Esse mesmo princípio serviria para outros fenômenos como o exemplo da situação em que ele, encontrando-se em perigo, ouviu como se alguém gritasse “este é o fim” ao mesmo tempo em que viu as palavras como se estivessem escritas em um papel que flutuava ([1891] 1992, p. 105 - 106; 1973, p. 76).

Nos escritos freudianos da época, percebe-se uma ênfase crescente no que diz respeito a afirmar a solidariedade entre representação e afeto para pensar as vivências. Em *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas* lemos:

Cada acontecimento, cada impressão psíquica, é provido de um certo valor afetivo (*Affektbetrag*) da qual o eu se desembaraça ou por meio de uma reação motora ou por uma

atividade psíquica associativa. (FREUD, [1893] 1952, GW, I, p. 54; 1976, AE, I, p. 209)

A solidariedade entre um conteúdo representativo e seu correlato afetivo é indicado, por uma parte, com o termo “*Affektbetrag*”, que Freud traduz por “*valeur affective*”³² no texto francês; por outra, pela afirmação de que a atividade associativa é uma via de tramitação do afeto (GREEN, 1982, p. 27).

A introdução da perspectiva quantitativa, no *Projeto*, abre o caminho para pensar a representação em relação com o corpo e, portanto, insere teoricamente a dimensão do afeto. Este, entendido como *quantum*, apresenta uma dupla origem: externa, ocasionada pelas impressões de objetos, e interna pela liberação dos neurônios secretores (GABBI JR. 2003, p.58-59, n. 107-9). De modo que o esquema conceitual da representação adquire, de pleno direito, uma nova dimensão além da ideativo-semântica da *Auffassung*.

Ora, o afeto abrange mais de uma conotação. Uma diz respeito à liberação de quantidade. Outra se refere à reprodução de vivências que acarreta essa liberação de quantidade. Ainda uma outra remete às sensações que esse processo desperta. De início, no *Projeto*, o termo apenas designava a reprodução de uma vivência dolorosa. Depois passa a indicar qualquer reprodução que implique irrupção de quantidade, incluindo a da vivência de satisfação. Neste sentido, “afeto” se refere a um complexo associativo de representações, vinculado às vivências dolorosas e de satisfação (GABBI JR. 2003, p.58-59, n. 107-9).

Nos *Studien* e na segunda parte do *Entwurf*, a concepção etiológica põe o afeto lado a lado com a representação, fazendo parte das vivências, de modo que o trauma é a representação cujo afeto correspondente não pode, por algum motivo, ser ab-reagido. O

³² A respeito, Green observa que a palavra “valor” abrange tanto a nuance de quantidade quanto a de qualidade (1982, p. 87n).

afeto represado encontra o caminho da conversão. Na *Comunicação Preliminar*, encontramos a explicação do funcionamento da psicoterapia catártica:

Cancela a ação eficiente da representação originariamente não ab-reagida, porque permite ao seu afeto estrangulado o decurso através do dizer, e leva até sua retificação associativa ao introduzi-la na consciência normal (em estado de hipnose leve) ou ao cancelá-la por sugestão médica, como ocorre no sonambulismo com amnésia. (BREUER e FREUD, [1892] 1952, GW, I, p. 97; 1976, AE, II, p.42)

A mera recordação não basta; deve ter lugar a expressão, que também é descarga, do afeto estrangulado. Como observa Monique Schneider, o afeto é uma noção bifronte patogênica e, ao mesmo tempo, curativa. Na verdade, tratar-se-ia de duas acepções diferentes: afeto como impressão, ou seja, do lado da passividade, e afeto como expressão, do lado da atividade. O afeto do trauma produz um choque psíquico “mais próximo de um golpe sobre a nuca do que de uma emoção forte. É a experiência de um estrangulamento que está além ou aquém do experimentado e do representável” (SCHNEIDER, 1993, p. 26-7).

Qualquer vivência pode tornar-se traumática se suscitar afetos penosos como horror, vergonha, dor psíquica, sem a possibilidade de uma reação motora ou verbal adequada. Para Schneider, a saída não reside apenas em revelar o afeto, mas em “permitir-lhe tomar corpo”. Nesse sentido, ela interpreta o conselho freudiano: “despertar o afeto”. A catarse é cumprida na expressão do afeto (SCHNEIDER, 1993, p. 27). A essa função catártica da *talking cure* corresponde uma concepção de linguagem que não separe os aspectos ideativo e afetivo como propõe Jakobson (SCHNEIDER, 1993, p. 31). Lemos nos *Ensaio de lingüística geral*:

Se se analisa a linguagem do ponto de vista da informação que veicula, não se tem o direito de restringir a noção de

informação ao aspecto cognitivo da linguagem. Um sujeito, utilizando elementos expressivos para indicar a ironia ou a fúria, transmite visivelmente uma informação, e é certo que este comportamento verbal não pode ser assimilado a atividades não semióticas como àquela nutritiva, que evocava, a título de paradoxo, Chatman [...] (JAKOBSON, 1963, p. 215)

Para Jakobson, os fatores da comunicação verbal (emissor, destinatário, contexto, mensagem contata e código) originam as diversas funções lingüísticas. A diversidade das mensagens reside nas diferenças de hierarquia entre tais funções, não no monopólio de uma destas. Mesmo que a função cognitiva seja a preponderante em muitas mensagens, a participação secundária das outras funções deve ser tomada em consideração (JAKOBSON, p.214).

Freud concebe a linguagem como substituto da ação motora, quase tão eficiente quanto à própria ação, para ab-reagir o afeto ([1893 – 1895] 1952, GW, I, p. 87; 1976, AE, II, p. 34). Na terapia catártica, “a linguagem liga associativamente a recordação ao acontecimento, assim como liga a carga estrangulada de afeto às representações” (GREEN, 1982, p. 27). A verbalização envolve algo mais que uma operação intelectual, ela opera uma descarga através das palavras:

A linguagem não se reduz a permitir que a carga se desbloqueie e seja vivida, ela é, em si mesma, ato e descarga pelas palavras. O procedimento utilizado permite ao afeto *verter-se verbalmente*; além disso, transforma essa carga afetiva e leva a representação patogênica a se modificar por via associativa atraindo-a para o consciente normal. (GREEN, 1982, p. 28)

Essa forma de conceber a linguagem não apenas concede à função expressiva ou emotiva um lugar tão importante quanto à informativa ou denotativa, senão também supõe a co-

presença do conteúdo representativo e do afeto. A condição do sucesso da terapia reside na interação recíproca. Como salienta Green, o trauma, sua recordação e as representações patogênicas que dela derivam, o afeto não descarregado e a verbalização acompanhada de emoção ligam-se em uma rede indissociável na qual não se pode privilegiar o elemento representacional visto que o reaparecimento do afeto é fundamental (1982, p. 28 – 29).

No capítulo VI da *Traumdeutung*, na seção acerca dos afetos no sonho, encontramos a reivindicação dos afetos como os elementos que não enganam, uma vez que as representações sofrem deslocamentos e substituições enquanto que aqueles permanecem inalterados ([1900] 1972, SA, II, p. 444; 1976, AE, V, p. 458). Após essa afirmação inicial, surpreende encontrar, alguns parágrafos embaixo, a lista das transformações que sofreriam os afetos no sonho: desaparecimento, deslocamento, empobrecimento, inversão e reforço dos afetos permitidos substituindo os proibidos.

É verdade que Freud faz a ressalva de que o afeto não muda na qualidade, mas que é inibido. Isso combina com o desaparecimento e o empobrecimento, porém é incompatível com os outros tipos de transformação. Na opinião de Green, o que Freud teria querido dizer é que apesar da presença de mecanismos semelhantes para representações e afetos, estes sempre permanecem menos suscetíveis de desfiguração em relação àquelas, pois eles não podem ser fragmentados nem reunidos em novas totalidades inteiramente irreconhecíveis (1982, p. 45 – 46).

Em todo caso, do complexo psíquico submetido à censura, os afetos são a parte mais resistente. Desse modo, quando afeto e representação não parecem compatíveis, a psicanálise reconhece no primeiro um indício mais seguro, enquanto que enxerga na segunda uma substituta da representação recalcada. Se Freud pode dizer que o trabalho de interpretação, assim orientado, parte da premissa de que a unidade de afeto e representação

não é indissolúvel, também é verdade que pressupõe que há uma correspondência originária que precisa ser reencontrada.

2.3 – Processos psíquicos e experiência

Em contraposição com as teorias dominantes na época, nos seus primeiros escritos, Freud minimiza o fator interno, entendido como hereditário, na etiologia das neuroses (MONZANI, 1990). Na segunda parte da década dos noventa, ele adjudica um grande peso aos fatores externos na explicação psicopatológica, assim como também na determinação psíquica normal. Nas obras desse período, a noção de trauma está no cerne da teoria da sedução. Um fato de índole sexual irrompe na infância no gesto de um adulto que vem violentar a sua inocência. As condições em que isso acontece, seja pela ausência de sexualidade seja por falta de reação, o tornam psiquicamente inassimilável e, portanto, patogênico.

Nos *Estudos sobre histeria* e no *Projeto*, aparece o trauma concebido como incidente pontual. No entanto, amiúde o encontramos junto com uma série de outros eventos do mesmo caráter. O caso de Emmy von N.³³ ilustra isso. Embora as repetições levem Freud mais tarde a conceituá-las³⁴, descobrindo por trás das mesmas condições subjetivas, nesse momento ainda o entende como cena que remete a um incidente externo e súbito. “Os histéricos sofrem de reminiscências” significa que o evento traumático fica

³³ Sobre o caso de Emmy von N. voltaremos na próxima seção, assim como sobre o conceito de trauma e o efeito *a posteriori*.

³⁴ Referimo-nos ao conceito de repetição que conduz a elaboração do conceito de compulsão à repetição e de pulsão de morte em *Além do princípio de prazer*.

inscrito sem possibilidade nem de inserção no conjunto associativo da vida psíquica, nem de descarga do afeto e, conseqüentemente, cristalizado em sintoma³⁵.

De forma especial no *Projeto*, o papel do fator externo não está restrito à etiologia da patologia, mas também diz respeito à conformação do aparelho psíquico em geral. Nomeadamente, as vivências de dor e de satisfação constituem a base sobre a qual se estabelecem afetos e desejos. Em face de um estado de necessidade provocado pela somação de quantidade endógena, a vivência de satisfação consiste na descarga prazerosa desta quantidade pela ação específica que envolve um objeto, deixando facilitações entre os traços mnêmicos da tensão, do objeto, da ação específica e da descarga.

Desse modo, uma nova somação de quantidade vai deslançar um processo de re-ocupação dos traços facilitados entre si, conhecido como estado desiderativo. Em outras palavras, o desejo consiste em uma operação sobre o sistema ψ de representações que reinveste os traços correspondentes à associação formada por tensão-objeto-ação-interrupção da tensão.

Com a vivência de satisfação, a tensão provocada pelo acúmulo de excitação nos neurônios ψ do núcleo, delegado da fome, associa-se ao objeto, que o socorre, fornecendo-lhe ajuda para a ação específica graças à qual cessa a tensão:

Ou seja, ocorrem três coisas no sistema ψ : 1. Realizou-se uma eliminação duradoura, e, dessa forma, dá-se fim à incitação que produziu em ω desprazer; 2. origina-se no manto a ocupação de um neurônio (ou vários) que corresponde(m) à percepção de um objeto; 3. chegam em outros lugares do manto as mensagens de eliminação devidas ao movimento reflexo desencadeado que se segue à ação

³⁵ Na seção anterior fizemos referência à tese dos diferentes destinos da representação e do afeto. Enquanto este, por seu caráter de excitação, ao não ser descarregado se manifesta somaticamente ou se transforma em angústia, aquela resulta banida da consciência.

específica. Entre essas ocupações e os neurônios nucleares forma-se uma facilitação. (FREUD, [1895 – 1950] 2003, p.196; 1976, AE, I, p. 363)

A partir da vivência de satisfação, estabelece-se a facilitação entre os neurônios nucleares, que representam o delegado da fome, e os neurônios do manto, ocupados na percepção do objeto auxiliador. Excitação endógena e desejo não se identificam. Após a vivência de satisfação, a primeira suscita o segundo. “Desejo” designa o circuito excitação-objeto-sinal de interrupção da excitação (GABBI JUNIOR, Nota 101, p.57). Não há necessidade na ligação excitação-objeto desse circuito³⁶.

No caso da dor, grandes quantidades externas ultrapassam as telas protetoras e ingressam em ψ produzindo 1. aumento de tensão sentido como desprazer; 2. inclinação à eliminação; 3. uma facilitação entre essa inclinação à eliminação e a imagem recordativa hostil. À ocupação dos traços mnêmicos de um objeto hostil, os neurônios secretores liberam Q desde o interior do corpo que chega a ψ pelas conduções endógenas produzindo desprazer.

Devido à vivência dolorosa, a [imagem] re[cordativa] do objeto hostil conservou uma facilitação excelente com esses neurônios-chave, de modo que o desprazer é liberado agora no afeto. (FREUD, [1895 – 1950] 2003, p. 198; 1976, AE, v.I, p.365-6)

Nesse sentido, há, em Freud, uma valoração especial da experiência, pois as primeiras vivências possuem força determinante maior.

Os restos dos dois tipos de vivências tratados são os afetos e os estados desiderativos; é comum aos dois conter um aumento de tensão de $Q\eta$ em ψ , produzido no afeto por

³⁶ Essa noção parece preparar a tese do apoio anaclítico da libido, assim como supõe a distinção entre instinto e pulsão.

liberação imediata, no desejo por somação. Os dois estados são da maior importância para o curso [de quantidades] em ψ , pois deixam atrás de si motivos de tipo compulsivo. (FREUD, [1895 – 1950] 2003, p. 199; 1976, AE, v.I, p. 366-367)

Do desejo, segue-se uma atração pelo objeto desiderativo ou pela imagem recordativa do mesmo. Da vivência de dor, segue-se uma aversão a manter ocupada a imagem recordativa do objeto hostil. Os motivos compulsivos sobre os quais Freud fala são a atração e a defesa primárias.

Todavia, o estatuto concedido por Freud à experiência não é tão simples. Como mencionado na seção anterior, uma das linhas mestres que estruturam o *Projeto* é a distinção entre representação e percepção³⁷. Exceto esta última, os restantes processos psíquicos são definidos como operações sobre traços mnêmicos³⁸, outorgando destaque à noção de memória.

Ainda mais, como antecipado na seção anterior, embora a percepção não seja definida em termos de neurônios ψ , ela somente é possível pela intervenção conjunta dos sistemas $\phi\psi\omega$. A excitação externa ingressa em ϕ , mas passa a ψ onde é registrada, sem o que não seria senão um instante fugidio sem inscrição psíquica nenhuma. Nesse ponto fica evidenciado o papel outorgado por Freud à memória. Não é apenas retórica quando, no início do *Projeto*, ele afirma que “uma teoria psicológica de alguma relevância tem de

³⁷ Enquanto a percepção consiste na ocupação de neurônios ϕ por quantidades externas cujo signo de qualidade, fornecedor do caráter consciente, é aportado a ψ desde ω , a representação consiste na ocupação de traços mnêmicos, ou em outras palavras, uma nova ocupação de neurônios ψ anteriormente facilitados entre si pelo fluxo duma quantidade. Enquanto que uma percepção sempre acarreta qualidade, uma representação poderá ser consciente se receber a contribuição de ω , ou, caso contrário, permanecer inconsciente. Cf. seção 2.2.

³⁸ Salientamos, mais uma vez, a diferença entre traço mnêmico e representação embora a segunda pressuponha o primeiro.

fornecer uma explicação da ‘memória’” ([1895 – 1950] 2003, p. 178; 1976, AE, v.I, p. 343).

Dito de outro modo, a experiência perceptiva é relevante, mas é sob a condição de permanecer registrada mnemonicamente que ganha influência. As vivências de satisfação e dor são definidoras de desejo e afeto, mas para que isso aconteça é necessário que fiquem inscritas em associação com as imagens dos objetos e os sinais de alívio de tensão. Sabemos pela incompatibilidade de funções entre percepção e memória que a organização associativa corresponde ao sistema ψ .

Exemplo dessa complexidade é o eu, entendido como rede de neurônios ocupados, instaurada pelas primeiras vivências de dor e satisfação. Este modifica todo decurso quantitativo subsequente. Enquanto organização estável criada a partir de vivências, o eu altera a equação externo-interno tornando-a mais complexa do que uma alternativa excludente. Trata-se de uma instância interna cujo núcleo é originado por excitação endógena, enquanto sua camada mais exterior, o manto, tem origem em quantidades vindas da experiência externa.

Assim, o eu cumpre um papel decisivo na distinção entre percepção e alucinação. O aparelho psíquico precisa de um critério para distinguir lembrança (ou representação) de percepção, seja do objeto desiderativo, seja do objeto hostil. O signo de realidade é fornecido por ω . O problema reside em que no caso de uma lembrança muito intensa também ocorreria o sinal de realidade, falhando o critério de distinção entre percepção e lembrança. Freud resolve isso propondo no interior de ψ a organização de neurônios constantemente ocupados, chamada de eu, que poderá inibir os processos de descarga e eliminação quando não houver suficiente quantidade de excitação, ou seja, quando a Q provir do interior do aparelho e não do exterior. Evita-se, dessa maneira, a ilusão de

satisfação que conduz ao desengano e à defesa excessiva³⁹. O eu, enquanto instância interna criada com base a experiências externas, o faz possível.

A experiência também tem um papel fundamental para modelar a pulsão em sua particularidade que a diferencia do instinto. Na soma de quantidade não há nada que defina qual é o objeto mais adequado de satisfação. É justamente na vivência efetiva que fica estabelecida a associação entre apetência e o objeto que irá preenchê-la doravante. Já está preparado o caminho para a idéia de apoio anaclítico no desenvolvimento libidinal. A questão das fantasias originárias – cena primordial, sedução e castração – desdobra-se na problemática do trauma como fator etiológico das psicose e na do passado filogenético do homem. A nova menção à teoria do trauma, em 1914, no caso do Homem dos Lobos, muitos anos depois da *Carta 69*, levanta a suspeita de que Freud nunca renunciara a uma explicação baseada em fatores externos.

No que diz respeito à filogênese, Freud considera metodologicamente errôneo atribuir a essa um papel explicativo que lhe é negado à ontogênese. Ao contrário, somente esgotadas as possibilidades na vida individual se pode, então, recorrer às aquisições pré-históricas da humanidade ([1914 – 1918] 1952, GW, XII, p. 131; 1976, AE, v. XVII, p. 89). Desde um ponto de vista ontogenético ou filogenético, Freud outorga, em última instância, a eficácia causal aos fatos. É surpreendente a sua insistência nessa tese de cunho lamarckiano sobre aquisições hereditárias.

³⁹ Como observa Osmyr Faria Gabbi Jr., em primeiro lugar, o eu, enquanto organização, responde às necessidades de armazenamento de quantidade para realização da ação específica e de um critério para diferenciar percepção de recordação. Em segundo lugar, é um sistema em ψ , mas não coincide completamente com este. Em terceiro lugar, trata-se de uma organização de extensão variável, composta de uma parte constante, que corresponde aos neurônios nucleares, e de outra variável, que corresponde aos neurônios do manto (2003, p.62, n. 119-20).

A pergunta que se impõe é acerca da razão para insistir em postular o princípio dos fatos reais. Contudo, compreenderíamos melhor o interesse freudiano em defender essa tese se levarmos em conta, por uma parte, que assumir a pré-história como fantasia – não-originada de acontecimentos – implica em apagar a diferença entre pulsão e instinto, uma vez que objeto e meta estariam dados *a priori*. Por outra, postular simplesmente a herança filogenética das fantasias primordiais também as consideraria como comportamentos pré-formados e, portanto, também apagaria a distinção pulsão-instinto (MONZANI, 1990, p. 100-103).

No Homem dos Lobos, Freud recorre à idéia de esquemas congênitos formados pela vivência de fatos pré-históricos e atualizados através da experiência individual. Essa solução⁴⁰ mantém a distinção pulsão-instinto ao fazer que a pulsão encontre seu objeto no decurso da história individual – e não de modo predeterminado – garantindo, ao mesmo tempo, a universalidade das representações herdadas (MONZANI, 1990, p. 102). As vicissitudes da horda primitiva são a experiência real que se sedimenta por via filogenética em tais esquemas congênitos ([1914 – 1918] 1952, GW, XII, p. 155; 1976, AE, v. XVII, p. 108). Considerar a constituição dessa dimensão empírico-histórica do psiquismo contribui para compreender a relação, acima mencionada, entre os fatores endógenos e exógenos. Entretanto, não é demais insistir, não se trata da experiência perceptiva em si, mas da sua memória.

⁴⁰ De acordo com Monzani, essa seria a melhor solução encontrada por Freud à disjuntiva entre uma teoria da fantasia sem base em eventos reais e uma hipótese da herança filogenética de conteúdos representativos.

3 – Memória: registro e conservação

No capítulo anterior, observamos em que sentido Freud atribui um papel decisivo à experiência real enquanto inscrita na memória. É preciso, então, examinarmos a maneira em que tal inscrição acontece. Com esse fim, vamos nos deter nos conceitos de inscrição, transcrição e associação enquanto modos de ingresso e de organização na memória.

Nossa exposição baseia-se fundamentalmente, além da *Auffassung*, o *Entwurf* e os *Studien*, na carta de Freud a Fliess, de 6 de dezembro de 1896, conhecida como *Carta 52*, e na *Traumdeutung*. O exame da noção de inscrição completa-se com a referência às *Notas sobre o bloco mágico*, texto que, ainda que muito posterior ao período estudado, resulta esclarecedor das idéias presentes nos anteriores. Identificamos na noção *sui generis* de associação, sustentada por Freud, a chave para o caráter criativo da memória.

Na perspectiva ricoeuriana de considerar a especificidade freudiana, tanto na explicação de nexos causais das forças psíquicas quanto na compreensão da vida psíquica como portadora de sentido, começamos examinando a dimensão diacrônica desses processos de memória estabelecerem formas diversas de sentido.

3.1 – Diacronia e aparelho psíquico

Para a teoria, a dimensão diacrônica é constitutiva em dois sentidos. O primeiro e mais fundamental é o que diz respeito à sucessão como forma em que se dão as vivências e a necessidade decorrente de retê-las. O segundo visa certa universalidade e fixidez da

seqüência em que a experiência psíquica acontece ao longo da vida do indivíduo. Começamos com esse último desde seu esboço na *Auffassung*.

Uma vez apresentada a noção de representação, Freud detalha pormenorizadamente a aprendizagem da fala, da leitura e da escrita. Na virada do capítulo VI, a opção por uma explicação genética obedece à procura por uma alternativa à neurofisiologia, o que abre caminho para a criação da psicanálise. Na descrição do processo de aprendizagem da linguagem, ficam evidenciadas a relação entre percepção e associação e a ordem em que tal relação vai se construindo.

Em primeiro lugar, associamos uma imagem sonora da palavra com a imagem da inervação da palavra. A imagem sonora da palavra falada inicialmente não coincide com a imagem sonora da palavra ouvida. Depois, adequamos nossa imagem sonora produzida com a imagem sonora que serviu de estímulo, quando aprendemos a repetir.

Em terceiro lugar, aprendemos a soletrar associando imagens visuais das letras com novas imagens sonoras que nos evocam sons já conhecidos. A seguir, aprendemos a ler conectando reciprocamente uma sucessão de imagens de inervação da palavra e impressões cinestésicas da palavra percebidas ao enunciar individualmente as letras. Surgem novas imagens cinestésicas que, pelas suas imagens sonoras correspondentes, reconhecemos como já familiares.

Anexamos às imagens sonoras soletradas, os significados dos sons reconhecidos e começamos a ler com compreensão. Por último, aprendemos a escrever reproduzindo as imagens visuais das letras com ajuda das imagens cinestésicas da mão. A escrita é comparativamente mais simples e menos vulnerável do que a leitura ([1891] 1992, p. 117 – 121; 1973, p. 87 – 90).

Por que a descrição detalhada da aprendizagem? Qual é o seu papel na articulação do pensamento? Ela fornece razões, primeiro, para sustentar a tese acerca do processo associativo da linguagem e a estrutura da representação; segundo, para defender o primado da imagem sonora na organização do complexo de palavra e, terceiro, para estabelecer a dimensão diacrônica das organizações associativas. Em relação ao processo associativo, com certeza explicitar como aprendemos a falar, ler e escrever faz manifesto o entremeado de associações em jogo em cada uma dessas atividades.

Quanto à imagem sonora, Freud defende o seu primado na organização da função lingüística argumentando — além das evidências fornecidas pela observação das conseqüências dos diversos tipos de lesões — que é através dessa imagem, justamente, que começamos nossa aprendizagem ([1891] 1992, p. 135 – 136; 1973, p. 103 - 104). Ao contrário, Charcot⁴¹ nega que haja uma regra geral de preferência em relação às formas de associação. Todos os elementos teriam direitos funcionais iguais, dependeria da organização individual decidir qual fator seria central para coordenar os outros ([1891] 1992, p. 143 - 144; 1973, p. 110 – 111).

Como observa Gabbi Jr., se assim fosse, não teríamos nenhuma regularidade para pensar a questão da afasia, nem para estabelecer diagnósticos, o que seria uma forte objeção para a classificação proposta por Freud (1991, p. 193 - 194). Baseada na noção de representação, ela determina três formas de afasia: verbal, assimbólica e agnósica, segundo quais associações sejam afetadas, as da palavra, as da união da palavra com o objeto ou as do objeto (FREUD, [1891] 1992, p. 148; 1973, p. 116). Se não há um padrão no procedimento associativo, não se pode fundar nele uma classificação. E tal padrão determina-se pela maneira de apreendermos o uso da linguagem.

⁴¹ CHARCOT, *Novas Lições*, 1886, *apud* FREUD, 1973, p.110.

No que tange à diacronia, a aprendizagem dar-se-ia segundo estágios associativos de crescente complexidade até dominar fala, leitura e escrita. Essa sorte de princípio evolutivo que Freud toma emprestado de Hughlings Jackson permitirá explicar os distúrbios da linguagem como “retrogressão funcional”, nos termos do autor. As diferentes atividades da linguagem realizam-se por meio das mesmas associações pelas quais as aprendemos. Nos casos de deterioração orgânica que atinge a totalidade do aparelho de linguagem, então podemos supor que se volta a uma forma primitiva de associação. Por exemplo, na afasia motora voltamos ao estágio no qual ainda não apreendemos suficientemente a pronunciar os sons ouvidos.

Isso significa que no curso da aprendizagem se estabelecem configurações associativas que vão se sucedendo, mas que, no entanto, não desaparecem ao serem substituídas por outras mais novas. Ao contrário, tais configurações representam estágios nos quais os mais recentes supõem os mais antigos, que permanecem disponíveis, caso necessário. Em outras palavras, a afasia é uma patologia que desintegra a unidade complexa da palavra constituída por seus quatro componentes fundamentais (a imagem sonora, a imagem visual da letra, as imagens glossocinestésicas e quirocinestésicas), retornando a um dos estágios anteriores à aquisição definitiva da linguagem.

Freud segue a Hughlings Jackson no princípio de retrogressão funcional de um aparelho altamente organizado a formas anteriores de ordenamento de suas associações. À visão evolucionista do funcionamento do aparelho de linguagem, em que se sucedem patamares de organização dos mais simples aos mais complexos, corresponde a idéia de involução, processo contrário àquele, como causa da patologia. De modo que o aparelho de linguagem funciona evolutivamente. Na medida em que aprendemos as funções de linguagem, adquirimos graus de complexidade maior nas associações em jogo. O distúrbio

é um retrocesso a formas inferiores que permanecem latentes, mas disponíveis junto com as formas mais evoluídas.

A noção de aprendizagem introduz, então, a idéia de um processo cumprido em estágios ou fases, ou seja, segundo uma seqüência fixa. Enquanto no texto sobre as afasias este diz respeito à aquisição da linguagem, no *Projeto* aplica-se ao curso excitatório e ao amadurecimento sexual. Por uma parte, o caminho da excitação tem um sentido progressivo entre $\phi\psi\omega$, de modo que os processos psíquicos apresentam também caráter diacrônico com uma orientação estabelecida. Por outra, no *Projeto* e nos *Estudos* a noção de desenvolvimento refere-se ao surgimento da sexualidade na puberdade. A *Carta 52* parece reunir ambas as idéias para falar de um desenvolvimento psicológico e outro, paralelo mas não totalmente coincidente, sexual.

A maneira de pensar o aparelho de linguagem na *Auffassung* prefigura a concepção do aparelho psíquico constituído por estratificações sucessivas de associações. Como no caso das afasias, a diacronia dos processos psíquicos outorga a matriz sobre a qual explicar a patologia. A tese de H. Jackson acerca da patologia é adotada por Freud primeiro para as afasias e depois para dar conta das psiconeuroses. Assim como a afasia supõe a volta a um estágio anterior da aquisição da linguagem, as psiconeuroses obedecem ao retrocesso a estádios de organização psíquica anteriores e os sonhos a formas mais primitivas de representação.

A semelhança com o aparelho psíquico envolve também uma noção de representação muito próxima, baseada no processo perceptivo-associativo, a relevância dada à intensidade emocional das vivências, a tese da continuidade entre o normal e o patológico no caso das parafasias (FREUD, [1891] 1992, p. 52; 1973, p.29). Todas essas

noções indicam em seu conjunto que Freud já dispunha de um esboço do funcionamento da memória, o que equivale a dizer que já se encontrava elaborando uma idéia de aparelho psíquico⁴². Elaboração que, partindo do horizonte teórico do evolucionismo funcional de H. Jackson e mediada pela *Carta 52*, desemboca no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*, onde a memória ganha sua descrição fundamental.

3.2 – Inscrição e transcrição

O registro e a conservação do material mnêmico acontecem através do que Freud chama, na *Carta 52*, de inscrições e transcrições. Na base dessas, se encontra a noção de traço mnêmico, cuja acepção muda de neurofisiológica, na *Auffassung* e no *Entwurf*, a psicológica em 1896. À luz da comparação freudiana com documentos históricos e dos comentários de Derrida acerca de grama, examinamos as noções de traço, inscrição e transcrição, sob o título de “metafórica do traço escrito” para, em 3.2.2, relacioná-las com os modelos de aparelho psíquico a que diversas interpretações dão lugar.

3.2.1. – A metafórica do traço escrito

Em consonância com as teses da *Auffassung* e dos *Studien*, na *Carta 52*, Freud parte do pressuposto de que há um dinamismo gerador da memória: a estratificação sucessiva. Em primeiro lugar, o processo estabelece camadas; em segundo, isso é feito por etapas de modo a constituir um sistema complexo formado por subsistemas.

⁴² Forrester faz duas observações a respeito. A primeira, que ambos os aparelhos constituem sistemas auto-suficientes de representação (1983, p. 56). A segunda, que o termo ‘aparelho’ é incorreto por sua alusão a um substrato mecânico ou material não necessário para explicá-los, embora ambos os sistemas possuam um (1983, p. 306, n.26).

O essencialmente novo em minha teoria é, então, a tese de que a memória não preexiste de maneira simples mas múltipla, está registrada em diversas variedades de signos. (FREUD, [1896] 1976, AE, I, p. 274; MASSON, 1986, p. 208)

A multiplicidade estaria constituída pelo registro em diferentes tipos de signos, segundo diversos nexos associativos e diversos portadores neuronais. A idéia de portador neuronal remete ao *Projeto* e os sistemas ϕ , ψ e ω , mas Freud nesse momento já a considera um pressuposto prescindível, segundo própria declaração.

Diferentemente do apresentado no *Projeto*, na *Carta 52*, Freud desdobra o sistema ψ em vários subsistemas, cada um dos quais supõe especificidade na forma de registro. À idéia da multiplicidade da memória que vem desde os *Estudos sobre histeria*, acrescenta-se uma nova modalidade da dimensão diacrônica, estabelecendo uma determinada sucessão entre os sistemas mnêmicos. Nos *Estudos*, uma das formas de ordenação das lembranças é a cronológica. Na *Carta 52*, os múltiplos sistemas mnêmicos estabelecem uma ordem de processamento da excitação que incide nas formas de representar. Em outras palavras, cada sistema mnêmico é uma maneira de representar que pertence a uma etapa do desenvolvimento do aparelho, assim como também a uma etapa do curso entre a percepção e a descarga.

Freud começa a elaborar as questões do aparelho psíquico e do conceito de traço mnêmico desde conceitos neurofisiológicos – aparece já uma menção na *Auffassung* e continua, com modificações, no *Projeto* – que gradativamente irá substituindo por imagens da escrita – notadamente na *Carta 52*. Desta curiosa transição, o conceito de traço mnêmico adquire uma certa ambigüidade acerca do estatuto que Freud lhe confere, o que torna difícil interpretá-lo. Em todo caso, a analogia com a escrita parece se assentar em que se trata de

um conjunto de signos duradouros que deixam rastros, como se registrados na exterioridade de uma superfície marcada com incisões⁴³.

Em geral, a “metafórica do traço escrito”⁴⁴, desenvolvida por Freud, pode se associar com a história, disciplina cujas fontes sejam ruínas, objetos arqueológicos ou documentos escritos que garantem a conservação do passado da humanidade. No seu seio, a pré-história se desenvolve quando enxerga nos restos materiais do passado longínquo, objetos portadores de significado. De modo semelhante, a psicanálise nasce quando Freud vislumbra nos sintomas e nos sonhos uma forma de escrita.

No *Projeto*, o traço mnêmico é caracterizado como arranjo especial de facilitações entre neurônios, resultado da passagem de excitação através de neurônios ψ vindos de ϕ . A mesma implica em uma modificação física que conserva a imagem latente de uma percepção⁴⁵. A materialidade da marca deixada ao diminuir a resistência das barreiras de contato evidencia o seu caráter de sinal⁴⁶ do curso de excitação. Porém, o traço também se comporta como signo, uma vez que, ao ser investido, se mostra como significante portador de um significado.

O traço é definido por Freud, na *Traumdeutung*, como “alterações permanentes sobrevindas nos elementos dos sistemas” cuja função é a memória ([1900] 1972, SA, II, p.

⁴³ De outro modo Freud teria escolhido comparar o psíquico com a linguagem em geral ou com a linguagem falada. Mesmo faltando as notas de visuais e espaciais, os traços mnêmicos cumprem as características da durabilidade e estabilidade. Como observaremos mais adiante, Derrida usa um conceito de escritura que se afasta da acepção tradicional (sistema gráfico de notação da linguagem) para designar a fixação estável de signos, condição de possibilidade da linguagem. A escolha terminológica por parte de Freud é reivindicada por Derrida como uma oposição ao logocentrismo, que privilegia a voz por sua proximidade com a consciência e a razão.

⁴⁴ Expressão usada por Derrida para se referir à aproximação entre escritura e traços mnêmicos, por uma parte; por outra, entre aparelho de escritura e aparelho psíquico nos textos desde o *Projeto* até as *Notas sobre o bloco mágico*, onde alcançaria seu ápice. Mais adiante vamos nos referir ao uso que faz Freud dessas metáforas da escrita.

⁴⁵ No parágrafo acima citado da *Auffassung*, encontramos uma idéia semelhante.

⁴⁶ No sentido de indício, como a fumaça o é do fogo ou a febre da doença. Para esse caso, Todorov no artigo sobre signo usa o termo signo natural ou sintoma (DUCROT e TODOROV, 1985, p.125).

514; 1976, AE, V, p. 531). Em geral, trata-se da “forma pela qual os acontecimentos ou mais simplesmente o objeto das percepções são inscritos na memória, em diversos pontos do aparelho psíquico” (CHEMAMA E VANDERMERSCH, 2007, p.374). O conceito não é definido por Freud de forma mais específica. A respeito, no dicionário de Chemama e Vandermersch, lemos o seguinte comentário:

A pesar de algumas formulações ambíguas de Freud, o traço mnésico não é uma imagem da coisa, mas um simples sinal, que não comporta uma qualidade sensorial particular e que pode, portanto, ser comparado a um elemento de um sistema de escrita, a uma letra. (2007, p.374)

O traço em si não apresenta semelhança com o registrado. Ao introduzir a noção de regressão, no capítulo VII, Freud menciona que as imagens mnêmicas surgem da ocupação regressiva dos traços mnêmicos no recordar ([1900], 1972, SA, II, p. 518 – 519; 1976, AE, V, p. 536) diferenciando traço de imagem.

Pode-se dizer, então, que o traço refere, de modo não-icônico, a impressões e que é portador de significado uma vez que inserido em uma trama associativa. Assim, os traços mnêmicos são a base da inscrição psíquica da experiência segundo uma certa sintaxe dada pela articulação, segundo simultaneidade, semelhança, causalidade, etc, à maneira de uma gramática⁴⁷, e comportando, ainda que rudimentar e individualmente, uma dimensão semântica, razão pela qual o sistema mnêmico é comparável com uma escrita. A idéia de uma sorte de estrutura gramatical subjacente às inscrições mnêmicas fornece a chave para compreendermos a transição da conotação neurofisiológica à psicológica⁴⁸ do conceito de traço mnêmico.

⁴⁷ Consideramos aqui o conceito tradicional de gramática constituída pela morfologia e pela sintaxe. A descrição gramatical completa-se com a semântica (DUCROT e TODOROV, 1985, p. 67-9).

⁴⁸ Essa idéia nos foi sugerida por Miguel Bairrão.

Como apreendemos na *Auffassung*, a formação do signo é determinada por associações. A capacidade de um suporte ou veículo seja imagem ou som, etc. de “estar em lugar de” torna-se possível por uma certa associação entre o signo-veículo e o representado. Salientamos, em primeiro lugar, a particularidade do traço mnêmico, enquanto signo, de ser registro de vivências e de impressões causadas por todo tipo de objetos, situações e experiências e não signo direto de objetos⁴⁹.

Em segundo lugar, decorrente do anterior e da compreensão da vida psíquica como fluxos associativos⁵⁰, os traços mnêmicos não são signos isolados, mas inscrições associativas (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 515; 1976, AE, V, p. 532), o que determina a contextualidade, tanto da evocação, quanto do significado implicado. Mais explicitamente, com frequência lembrar algo é possível desde um certo contexto associativo e não desde outros. Isso porque, em última instância, as conotações de uma lembrança mudam segundo a conexão na qual essa se apresenta.

Em terceiro lugar, sob um aspecto, como acabamos de ver, o traço mnêmico caracteriza-se por uma certa virtualidade, uma vez que não oferece uma imagem porque não possui as qualidades sensoriais a menos que haja regressão⁵¹. Entretanto, sob um outro aspecto, o traço mnêmico é totalmente atual, produzindo, desde o inconsciente, efeitos sobre o caráter (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 516; 1976, AE, V, p. 533).

Quanto aos tipos de signos que os traços definem em suas diversas articulações, a carta especifica três. O primeiro registro mnêmico é dado pelos signos de percepção. Freud

⁴⁹ Em 2.2 examinamos as consequências da abordagem do *Entwurf* que estabelece, por uma parte, as vivências de satisfação e de dor como paradigmas do registrado mnemicamente; por outra, a representação articulada em representação-palavra, representação-objeto e *das Ding*.

⁵⁰ Desenvolveremos isto na seção seguinte, parágrafo 3.3.1: “Psiquismo e fluxo associativo”

⁵¹ No caso da regressão do recordar voluntário se produzem imagens mnêmicas fracas e sem animação alucinatória; no caso do sonho a regressão chega até o sistema perceptivo revivendo alucinatoriamente antigas percepções (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 518-19; 1976, AE, V, p. 536).

refere-se a inscrições (*Niederschrift*), de modo que ao passar de uma percepção ao signo de percepção, teve lugar a primeira, com base na qual se dariam transcrições (*Umschrift*). Da imagem perceptiva consciente, passa-se a uma marca da mesma não-consciente. No primeiro caso, a associação por simultaneidade é o que determina o caráter de signo de uma percepção. De um ato de percepção, fica inscrito no traço mnêmico um signo de certa complexidade, composto por elementos simultâneos que tornados conscientes adquirem qualidades sensoriais.

Às diversas fases de desenvolvimento de um indivíduo correspondem tipos de signos e tipos de inter-relações preponderantes. Após a simultaneidade, seguem-se a relação de causalidade correspondente a representações de conceitos inconscientes e a relação com representações-palavra dos pensamentos pré-conscientes enquanto formas diversas de organizar os signos. Assim, os traços mnêmicos são como diferentes escritas: em figuras e imagens⁵² (os inconscientes) ou relacionados a palavras (os pré-conscientes).

Desse modo, falar em diferentes escritas correlativas aos diversos sistemas mnêmicos sustenta-se em que cada um destes implica um tipo de signos (figural ou lingüístico) como uma morfologia e regras de relação que em sua diversidade funcionam complementarmente como sintaxe e semântica. Em outros termos, os traços mnêmicos inscrevem-se em estruturas que, organizadas sobre princípios associativos próprios, suportam e conservam significados.

⁵² Em relação ao primeiro caso, a distinção entre figuras e imagens poder-se-ia pensar que obedece ao grau de organização. Quanto maior a concretude, o signo resulta mais figurativo sugerindo uma aproximação com as pictografias, i.e., desenhos figurativos com função comunicativa que estabelecem uma relação simbólica independente da linguagem (DUCROT e TODOROV, 1985, p. 228-9). Tal aproximação tem a restrição de que os traços mnêmicos, por serem inconscientes, não respondem à finalidade de serem comunicados. As pictografias ou pictogramas pertencem à mitografia, notação gráfica que não se refere à linguagem verbal, por oposição à logografia, notação gráfica da linguagem (DUCROT e TODOROV, 1985, p. 230). Todavia, figuras e imagens, quando aproveitadas no sonho, podem fazer parte também de composições comparáveis com hieróglifos, notações gráficas referidas a palavras, ou seja, variantes de logografia.

Ora, Freud concebe a maior parte dos fenômenos psíquicos com base na memória formada pelos sistemas mnêmicos. Sobre a “escrita” elementar dos traços mnêmicos edificam-se “escritas” de maior complexidade. Dentre todos os fenômenos inconscientes, o sonho é o exemplo em que é mais intuitivo o caráter de escrita. Em consonância com isso, Kristeva outorga maior importância à natureza sintática do sonho em detrimento do seu simbolismo (1969, p. 312).

Comparado com pictogramas por suas figuras, com hieróglifos em geral, por enigmático, e com a escrita chinesa em especial, pela necessidade de considerar o contexto para compreender o seu significado, podemos considerar o sonho como um produto misto com semelhanças com todos esses fenômenos. Em relação ao sonho é que se pode perceber mais claramente em que sentido falamos em uma “gramática” implícita na memória.

Com as ressalvas necessárias, é possível aproximar, por uma parte, sonho e cinema enquanto linguagens visuais e sonoras; por outra, elaboração onírica e montagem cinematográfica assemelham-se no procedimento de construção de sentido. De acordo com Kristeva, desde seus primórdios, o cinema se considerou como linguagem procurando uma sintaxe própria, diferente da correspondente à fala. A esse respeito, a autora lembra que Eisenstein defendeu a importância da montagem para a produção de sentido. O cinema não copia de forma naturalista ou contínua uma realidade que lhe é proposta, senão que corta seqüências, isola planos e recombina-os através de uma montagem. É nessa nova estrutura obtida pela montagem dos elementos que estes ganham sentido.

Assim, a concepção eisensteiniana da montagem equivalendo à junção de elementos isolados, semelhantes ou contraditórios, cujo choque provoca uma significação que eles não têm em si mesmos, estaria inspirada na escrita hieroglífica. Para Eisenstein, o filme deve ser um texto hieroglífico em que cada elemento isolado só tem sentido na combinação

contextual e em função do seu lugar na estrutura. Exemplo disso são as três estátuas diferentes de leão que aparecem em *Couraçado Potemkine*. Isoladas em planos independentes e dispostas umas a seguir às outras, essas formam um enunciado fílmico que identifica a força do leão com a revolução bolchevique (KRISTEVA, 1969, p. 361).

No sonho regem “operações fundamentais que marcam o funcionamento do inconsciente como uma ‘língua’: deslocamento, condensação e figuração” (KRISTEVA, 1969, p. 310). A gramática do sistema inconsciente estaria composta por elementos lexicais: imagens visuais e sonoras e por regras de formação sintático-semânticas: deslocamento, condensação e figuração baseados em mecanismos de associação⁵³. Assim, a condensação e a figuração, embora baseadas em distinções categoriais sintáticas, caracterizar-se-iam por serem processos que acarretam conseqüências eminentemente semânticas, dentre as quais a multivocidade resultante da sobredeterminação é fundamental. Já o deslocamento, enquanto reorganização estrutural, tem um caráter essencialmente sintático, embora alcance efeitos semânticos. Também, desde a dimensão pragmática, podemos qualificar a escrita inconsciente como performativa uma vez que essa sempre envolve uma realização de desejo.

Que os traços mnêmicos pertençam aos diversos sistemas em que o aparelho está formado, põe a questão da modificação necessária para passar de um a outro, ou seja, sua tradução ou transcrição. Épocas sucessivas teriam inscrições específicas. As preexistentes de épocas anteriores passariam por transcrições⁵⁴, ou seja, transposições do sistema sígnico originário a um novo.

⁵³ A associação na base desses processos é abordada na seção “Associação nos processos oníricos”.

⁵⁴ A palavra transcrição é usada no âmbito do processamento de dados para designar a conversão de dados de um meio de armazenamento para outro. Sem alteração do conteúdo original, mas com as conversões

Embora a *Carta 52* se refira a diversas formas de registro de cada etapa no seio do sistema ψ , o esquema nela apresentado não deixa de ter, também, sua correspondência com o do *Projeto*. Trata-se da idéia de direção progressiva nos processos psíquicos que abre a possibilidade de regressão. Enquanto que o *Projeto* analisa as transformações entre percepções, representações e representações conscientes em um dado momento, a *Carta 52* e a *Traumdeutung* explicitam as formas de representação dos diversos momentos do desenvolvimento psíquico.

De modo que haveria uma forma de inscrição própria da infância pré-aquisição da linguagem diferente das formas características posteriores. O registro de uma vivência sem o recurso lingüístico acarreta um tipo de recordação, quando possível, muito diferente do caso de registro verbal. Trata-se do que, na *Traumdeutung*, é chamado, em relação aos sonhos, de condições de figurabilidade.

Não por acaso as cenas infantis, quando tornadas conscientes, são lembradas de forma alucinatória (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 521; 1976, AE, V, p. 539). Os sonhos mudam regressivamente pensamentos em imagens visuais por atração de representações infantis recalcadas. A questão é se é possível que tanto as transcrições progressivas, quanto as figurações regressivas façam as correspondentes conversões sem mudarem o conteúdo originário. Derrida assinala uma dupla limitação em torno da traduzibilidade. A mais forte diz respeito à tradução entre sistemas psíquicos:

Também aqui, o conceito metafórico de tradução (*Übersetzung*) ou de transcrição (*Umschrift*) é perigoso não pelo fato de fazer referência à escritura mas pelo fato de supor um texto que já está ali, imóvel, presença impassível de uma estátua, de uma pedra escrita ou de um arquivo cujo

necessárias para fazê-los compatíveis com o meio receptor. A possibilidade da inalterabilidade do conteúdo convertido é o que está em jogo nesse contexto.

conteúdo significado seria transportado sem prejuízo para o elemento de uma outra linguagem, a do pré-consciente ou do consciente. (DERRIDA, 1971, p. 199)

Transcrever um texto é passar de um código a outro, conservando o significado. Aceitando a idéia de códigos individuais, de qualquer maneira subsiste a dificuldade de estabelecer significados equivalentes entre códigos cujos elementos são de natureza tão diversa como um conjunto de imagens visuais simultâneas e um discurso conectado logicamente, por exemplo. Entre um e outro sempre haverá um *plus* não exprimido. A situação nos parece comparável com a prática de “releitura” nas artes plásticas.

Em “Aspectos lingüísticos da tradução”, Jakobson constata as dificuldades para estabelecer a equivalência na diferença que envolve, em geral, traduzir. Se na tradução intralingüística, a sinonímia nunca é “equivalência completa” e na tradução interlingüística nem sempre uma palavra de uma língua abrange todas as nuances da correspondente em outra língua, nem expressões típicas se traduzem literalmente, o problema é ainda maior em se tratando de sistemas semióticos diversos (1963, p. 79-81).

À luz disso, é obvio que a tradução inter-semiótica ou transmutação, definida como a interpretação de signos lingüísticos por médio de sistemas de signos não-lingüísticos (1963, p. 79), supõe diferenças inegáveis. Passar de um sistema lingüístico a um não-lingüístico implica em perda de informação. Embora não se trate de uma transcrição operada automaticamente pelo psiquismo, a interpretação dos sonhos pode ser pensada como contemplando o movimento em sentido contrário: de um sistema não-lingüístico a um lingüístico, caso em que se torna indiscutível o acréscimo.

Entretanto, Hervé Huot contesta a hipótese de tradução inter-semiótica no caso do sonho, baseado na tese de que as imagens do sonho não constituem um sistema semiótico

não-lingüístico ao não haver a possibilidade de estabelecer equivalências entre imagens sem passar pela linguagem (1991, p. 120), i.e., não se podendo estabelecer tradução entre as mesmas. De fato, o trabalho onírico começa pela substituição de pensamentos oníricos por imagens, de modo que o sonho não seria um sistema semiótico independente do lingüístico, mas a forma plástica de expressões languageiras.

Em todo caso, e deixando de lado o caso dos sonhos, a observação de Huot reforça a idéia de que o processo que intermedeia entre diferentes sistemas mnêmicos, desde que estes constituam realmente tipos de sistemas semióticos independentes, introduz elementos novos de modo que a memória, enquanto conjunto de transformações, pode ser considerada produtiva.

A outra restrição mencionada por Derrida é sobre a possibilidade de traduzir o idioma de um sonho. Nesse caso também há perda. Freud traz à tona o comentário de Ferenczi advertindo sobre a dificuldade para afirmar o mesmo acerca da própria *Traumdeutung*. No sonho, “a sonoridade, o corpo da expressão, não se apaga perante o significado ou pelo menos não se deixa atravessar e transgredir como o faz no discurso consciente” (1971, p. 198).

Do comentário de Derrida, podemos extrair, em primeiro lugar, elementos para melhor compreendermos o uso freudiano da metafórica do traço escrito no que respeita o conteúdo da vida psíquica. Derrida chama nossa atenção para o uso de uma metafórica baseada na escrita. Os termos metafóricos não são tirados da língua falada, nem da escrita fonética, mas de uma grafia não subordinada de forma exterior à palavra (1971, p. 182). Com tal recurso, Freud representa o conteúdo psíquico por meio de um texto de essência gráfica e a estrutura do aparelho psíquico por uma máquina de escrita.

No contexto de um questionamento geral e radical da relação entre língua, escrita e saber, Derrida critica a maneira de pensar a escrita como algo que vem a acrescentar-se exteriormente à fala, ou seja, como secundária e derivada. Se considerarmos a escrita como um sistema de conservar e fixar relações semióticas, então esse conceito se mostra muito mais amplo:

Se “escrita” significa inscrição e primeiramente instituição durável de um signo (é este o único núcleo irreduzível do conceito de escrita), a escritura em geral abrange todo o campo dos signos lingüísticos. Neste campo pode aparecer a seguir uma certa espécie de significantes instituídos, “gráficos” no sentido estrito e derivado desta palavra, regidos por uma certa relação a outros significantes instituídos, portanto “escritos” mesmo que sejam “fônicos”. (2006, p. 54)

Um pouco mais adiante ele afirma:

É preciso agora pensar a escrita como ao mesmo tempo mais exterior à fala, não sendo sua “imagem” ou seu “símbolo” e, mais interior à fala que já é em si mesma uma escrita. Antes mesmo de ser ligado à incisão, à gravura, ao desenho ou à letra, a um significante remetendo, em geral, a um significante por ele significado, o conceito de grafia implica, como a possibilidade comum a todos os sistemas de significação, a instância do *rastro instituído*. (2006, p. 56)

Derrida quer eliminar a relação de derivação. Para isso, ele opera uma inversão no modo de abordar a questão: doravante é no seio da escrita, enquanto “instituição durável” e “inscrição” de um signo, que se passa a pensar a linguagem. Uma vez realizada essa operação, o autor considera a escrita em sentido estrito. As diversas modalidades de grafia (pictograma, hieróglifo, escrita fonética, alfabética, etc.) outorgam características próprias à relação semiótica. A história da escrita manifesta quanto cada mudança modifica, por sua vez, as possibilidades da linguagem.

A *Gramatologia* desconstrói a unidade *lógos*-razão constatando o privilégio concedido à fala em relação à escrita e da escrita alfabética sobre a não-fonética. Ao predomínio dado à voz e à fala, Derrida associa a reivindicação interligada da razão, da consciência e do ser enquanto presença permanente, própria da metafísica ocidental. Nesta perspectiva, o uso freudiano da metafórica do traço escrito é avaliado como ruptura, ainda que muito tímida, dessa lógica.

Mais do que suas teses gerais, nos interessam aqui os aspectos específicos que a intuição derridiana sugere acerca do sentido dessa metafórica em Freud. Por uma parte, podemos dizer que a inscrição das experiências institui o rastro destas no psiquismo e que, justamente, tal inscrição é a condição de possibilidade da vida psíquica. Por outra, a especificidade de tal inscrição determina o tipo de relação significante-significado. Em outras palavras, o modo de inscrição não é indiferente no que respeita à lembrança. A multiplicidade de inscrições, a sua trasformabilidade em diversos signos e segundo diversos princípios associativos, tudo isso traz conseqüências na índole das recordações a que dá lugar.

O que está em jogo aqui é a tensão entre sensação/percepção/estímulo e a representação correspondente. Como dito anteriormente, em Freud a experiência é importante, mas sua relevância está dada pela inscrição e registros mnêmicos. A vida psíquica constitui-se desses rastros e o que com eles possamos fazer. Não se trata de uma alternativa entre percepção e representação, mas da sua unidade.

Na imagem da escrita como incisão em uma superfície, manifesta-se a memória, enquanto essência do psiquismo, como “resistência e por isso mesmo abertura à efração”⁵⁵

⁵⁵ O tradutor ao português optou nesse caso por manter a tradução o mais próxima da versão original. Segundo o dicionário Larousse “*effraction*” é um galicismo que significa fratura.

(sic) do traço”(DERRIDA, 1971, p. 185). A materialidade da escrita ajuda a compreender a idéia de rastro instituído como marca de uma experiência em sua característica de mudança em relação ao estado anterior e em sua nota de perdurabilidade. O caráter de grafia contempla tanto imagens quanto palavras, abrangendo o leque de signos a que podem dar lugar os traços mnêmicos.

Kristeva observa que a escrita, enquanto marca, traço ou grama, salienta não já a semelhança ou representação, mas a diferença. Embasado na crítica filosófica de Derrida à noção de signo — entendido segundo a relação signo-significado-conceito — o conceito de grama neutraliza a primazia do fonético do signo e da dimensão representativa para enfatizar a substância gráfica de diferença, espaçamento e inscrição (KRISTEVA, 1969, p. 31n). Desse modo fica inteligível a aproximação de Derrida em “Freud e a cena da escritura”, entre escrita e memória, pois ambas são efeitos de diferenças, ou melhor, sistemas de diferenças⁵⁶.

O uso das metáforas da escrita — examinado tanto na perspectiva, sugerida por Freud, de uma comparação com o conceito tradicional de notação gráfica; quanto na de uma aproximação com a noção de escrita derridiana — não parece ser um recurso apenas didático-retórico, mas também heurístico para desenvolver as diferenças das formas do funcionamento psíquico, assim como dos meios de representação. Além dos já mencionados, existem outros tópicos em torno da escrita e dos documentos históricos que fornecem elementos para alargar nosso conhecimento sobre a memória. Assim, por exemplo, as diversas interpretações que desde contextos históricos diferentes se elaboram acerca dos documentos, que em si se mantêm inalterados, sugerem a variação de significado das lembranças desde conexões associativas diversas.

⁵⁶ De acordo com o *Projeto*, a memória é concebida como diferenças nas facilitações entre os neurônios ψ .

O exemplo de Champollion decifrando os hieróglifos ao compará-los com escritas fonéticas deve ter sido certamente inspirador para Freud no que diz respeito à diferença de grafos, de estruturas e de formas de cumprir a função de referência. Não é a idéia de tradução oral entre dois idiomas, mas a idéia de transposição entre notações gráficas diferentes a que subjaz à noção de transcrição entre sistemas psíquicos com as respectivas diferenças entre figuras e imagens estruturadas em todos simultâneos e palavras organizadas em seqüências discursivas.

Não apenas os sonhos se esclarecem pela consideração da escrita; também a compreensão dos fenômenos semióticos resulta enriquecida à luz da concepção dos sonhos. Amiúde, as análises das variações de figuração onírica ilustram os diferentes sistemas de notações gráficas com referência à linguagem e sem ela. Max Black, em *Modelos e metáforas*, estabelece três enfoques do uso de metáforas: o substitutivo, o comparativo e o interativo (1966, p. 42-9). A dupla direção no alargamento do conhecimento define o último. De modo que se poderia conjecturar que, aqui, a metafórica funciona interativamente⁵⁷ entre os tópicos que acompanham a escrita e os da memória. Para completar o exame do uso freudiano dessa metafórica, é necessário abordar, a seguir, o problema das transcrições segundo o ponto de vista da representação do aparelho psíquico e o uso de metáforas e modelos com este fim.

3.2.2. – Aparelho psíquico e transcrições

Desde o texto das afasias, a noção de aparelho psíquico vem sendo elaborada por Freud. Esse texto traz, na conceituação do aparelho de linguagem, um primeiro esboço do

⁵⁷ Devemos a indicação do texto a Richard Theisen Simanke.

que posteriormente seriam os desdobramentos da representação do aparelho psíquico. Na *Auffassung*, Freud introduz a noção de aparelho de linguagem como responsável pela integração de todas as funções parciais que envolvem a linguagem em um discurso independente do esquema localizacionista sem, por isso, negar o seu substrato físico.

Diferentemente, o *Projeto* apresenta o psiquismo em termos de quantidade percorrendo caminhos entre neurônios que, de acordo com a função, constituem os sistemas ϕ , ψ e ω . Um modelo teórico que acompanharia, de maneira simplificada e esquemática, a realidade a ser estudada. Não se trata de uma comparação, mas de uma “espécie de cópia” abstrata e simplificada de seu referente concreto e empírico, o cérebro” (MONZANI, 1989, p.119), cabendo, nesse sentido, uma interpretação existencial⁵⁸ do mesmo.

Traço mnêmico e lembrança são explicados pelo curso excitatório através dos diferentes neurônios. Os traços resultam da marca deixada pela quantidade ao passar pelas barreiras de contato entre os neurônios ψ . A representação consciente produz-se quando esses neurônios são reocupados por uma nova quantidade em fluxo que continua até ω . A transposição de uma representação inconsciente para a consciência obedece, então, à presença da quantidade no sistema neurônico ω . Aqui, a qualidade vincula-se à localidade, em sentido anatômico, da quantidade.

Entre o *Projeto* e o capítulo VII se encontra a *Carta 52* com a terminologia de escrita examinada na seção anterior. A disposição espacial das inscrições/transcrições no antecipo do esquema apresentado no capítulo VII, cumpre uma função expositiva, devendo ser compreendido como representação da sucessão temporal chamada por Freud de estratificação. O que nessa é chamado de inscrições e transcrições com características pré-

⁵⁸ Seguimos, como antes indicado, a classificação estabelecida por Black, distinguindo modelos escalares, analógicos, matemáticos e teóricos. Por sua vez, cabe a esses últimos a possibilidade de serem usados como ficções heurísticas ou dar-lhes um uso existencial (1966, p. 225).

conscientes ou inconscientes, transforma-se, no texto de 1900, nos sistemas pré-consciente e inconsciente pela sua relação com a instância censora.

Muitos anos depois, em *Notas sobre o bloco mágico*, Freud retoma a comparação da *Carta 52* entre o conteúdo psíquico e a escrita, introduzindo uma analogia entre o aparelho psíquico e uma “máquina” elementar de escrever. A comparação entre o sistema mnêmico e a escrita parte da semelhança entre ambos os tipos de registro no que concerne à conservação. Registrar por escrito uma experiência em uma folha, ou equivalente, funciona como complemento material do aparelho mnêmico. A superfície, uma vez escrita, passa a ser o lugar de depósito da experiência/lembrança que se conserva sem modificações. Aparece aqui a primeira diferença entre ambos os termos de comparação, pois a experiência armazenada na memória sofre mudanças.

O bloco mágico, formado por uma tabuinha de cera escura por cima da qual se dispõem um papel encerado e uma lâmina de celulóide, é um artifício para escrever pela pressão de um instrumento pontiagudo sobre sua superfície. As incisões assim resultantes tornam-se visíveis pelo contato do celulóide e do papel encerado com a base de cera. A escrita se dá, não por acréscimo de material sobre a superfície, como no caso da folha, mas pelos sulcos. Da mesma maneira em que os antigos escreviam sobre tabuinhas de cera ou argila, a escrita ganha forma pelas marcas, fendas, rastros sobre a superfície receptora.

De forma mais geral, na comparação com o bloco mágico – comparação cujo objeto era pensado na época do *Projeto* como impossível – vemos evidenciada a solução às características aparentemente inconciliáveis e, no entanto, presentes ao mesmo tempo no aparelho psíquico: permanência dos traços e receptividade contínua. Por uma parte, a escrita desaparece do bloco mágico apenas separando o celulóide e o papel da cera,

restituindo a capacidade de receber novas inscrições; por outra, na cera conservam-se de forma duradoura os rastros do escrito anteriormente. Como no psiquismo, as operações de recepção e conservação distribuem-se em dois componentes diferentes, mas vinculados entre si.

O celulóide e o papel encerado correspondem ao sistema percepção-consciência junto com a proteção anti-estímulo. A tabuinha de cera corresponde ao inconsciente. O devir visível e o desaparecer equivalem à iluminação e à extinção da consciência pela percepção. Desse modo, o bloco mágico vem responder à necessidade de estabelecer uma aproximação intuitiva entre o psiquismo e algum objeto real, presente nos primeiros escritos freudianos.

Todavia, tal aproximação apresenta mais uma limitação, além da já mencionada, sobre a conservação sem modificações. Ao caráter não-modificado dos traços no bloco, enquanto que a memória se caracteriza pela constante transformação dos mesmos, devemos acrescentar a impossibilidade do bloco reproduzir por si a escrita apagada da superfície, ainda que a cera conserve seus rastros (FREUD, [1924 – 1925] 1948, GW, XIV, p. 6; 1976, AE, XIX, p. 246). Entretanto, são, justamente, a modificação dos traços na memória e a reprodutibilidade dos mesmos que estão em jogo quando se pretende explicar a noção das transcrições. Diante dessas observações, concordamos com Draaisma quando afirma que essa metáfora adquire para Freud valor heurístico, tornando a sua hipótese acerca do aparelho psíquico mais exata nas semelhanças e, também, nas dessemelhanças (2005, p. 46).

Na *Traumdeutung*, o aparelho é pensado em termos psicológicos, abandonando a semântica da anatomia e da neurofisiologia, própria da abordagem do *Entwurf* (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 512; 1976, AE, V, p. 529). Dessa vez, a comparação com um

aparelho ótico, auxilia Freud na análise do aparelho psíquico. O objetivo é claramente exposto:

Manter-nos-emos no terreno psicológico e somente propomos seguir essa sugestão: imaginarmos o instrumento de que se servem as operações da alma como se fosse um microscópio composto, um aparelho fotográfico, ou algo semelhante. A localidade psíquica corresponde então a um lugar no interior de um aparelho, em que se produz um dos estádios prévios da imagem. No microscópio e no telescópio, como é sabido, essas são em parte umas localizações ideais, umas zonas nas que não se situa nenhum componente apreensível do aparelho. Julgo supérfluo me desculpar pelos defeitos desse símile e todos os do mesmo tipo. Tais analogias não perseguem outro propósito que nos servir de apoio na tentativa de tornar inteligível a complexidade da operação psíquica decompondo-a e atribuindo cada operação singular a componentes singulares do aparelho. ([1900] 1972, SA, II, p. 512 – 513; 1976, AE, V., p. 530)

Trata-se, aqui, de um recurso expositivo cujo caráter provisório depende da sua serventia. Com base nesse, Freud elabora o modelo, apenas esboçado de modo germinal na *Carta 52*, esquematizado graficamente como um pente invertido, na seção B do capítulo VII. A metáfora do microscópio (ou do telescópio) serve para indicar a seqüência temporal ordenada e fixa dos sistemas de funcionamento que compõem o aparelho psíquico. A analogia com o objeto e seu funcionamento prepara a imagem espacial para figurar tanto os componentes quanto as direções progressiva e regressiva do processamento da excitação.

Sobre o esquema do arco-reflexo, Freud monta a representação do aparelho psíquico em cujos extremos encontram-se o sistema perceptivo e o motor⁵⁹. Entre ambos desdobram-se os sistemas mnêmicos. Como sabido, as linhas verticais representam lugares psíquicos. A sua distribuição em diferentes pontos da linha horizontal representa a

⁵⁹ A superposição com o esquema do arco-reflexo acena para o fato de esse modelo não ser incompatível com o referencial anatômico. A esse respeito, cf. MONZANI, 1989, p. 126-7.

diferença de funcionamento de acordo com leis próprias. De modo que de esquerda à direita resultam transcrições do figural ao verbal. Diferentemente, se a ocupação acontece em sentido contrário, a transformação vai de representações-palavra a representações sensoriais alucinatórias.

Nos *Studien* e na *Carta 52* fica explícita a tese do registro múltiplo dos traços. Nesse sentido, poder-se-ia interpretar que para um mesmo conteúdo haveria mais de um traço em sistemas diversos ou, em termos dos *Studien*, que um conteúdo estaria armazenado em diferentes arquivos. Na *Traumdeutung*, o modelo espacial para descrever os sistemas inconsciente e pré-consciente dá lugar a interpretar as transcrições como situadas, em um sentido concreto, em localidades psíquicas.

Entretanto, em consonância com a imagem da luz passando pelas diversas lentes do telescópio, lemos também na *Traumdeutung*: “Assim, chamamos ‘regressão’ ao fato de que no sonho a representação volta a mudar-se na imagem sensorial da que alguma vez partiu” ([1900] 1972, SA, II, p. 519; 1976, AE, V, p. 537). Na seção F do capítulo VII, Freud corrige o mal-entendido de atribuir aos sistemas duas localidades no interior do aparelho psíquico:

Quando dizemos que um pensamento inconsciente aspira a traduzir-se no pré-consciente para irromper desde lá na consciência, não queremos significar que se forme um pensamento segundo, situado em um lugar novo, por assim dizer uma transcrição junto à qual subsistiria o original; e também no que respeita ao irromper na consciência queremos aventar toda idéia de mudança de lugar. ([1900] 1972, SA, II, p. 578; 1976, AE, V, p. 598)

A multiplicidade da memória não consistiria, então, em suas representações estarem localizadas de forma simultânea e diversa, mas em sucessão. O parágrafo continua:

Quando dizemos que um pensamento pré-consciente é recalçado e então o inconsciente o recebe, essa imagem, emprestada do círculo de representações da luta por um território, poderia nos induzir a supor que realmente certo ordenamento é dissolvido dentro de uma localidade psíquica e substituído por outro que se situa em uma localidade diferente. Agora substituímos esse símile pelo que parece responder melhor ao estado real das coisas, a saber, que uma ocupação energética é imposta a um determinado ordenamento ou retirada dele, de sorte que o produto psíquico em questão cai sob o império de uma instância ou se subtrai dele. Novamente substituímos aqui um modo de representação tópico por um dinâmico; não é o produto psíquico o que aparece como movível, mas sua ocupação. ([1900] 1972, SA, II, p. 578; 1976, AE,V, p. 598)

As diversas perspectivas estabelecidas pelas formas de representar o aparelho psíquico questionam acerca de como devemos compreender o fenômeno das transcrições. Em que sentido a memória é múltipla? À pergunta subjaz a dúvida sobre como conciliar as hipóteses tópica e dinâmica. Como explicitado em *O Inconsciente*, ela diz respeito a lugares de inscrição para explicar as transcrições (DERRIDA, 1971, p. 213). Nas palavras de Freud:

Se um ato psíquico experimenta a transposição do sistema Icc ao sistema Cc (ou Pcc), devemos supor que a essa se liga uma fixação (*Fixierung*) nova, à maneira de uma segunda transcrição da representação correspondente, que então pode estar contida também em uma nova localidade psíquica subsistindo, além demais, a transcrição originária, inconsciente? Ou antes, devemos acreditar que a transposição consiste em uma mudança de estado que se cumpre em idêntico material e na mesma localidade? ([1915] 1946, GW, X, p. 272 – 273; 1976 AE, XIV, p.170.)

A solução ao impasse é encontrada por um outro caminho, alternativo às duas hipóteses em jogo:

Elas [representações consciente e inconsciente] não são como acreditávamos, diversas transcrições do mesmo conteúdo em lugares psíquicos diferentes, nem diversos estados funcionais de ocupação no mesmo lugar, senão que a representação consciente abrange a representação-coisa mais a correspondente representação-palavra, e a inconsciente é a representação-coisa sozinha. O sistema Icc contém as ocupações de coisa dos objetos, que são as ocupações de objetos primeiros e genuínos; o sistema Prcc nasce quando essa representação-coisa é sobreocupada pelo enlace com as representações-palavra que lhe correspondem. ([1915] 1946, GW, X, p. 300; 1976, AE, XIV, p. 198)

A hipótese econômica dá a chave para explicar a diferença entre os sistemas do aparelho psíquico e as transcrições entre os mesmos. Freud retoma aqui a composição da representação estabelecida na *Auffassung*, porém, com outra terminologia. Em vez de “representação de objeto”, usada em 1891, adota o termo “representação-coisa”. O termo “ocupação” remete à idéia de ocupação por quantidade do *Projeto*, com a mudança de que, nesse caso, não se trata de neurônios ocupados, mas de representações ou, melhor, traços mnêmicos.

À luz das diversas interpretações acerca do que acontece nas transcrições, pode-se dizer que a direção do aparelho psíquico ganha maior especificidade em cada um dos textos. Notadamente entre a *Carta 52* e a *Traumdeutung* fica salientada a diferença. Na primeira é possível inferir que as inscrições anteriores se mantêm, ainda que inibidas, de forma a cumprir a multiplicidade da memória para cada momento e para cada conteúdo. Na segunda, a correção de Freud indica que cada nova inscrição realiza-se sobre o material da anterior modificando-o.

Em um acréscimo de 1914 ao capítulo VII da *Traumdeutung*, Freud estabelece a distinção entre os tipos de regressão temporal, formal e tópica. A concepção diacrônica do

aparelho psíquico estabelece uma trama peculiar na organização do material mnêmico que pode ser descrita desde as três perspectivas sem deixarem de ser uma única:

Mas no fundo os três tipos de regressão são um só e na maioria dos casos coincidem, pois, o mais antigo no tempo é por sua vez o mais primitivo em sentido formal e o mais próximo ao extremo perceptivo dentro da tópica psíquica. ([1900] 1972, SA, II, p. 524; 1976, AE, V, p.541-2)

Às diferentes formas de regressão correspondem a sucessão do tipo de processos psíquicos, a complexificação progressiva das formas de representação e a ordenação dos sistemas mnêmicos. O sistema mnêmico pertencente a um determinado lugar psíquico representa de uma certa forma segundo uma ordenação cronológica. Adiante e atrás, do mais simples ao mais complexo e antes - depois são as três dimensões em que se desenvolve a vida psíquica.

O funcionamento psíquico, em sentido da progressão, implica que entre duas épocas o material deve ser traduzido. Do tipo de signo antigo e seus nexos correspondentes deve-se passar ao outro, próprio da nova época. A falta dessa operação é o recalque⁶⁰, que provocado pela ameaça de desprazer, produz um funcionamento anacrônico em que a excitação é tramitada segundo leis do estágio anterior.

Nesse ponto, Freud se serve da tese de H. Jackson da patologia ser uma retrogressão funcional para estabelecer uma correspondência entre as etapas do desenvolvimento psíquico, o momento do recalque e as psiconeuroses. Assim, na histeria o recalque das lembranças ocorre em signos de percepção correspondente ao estágio que vai até os quatro anos. Na neurose obsessiva, o recalque é em signos inconscientes, que corresponde ao estágio entre os quatro e os oito anos. Na paranóia, o recalque se dá em signos pré-

⁶⁰ Sobre esse conceito retornaremos em “Recalque como esquecimento tendencioso”.

conscientes do estágio que abrange dos oito aos quatorze. Na perversão, não havendo desprazer, senão prazer não suscetível de inibição, surge compulsão em lugar de recalque (FREUD, [1896] 1976, AE, I, p. 277-8; MASSON, 1986, p.210).

Entre imagens espaciais e fenômenos que têm por objetivo conservar ao longo do tempo informações, há uma certa co-naturalidade. Tradicionalmente, regras mnemotécnicas e escrita servem-se de superfícies e lugares para alcançarem seu fim: a escrita desenvolve-se sobre uma superfície, a tradição mnemotécnica assenta-se na idéia de associar os conteúdos a serem recordados com lugares familiares⁶¹. Em se tratando da memória, metáforas espaciais são usadas para representar seu funcionamento. A questão, como alerta Freud, é não ficar refém de símiles auxiliares.

3.3 – O conceito de associação

Na teoria freudiana pode-se falar de associação em, pelo menos, dois níveis: no interior da representação e na relação entre representações. Em torno do primeiro, temos a representação, concebida como um complexo de associações desde a *Auffassung*, e a inscrição dos traços mnêmicos, constituída por nexos associativos a partir da formulação da *Carta 52*, como examinado em seções anteriores.

Quanto ao segundo, um exemplo paradigmático da importância concedida por Freud à associação é o tratamento, no *Projeto*, das vivências de dor e de satisfação que supõem a combinação associativa de traços mnêmicos de excitação, de objetos e de alívio, configurando novas representações. Para melhor avaliarmos o lugar outorgado à associação e qual caráter ela empresta à memória, vamos considerar, em um primeiro momento, uma

⁶¹ Cf. YATES, Frances, *El arte de la memoria*, Madrid, Siruela, 2005.

descrição geral da vida psíquica; a seguir, examinaremos a noção de *a posteriori*, com o auxílio, além dos escritos já introduzidos, do texto acerca do Homem dos lobos; finalmente, deter-nos-emos na análise da associação no trabalho onírico, como exemplo desse mecanismo nos processos primários.

3.3.1 – Psiquismo e fluxo associativo

A tendência do aparelho psíquico é de se livrar da excitação armazenando o mínimo necessário para sustentar a ação específica. Para tanto, a quantidade exógena após ingressar no sistema ϕ segue seu curso para ψ abrindo ramificações, e dessa maneira, a complexidade crescente contribui a cumprir o princípio de inércia (FREUD, [1895 – 1950] § 1-9). As facilitações assim estabelecidas são associações entre neurônios ou, em outros termos, caminhos preferenciais entre representações (HANNS, 1996, pp. 240-5). Temos, portanto, o associar na base do funcionamento psíquico.

No que se refere à organização da memória, as representações são armazenadas conforme critérios associativos diferentes. Em “Psicoterapia da histeria”, é estabelecido que o núcleo patogênico, associado a outras lembranças, registra-se em uma ordem tríplice: cronológica, segundo a intensidade do recalque e de acordo ao fio lógico do conteúdo.

O critério cronológico vigora em cada tema isolado, agrupando as vivências linearmente segundo vão aparecendo, de forma que a evocação se dá em ordem inversa à realmente acontecida. O segundo critério estabelece uma estratificação concêntrica em torno do núcleo patogênico. Em tal estratificação, as camadas mais periféricas correspondem às lembranças dos temas mais facilmente recordáveis e sempre conscientes e as camadas mais profundas àquelas lembranças que o sujeito não reconhece ao reproduzi-

las. Por último, a cadeia lógica desenha linhas de lembranças, que se ramificam e convergem em pontos nodais.

No que tange à vida psíquica, assim como no *Projeto*, também nos *Estudos sobre histeria*, ela é concebida como um fluxo associativo contínuo em relação ao qual o patológico é uma ruptura. Em uma nota ao relato do caso Emmy von N., Freud indica que a compulsão a associar leva a estabelecer falsos enlaces em resposta à necessidade psíquica de manter seus conteúdos conscientes em uma unidade segundo princípio de causa-efeito:

Parece haver uma necessidade de pôr fenômenos psíquicos dos que nos tornamos conscientes em um enlace causal com outro elemento consciente. Toda vez que a causa efetiva se subtrai da percepção da consciência, ensaiamos sem vacilar outro enlace no que acreditamos ainda que seja falso. (BREUER E FREUD, [1893-95] 1952, GW, I, p. 121n; 1976, AE, II, p.88n)

De modo mais geral, entrar em associação com as restantes vivências é o destino das vivências comuns, de modo a constituírem esse fluxo. Ao contrário, a representação traumática recalcada permanece alheia a esse processo associativo, enquanto as outras fazem parte do mesmo. Inserir uma vivência traumática em um complexo associativo de modo a retificá-la ou contradizê-la é um dos mecanismos psíquicos normais de tramitação:

Por exemplo, após um acidente, à lembrança do perigo e à repetição (enfraquecida) do terror acopla-se a lembrança do que depois sobreveio, o resgate, a consciência da atual segurança. A recordação de uma afronta é retificada pondo em seu lugar os fatos, ponderando a própria dignidade, etc. Assim, por meio de algumas operações associativas, o homem normal consegue fazer desaparecer o afeto concomitante. (BREUER E FREUD, [1893-95] 1952, GW, I, p. 87 – 88; 1976, AE, II, p.34 - 35)

Na histeria, a representação patogênica, cujo afeto não é ab-reagido, escapa a tal corrente associativa. Que o histérico sofra de reminiscências significa que certas representações excluídas do curso associativo consciente constituem uma segunda condição paralela enquistada e interferindo. Portanto, como mencionado anteriormente, as representações devidas patogênicas conservam seu vigor afetivo por falta de desgaste normal da ab-reação ou da associação desinibida (BREUER E FREUD, [1893-95] 1952, GW, I, p. 90; 1976, AE, II, p.37).

Entretanto, a vida psíquica é constituída não apenas pelo fluxo associativo inconsciente, mas também por um fluxo associativo consciente. Ambos podem eventualmente se entrecruzarem na emergência de representações involuntárias e ocorrências⁶², como nos casos dos sintomas, dos chistes e das criações artísticas.

A idéia de uma finalidade perseguida pelo pensar em geral é defendida desde o princípio por Freud. O *Projeto* descreve o pensar reprodutivo como a quantidade percorrendo os caminhos que levam da imagem perceptiva, correspondente ao neurônio c, à representação do objeto desiderativo, neurônio faltante b. A meta consiste em estabelecer a identidade entre o percebido e o objeto mnêmico de desejo através das facilitações intermediárias. A representação desiderativa funciona, então, como meta do processo que leva de uma representação a outra à procura de alcançar o objeto desejado (FREUD, [1895 – 1950] 2003, p. 206; 1976, AE, I, p. 374-5).

Acerca da interpretação dos sonhos, Freud esclarece que o procedimento chamado de “associação livre” de deixar emergir representações involuntárias sem qualquer reflexão,

⁶² Devemos a Mario Fleig a observação de que o termo ‘*Einfall*’ usado por Freud abriga uma conotação próxima da que apresenta a expressão ‘ocorrência súbita’ que parece mais adequada que “associação” para referir a irrupção desde o inconsciente. Sobre esse assunto, cf. também os comentários de Luiz Hanns no verbete “Idéia, Associação livre, Associação: *Einfall*” (1996, pp. 270-276).

não significa abandonar-se a um curso sem nenhuma representação-meta. Ao contrário, renuncia-se às representações-meta conscientes para que surjam pensamentos regidos pelas representações-meta inconscientes (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 505 – 506; 1976, AE, V, p. 522).

Nessa compreensão do psiquismo, não é possível – afirma Freud, em nota acrescentada em 1914 ao capítulo VII – restringir o entendimento da associação de idéias aos termos “representação provocadora” e “representação provocada” como o faz a “psicologia associacionista pura” ([1900] 1972, SA, II, p. 506n; 1976, AE, v. V, p. 522n). Em termos gerais, trata-se de uma representação que suscita outra – esta, por sua vez, pode sub-rogar uma terceira –, mas com uma orientação definida por interesses conscientes ou inconscientes. Assim, as representações-meta, ao agirem como pólos de atração de novas representações, introduzem uma certa finalidade no procedimento associativo.

3.3.2 – O *a posteriori*

Como dissemos, a atividade associativa participa tanto do funcionamento consciente quanto do inconsciente. A esse respeito, na parte II do *Projeto*, Freud introduz a noção de *nachträglich* para explicar como se determina o sintoma histérico, operação na qual também a associação tem seu papel. Na elaboração do sintoma, encontra-se a repressão acompanhada de formação de símbolo. Uma representação é substituída por outra com a qual está associada sem que a consciência tenha nenhuma notícia desse processo.

O exemplo de Ema traz duas cenas que se entremeiam para produzir o sintoma: a da loja, quando, tendo ela doze anos, os balconistas riem do seu vestido e a da mercearia, quando o vendedor a molesta na idade de oito anos. A associação entre ambas as

lembranças reaviva, outorgando um novo significado a mais antiga, graças ao qual se produz liberação de excitação sentida como desprazer. Isto acarretará os processos de repressão e de formação de símbolo. É *a posteriori* que a cena com o comerciante adquire sua dimensão traumática, ou seja, não é a vivência da situação, senão a sua lembrança em associação com uma nova vivência a que vira patogênica.

Com base no examinado até aqui, a pergunta não é, então, se a associação tem um lugar relevante na teoria, senão de que tipo de associacionismo se trata. Quanto a isso, Amacher observa que a psicologia associacionista, adotada diretamente dos autores britânicos ou indiretamente, através de Fechner e Wundt, fazia parte do meio acadêmico e cultural alemão decimonônico (1965, p. 28). A tese fundamental dessa posição defende que as impressões de sensação fornecem a matéria prima para todo o pensar. De forma semelhante, as vivências de satisfação e de dor constituem a base para a formação de desejos e aversões e estes, por sua vez, determinam todo o funcionamento do psiquismo – até as diversas formas do pensar – na tentativa de obedecer ao princípio de desprazer.

Todavia, existe um outro ponto relevante, além do apresentado na seção anterior, em que as teses associacionista e freudiana se afastam. Embora Freud reconheça vivacidade e intensidade maiores na percepção, em determinadas circunstâncias – como no caso de Ema, que acabamos de mencionar – ele atribui eficácia maior às lembranças do que às percepções enquanto primeiras vivências. Em torno disso, abre-se uma brecha entre Freud e o ideário empirista clássico.

No marco da teoria da sedução, um evento de caráter sexual não compreendido torna-se traumático pelo efeito de um segundo acontecimento que, associado com o primeiro, desvela a índole sexual deste, produzindo desprazer, sendo assim recalçado. São,

pois, necessários dois acontecimentos para a remodelação de uma vivência. No *Projeto*, o caso Ema mostra claramente como a situação traumática se estabelece pela coordenação de dois fatos afastados no tempo, em cujo intermédio tiveram lugar as mudanças da puberdade.

A postulação da sexualidade infantil retrotrai o fenómeno de modificação *a posteriori* do início da puberdade aos quatro ou cinco anos, momento no qual a criança pode compreender a cena. Na análise do Homem dos Lobos, Freud trabalha com a hipótese de que o paciente teria presenciado uma cena de relação sexual dos pais quando ele tinha menos de dois anos. A lembrança da cena teria adquirido carácter patogênico na ocasião do famoso sonho que representa lobos sentados nos galhos de uma árvore olhando fixamente para o sonhador.

Entre a hipotética⁶³ cena primordial e o sonho têm lugar uma série de episódios que vão determinar a re-significação posterior daquela. Em primeiro lugar, a cena com Grusha; em segundo lugar, a sedução da irmã; em terceiro lugar, a ameaça da babá. Trata-se de situações realmente vivenciadas que fornecem novas conexões significativas envolvendo a excitação face à cena, o perigo de castração, o desejo sexual passivo. Se por uma parte a visão de Grusha de joelhos desperta excitação sexual devido à experiência de observar o coito entre os pais; por outra, a cena parental adquire dimensão traumática pela ameaça de castração formulada de maneira brincalhona por Grusha.

É preciso definir melhor a concepção freudiana do *a posteriori*. Em primeiro lugar, como observam Laplanche e Pontalis, não é qualquer vivência que é submetida ao efeito posterior, mas aquelas que não puderam integrar-se adequadamente no contexto

⁶³ Embora Freud faça grandes esforços por demonstrar a realidade da cena, não pode haver certeza sobre a mesma, nem tampouco de que esse seja o conteúdo latente do sonho. Em todo caso, importa saber quais as razões desse esforço todo por parte de Freud.

significativo. Em segundo lugar, a modificação posterior é favorecida por acontecimentos ou por maturação orgânica que acarretam novas significações. Em especial, a evolução sexual, com as re-significações de cada etapa e a interrupção do período de latência abre espaço para o fenômeno do *a posteriori* (1992, pp. 33-36).

Ora, a posterioridade no funcionamento psíquico supõe que a lembrança pode ter uma força determinante maior do que a impressão que a originara. Nas palavras de Edward Casey:

[...] Freud descobriu que uma recordação é mais do que uma cópia ou um resíduo mimético de um fato passado, que, longe de ser o simulacro passivo deste acontecimento, tem sua própria eficácia causal, eficácia que pode superar à que há inerente no fato original, contravindo, assim, a suposição antiga de que deve haver ao menos tanta realidade em sua causa eficiente como em seu efeito.(1993, P. 123)

Com efeito, a cena observada pelo Homem dos Lobos é registrada e re-elaborada anos depois, no sonho. É o material mnêmico, acrescido por novas significações, que exerce influência sobre o restante da vida psíquica e não a impressão original. É na memória onde acontece o essencial da vida psíquica. A concepção freudiana parece alargar a memória a qual não é mais apenas arquivo de experiências, mas o laboratório que processa as vivências.

Visto que “o sonhar é também um lembrar, ainda que submetido às condições noturnas e da formação do sonho” ([1914 -1918]1947, GW, XII, p. 80; 1976, AE, XVII, p.50), então os sonhos possuem o mesmo valor que a lembrança. O trabalho onírico implica sempre um material mnêmico. Lemos na *Interpretação* que todo o material que compõe o sonho “procede de algum modo do vivenciado, e portanto é reproduzido, *recordado* no sonho...” ([1900] 1972, SA, II, p. 38;1976, AE, IV, p. 38).

Quando se trata da memória nos sonhos, uma outra peculiaridade relevante, além da recém mencionada, consiste em que o sonho se forma com o material da vida infantil, mesmo não tendo recordação consciente do mesmo ([1900] 1972, SA, II, p. 42; 1976, AE, IV, p. 42). Ainda uma outra característica peculiar reside em que o material escolhido para ser o conteúdo manifesto no sonho é indiferente e insignificante ([1900] 1972, SA, II, p. 45; 1976, AE, IV, p. 44). Assim descrito, o funcionamento da memória no sonho evidencia a capacidade de conservação permanente, nota distintiva da concepção freudiana de memória em geral.

Estas idéias servem de fundo para a análise do sonho do Homem dos Lobos e, em princípio, poder-se-ia pensar que afiançariam a tese da realidade da cena. Todavia, em primeiro lugar, que o sonho se sirva da memória não garante nem a fidedignidade, nem a realidade do conteúdo. Depois do texto sobre lembranças encobridoras de 1898, considera-se que a memória nem sempre é o registro estrito do vivido. Esse aspecto criativo da memória faz-se manifesto de forma progressiva ou regressiva: podemos “lembrar” algo desejado no presente, encobrindo-o como se tivesse acontecido, ou um desejo passado figurar-se em uma situação presente.

Em segundo lugar, as vivências infantis mais antigas conservam-se de modo *sui generis* sendo de difícil acesso. A análise pode resgatá-las na forma de “transferências e sonhos”. Nas palavras de Freud, “*não as (as vivências infantis mais remotas) temos mais como tais, senão que são substituídas na análise por “transferências” e sonhos*” ([1900] 1972, SA, II, p. 196; 1976, AE, IV, p. 199). Assim, a única convicção possível acerca da realidade da cena é a proveniente da análise, que equivaleria ao convencimento acarretado pela recordação ([1914 -1918] 1947, GW, XII, p. 80; 1976, AE, XVII, p.50). Porém, na XXIIIª das *Conferências...* lemos que tanto as vivências infantis construídas ou recordadas

em análise quanto as lembranças isoladas anteriores à análise podem ser uma mistura de verdade e falsidade ou até totalmente falsas ([1916 – 1917] 1940, GW, XI, p. 382; 1976, AE, XVI, p. 335).

Uma outra dificuldade vem a calhar: o progressivo predomínio da noção de fantasia sobre a de trauma para a explicação etiológica. Na *Carta 69* de setembro de 1897, Freud expõe as razões pelas quais “não acredita mais na sua neurótica”. Uma delas é a falta de critério de realidade no funcionamento inconsciente, de modo que não há como distinguir entre fato e fantasia no que diz respeito ao que nas *Conferências* vai chamar de “fantasias primordiais”.

A lembrança do Homem dos Lobos traz ele próprio, urinando em pé enquanto Grusha esfrega o piso de joelhos. À pergunta de se é excitação sexual na criança cabem duas respostas possíveis: ou bem a coincidência da situação é pura casualidade e a cena foi sexualizada mais tarde na recordação, ou bem é excitação sexual, o que implica a influência de uma vivência anterior, seja a cena primordial ou a observação de animais ([1914 – 1918] 1947, GW, XII, p. 130 -131; 1976, AE, XVII, p. 88). No vivenciar individual – conclui Freud – a cena primordial, a fantasia de sedução e a ameaça de castração podem tanto terem realidade objetiva quanto serem fruto da fantasia⁶⁴.

O crescente papel atribuído à fantasia a partir do questionamento da teoria da sedução não fará senão acentuar a dimensão produtiva, e não meramente reprodutiva, da memória. Essa mudança remete novamente à possibilidade de lembrar como evento algo que não existiu. Em todo caso, não haveria, em sentido estrito, abandono da idéia de sedução, senão uma reformulação desta, pois embora Freud deixe de sustentar a sedução pontual como fator etiológico universal, mais adiante ele identifica a sedução mais difusa

⁶⁴ Em última instância, as fantasias primordiais remetem a fatos da pré-história da espécie.

dos cuidados maternos como fonte para a fantasia de ser seduzido por um dos progenitores (MONZANI, 1989, p. 27-55). Em outras palavras, ainda que em termos mais nuançados, ele continua a reivindicar acontecimentos como fundamentos da vida psíquica⁶⁵.

De início, o *a posteriori* foi pensado como relação entre duas vivências de fatos. Depois, com a atribuição de uma maior significação da fantasia, não precisam ser dois eventos reais. No caso do Homem dos Lobos a discussão pode ser pensada em torno de se o efeito *a posteriori* teve lugar entre uma representação que esconde uma fantasia e os acontecimentos que seguiram ou somente entre fatos vividos e re-significados. Em todo caso, a cena primordial, a vivência com Grusha, a sedução da irmã e a ameaça da babá constituem uma série associativa de inter-relações nos dois sentidos temporais, da primeira à última e vice-versa, de modo que moldam a lembrança traumática da cena no sonho. O *a posteriori* reflete a temporalidade e a causalidade específicas da vida psíquica, o que desmente a “representação ingênua da psicanálise, segundo a qual seria sempre o historicamente anterior que iria determinar o que é posterior” (CHEMAMA e VANDERMERSCH, 2007, p. 19).

Memória e fantasia se complementam⁶⁶, evidenciando, por sua vez, a complexidade do vínculo entre memória e realidade. Assim, na teoria freudiana, a primeira não é comparável à imagem de cera na qual se inscreveriam as vivências. De modo diferente, o material inscrito em diversas cadeias associativas é traduzido e re-elaborado *a posteriori* conciliando fatos, desejos e fantasias com as restrições da censura.

⁶⁵ Antes referimo-nos ao papel do fator externo na teoria. Cf. 2.3.

⁶⁶ Voltaremos sobre isso em “Lembranças encobridoras e lembranças infantis”.

3.3.3 – Associação nos processos oníricos

Pode-se compreender a associação como o processo de uma representação suscitar outra pelo hábito de vivenciá-las conjuntamente, pela semelhança, etc., ou pela composição externa. Dos elementos presentes na experiência de Emmy von N. surge a representação de que tudo o que é imprevisto é negativo. Assim, ela se estremece com violência toda vez que a porta se abre inesperadamente. Ainda após a determinação de ninguém entrar no quarto sem bater e esperar a sua autorização, mesmo assim, ela se crispa visivelmente quando alguém entra. Em certa ocasião, Breuer chega com o médico interno, aterrando a paciente, que se justifica, em um falso enlace⁶⁷ evidente, afirmando que lhe é muito desagradável a co-presença contínua do médico do hospital. A fobia ao inesperado resulta da combinação associativa de sucessivas situações nas que o caráter repentino vai junto ao desagradável.

Para Mill, como para os empiristas em geral, as leis mais complexas do pensar e do sentir estão baseadas nas leis simples de associação. Alguns fenômenos do espírito resultam de um funcionamento mecânico destas. A respeito, Freud estabelece uma comparação:

O processo psíquico seguido na criação de formações mistas dos sonhos é manifestamente o mesmo que o da vigília quando representamos ou desenhamos um centauro ou um dragão. A única diferença está em que a criação fantástica da vigília rege-se pela impressão que intencionalmente se quer alcançar com o novo produto, enquanto que a formação mista do sonho está determinada por um fator extrínseco a sua configuração: o comum nos pensamentos oníricos. (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 321; 1976, AE, IV, p. 329)

Apesar da semelhança entre os processos comparados, a diferença assinalada não é de pouca relevância. “O comum nos pensamentos oníricos” designa a trama associativa que

⁶⁷ Como vimos, a vida consciente tende a estabelecer coerência explicativa sem lacunas. Quando isso não acontece, cria enlaces que conservem, mesmo que ilusoriamente, essa continuidade.

remete, em última instância, a um desejo. Desse modo, o processo associativo insere-se em um horizonte mais amplo, o da economia psíquica.

A atividade intencional consciente não seria a única a perseguir um fim. O curso do pensamento encadeia-se de acordo com a direção estabelecida pela atração de representações-meta, como o centauro do exemplo, no caso do consciente, e os desejos inconscientes, na formação onírica. Nesta última, não apenas a intenção não é consciente, senão inconsciente e baseada em uma solução de compromisso entre o propósito dos desejos se manifestarem e o efeito da censura que se opõe.

Além da diferença recém salientada entre a formação onírica comparável e as idéias complexas na vigília, existem outras possibilidades do trabalho do sonho descritas na *Traumdeutung*. Um exemplo de composição diferente resulta do sonho em que uma mulher leva um galho de flores cuja disposição sugere que são flores de cerejeira, mas que a cor vermelha e a aparência são de camélias. A imagem é fruto de um processo de condensação através do qual a natureza da mulher em questão é caracterizada como inocente e pecaminosa ao mesmo tempo. Esse tipo de elaboração é bem mais complexo do que o caso da comparação que respeita o princípio de não-contradição. Ao contrário, a imagem onírica do galho florido implica não apenas a figuração de características superpostas, mas também de idéias opostas e excludentes (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 322; 1976, AE, IV, p. 330).

As leis dos fenômenos psíquicos não somente podem assemelhar-se às leis mecânicas, mas, também, às químicas, como sustenta Mill. Consequência disto é que representações podem agir sobre outras na modalidade de combinação química. O caso da composição de tipo mecânica ilustra-se com a idéia de laranja consistente nas idéias simples de certa cor, de certa forma, de certo sabor, etc. Essa forma de composição ganha o

qualificativo de mecânica porque as idéias componentes são discerníveis na representação resultante que temos dessa fruta.

Mill compara a situação em que a sucessão rápida de cores forma o branco, com a composição química. A cor branca é formada pelas diversas cores sem ser possível distinguir naquela as cores que a originaram. Assim, diz Mill, no interior da idéia de extensão não podemos discernir as idéias simples de resistência provindas do aparelho muscular que a geraram. Nesse caso, o autor propõe falar em combinação, como resultado de uma sorte de química mental, para diferenciá-la da composição mecânica (1865, Livro VI, cap. IV, pp. 23-25).

Poder-se-ia pensar que a índole da associação em Freud parece, então, mais próxima de uma química mental tal como postulada por Mill no *Sistema de lógica dedutiva e indutiva*. Contudo, é conveniente apreciarmos melhor a especificidade e variedade freudianas que implicam não somente a vida consciente, mas também a idéia de funcionamento inconsciente e dos processos primários. A observação de alguns outros exemplos será suficiente para os nossos propósitos.

Se considerarmos o sonho, é evidente que a associação entre o meio de figuração ou significante e aquilo que é visado possui características *sui generis*. Em primeiro lugar, o conteúdo do sonho é dado como em uma singular “pictografia” cujos signos devem ser lidos segundo sua “referência significante” e não segundo seu “valor de figura” (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 280; 1976, AE, IV, p. 285).

Trata-se de comparar o sonho com uma pictografia enquanto sistema de escrita de natureza icônica baseado em representações estilizadas dos objetos da realidade, mas que, paradoxalmente, não deve ser considerada como referindo tais objetos senão outros objetos que guardam ligação com os primeiros. Freud adverte no início do capítulo VI da

Traumdeutung acerca do erro dos seus predecessores na interpretação dos sonhos: “julgar a pictografia como composição pictórica” e não como um tipo de *rébus*, ou seja, como ideograma que não designa diretamente o objeto que representa, mas uma outra realidade conectada a esse ([1900] 1972, SA, II, p. 281; 1976, AE, IV, p. 286).

Desse modo, a função representacional onírica difere da mesma função no seio do complexo associativo da representação estabelecida na *Auffassung*. Tal função não se cumpre diretamente, pois as imagens do sonho referem um desejo que é figurado por estas graças a representações intermediárias, as quais intervêm no trabalho de formação onírica através dos processos de figuração por imagens, condensação e deslocamento.

Em segundo lugar, a mencionada função tampouco se cumpre em um único nível em virtude da sobredeterminação⁶⁸ que pode acontecer não apenas para cada fragmento do sonho, como também para este em seu conjunto, vindo a requerer sobre-interpretação. Assim, o referir adquire maior complexidade ao ser determinado por linhas de associações paralelas, convergentes, subordinadas e até opostas. Segundo isso, cada imagem onírica não denomina necessariamente apenas um objeto ou uma situação com que se assemelha.

As diferentes cadeias associativas, quando convergentes, formam nós onde se reúnem muitos pensamentos oníricos, instaurando a sobredeterminação da imagem. A multivocidade do termo “botânica” do sonho, por exemplo, resulta da sobredeterminação do termo por muitos pensamentos oníricos. A multiplicidade não se dá em uma única direção: um elemento do sonho representa mais de um pensamento onírico e um

⁶⁸ “Sobredeterminação” pode denotar tanto o fato de uma formação inconsciente ser causada por múltiplos fatores como disposição, vivência traumática, etc. (FREUD, [1893-5] 1976, AE, II, p. 223), quanto uma formação inconsciente sub-rogar mais de um pensamento ou desejo (FREUD, [1893-5] 1952, GW, I, p. 293 – 294; 1976, AE, II, p. 295; [1900] 1972, SA, II, p. 542; 1976, AE, V, p. 561). No que segue usamos o termo nesta segunda acepção.

pensamento onírico pode estar representado por mais de um elemento do sonho. Freud sintetiza:

A formação do sonho não se cumpre então como se cada pensamento onírico singular ou cada grupo deles oferecesse uma abreviatura para o conteúdo do sonho, e depois o pensamento seguinte oferecesse outra abreviatura como sub-rogado, a semelhança de um eleitorado que designasse um deputado por distrito; senão que toda a massa de pensamentos oníricos é submetida a uma certa elaboração depois da qual os elementos que têm mais e melhores apoios são selecionados para ingressar no conteúdo onírico; sirva como analogia a eleição por listas. (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 286 – 287; 1976, AE, IV, p. 292)

O associar não se cumpre como um movimento em que de uma representação ou cadeia de representações passássemos a outra, escolhida para figurá-las, mas esse processo realiza-se segundo um desenho reticular, com pontos de encontros com maior densidade que determinam os elementos oníricos que vão figurar os pensamentos latentes. De forma semelhante, o sintoma histérico obedece a um “*determinismo múltiplo*” ou “*comando múltiplo*” formado por conexões ramificadas que coincidem em certos pontos (FREUD, [1893-5] 1952, GW, I, p. 294; 1976, AE, II, p. 295). Como observa Honda, a essência da noção de determinação pode figurar-se com a imagem freudiana das recordações entrelaçadas umas às outras em rede, segundo fios lógicos (2004, p. 10).

O sintoma histérico não é meramente expressão de um desejo inconsciente realizado; também participa na sua formação um desejo pré-consciente realizado. Desse modo, o sintoma resulta, como mínimo, de uma determinação dupla:

[...] um sintoma histérico somente se gera onde dois cumprimentos de desejo opostos, provenientes cada um de um sistema psíquico diverso, podem coincidir em uma

expressão (itálicas do autor). (FREUD, [1900]1972, SA, II, p. 542; 1976, AE, V, p. 561)

A sobredeterminação repousa no processo de condensação, o qual pode adotar diversas modalidades. No caso do sonho, uma delas é a formação de pessoas que acontece por acumulação ou por mistura de características de mais de uma pessoa real. O primeiro tipo consiste, por uma parte, em processos de sub-rogação de várias pessoas por uma, como o exemplo de Irma que alude à paciente do mesmo nome, mas também a uma misteriosa dama, a outra paciente, à sua filha mais velha, à sua esposa, etc. (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 294 ;1976, AE, IV, p. 299).

Por outra, a formação por acumulação pode realizar-se pela reunião de traços de diversas pessoas em uma única personagem. Essa possibilidade é ilustrada pela figura do Doutor M., também do sonho de Irmã, que fala e age como um amigo de Freud do mesmo nome, mas suas características corporais e doença pertencem ao seu irmão. A palidez do rosto é comum a ambos (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 294; 1976, AE, IV, p. 300).

O segundo tipo de formação, chamado de pessoas mistas, baseia-se na superposição de características de diversas pessoas do qual resultam salientadas as comuns, enquanto que as demais se confundem ou apagam. No sonho do Tio de Freud, a barba dourada é o traço pertencente a duas pessoas reais, recebendo, por esse motivo, destaque ao tempo que o restante do rosto fica impreciso (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 294 – 295; 1976, AE, IV, p. 300).

Fora a figuração visual de objetos e situações, o trabalho de condensação pode dar-se com palavras e nomes. Nesses casos, a condensação evidencia-se de forma notável. Um exemplo paradigmático é a formação onírica “*Autodidasker*”, decomponível nas palavras “autor”, “autodidata” e “Lasker”, as quais cada uma, por sua vez, abre ramificações

associativas como o destino do irmão, o talento do filho, o casamento de uma amiga em Breslau, “o perigo de se perder por uma mulher”, etc. (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 299 – 301; 1976, AE, IV, p. 305-6).

Em terceiro lugar, a função representacional também se vê influenciada pela ação de descentrar o conteúdo do sonho, outorgando-lhe uma organização diferente que causa, correlativamente, um deslocamento dos afetos em jogo. Se considerarmos que as vivências psíquicas contêm as dimensões de representação e de afeto separáveis, então se compreende que os afetos possam se deslocar ao longo das cadeias associativas de representações, desde a representação originária a outra associada. É bom enfatizar, o afeto só pode ser transferido entre representações porque as mesmas se encontram ligadas por laços associativos, ainda que pouco intensos. Assim, no sonho da monografia botânica, o centro do conteúdo onírico está dado pelo elemento “botânica”, apenas secundário no que diz respeito aos pensamentos oníricos que o originaram (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 305; 1976, AE, IV, p.311), centrado em preocupações profissionais e pessoais.

Por mais absurdo ou indiferente que pareça um sonho, ele nunca se ocupa de assuntos sem importância dos quais não nos ocuparíamos na vigília. Se a sua aparência engana, é porque na sua formação intervêm o trabalho de condensação de objetos, de pessoas, de palavras, etc. e de deslocamento dos valores e intensidades psíquicas. Entretanto, em se tratando dos afetos, a censura pode inibi-los, sufocá-los, apaziguá-los, mas se aparecem no sonho, eles fornecem indícios menos duvidosos⁶⁹ acerca dos pensamentos oníricos que os oferecidos pelas representações desfiguradas (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 444 – 445; 1976, AE, V, p. 458-9).

⁶⁹ Na seção H, do capítulo VI da *Traumdeutung*, Freud cita Stricker: “Se no sonho eu sinto medo de uns ladrões, os ladrões são certamente imaginários, mas o medo é real” (1972, SA, II, p. 444; 1976, AE, V, p. 458).

Ainda assim, é preciso considerar que entre o material onírico e o sonho tem lugar uma subversão dos valores psíquicos, como Freud também chama ao deslocamento. Isso acontece em diferentes graus em cada sonho. “Quanto mais obscuro e confuso é um sonho, tanto maior é a parte que lícitamente pode ser atribuída, em sua formação, ao fator de deslocamento” (FREUD, [1901] 1976, AE, V, p. 638). O efeito deste fator da elaboração onírica percebe-se também na vivacidade sensorial ou nitidez. Ao mais importante afetivamente lhe corresponderia o mais nítido; porém, amiúde, em elementos não-nítidos se vislumbram sub-rogantes do pensamento latente essencial (FREUD, [1901] 1976, AE, V, p. 637) devido ao deslocamento.

A censura também pode exercer seu poder sobre as associações, deslocando seu valor afetivo a associações superficiais e chocantes. Um enlace significativo psiquicamente pode ser substituído, pela ação do deslocamento, por um outro indiferente e artificial. Não se trata de cancelamento das representações-meta, mas de pressão da censura (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 507 – 508; 1976, AE, V, p. 524 - 525) para disfarçar a verdadeiramente importante do ponto de vista psíquico.

Na formação do sonho, a intensidade dos seus elementos determina-se por dois fatores: realização de desejo e condensação. Os fragmentos que figuram a realização de desejo adquirem uma vivacidade particular junto com aqueles elementos que resultam do mais amplo trabalho de condensação no sonho ([1900] 1972, SA, II, p. 327; 1976, AE, IV, p. 335). Isso cria um efeito curioso de esconder e, ao mesmo tempo, deixar vestígios do essencial dos pensamentos oníricos que servem para rastrear estes, como as migalhas para encontrar Hansel e Gretel no conto infantil.

Além do deslocamento que substitui uma representação por outra forçando a subversão de valores psíquicos, existe um outro tipo que consiste na permutação da

expressão lingüística dos respectivos pensamentos. Ambos os tipos operam o deslocamento ao longo de uma cadeia associativa. Em geral, o segundo tipo funciona trocando uma expressão abstrata de um pensamento onírico por uma outra figural e concreta, suscetível, por isso, de figuração (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 335; 1976, AE, V, p. 345).

O deslocamento lingüístico não serve apenas à figurabilidade dos pensamentos oníricos como também à condensação, uma vez que termos e expressões concretos possuem mais conexões que os conceituais. Assim, a remodelação lingüística dos pensamentos oníricos fornece os elementos intermediários para a formação da expressão mais sintética possível. Ainda mais diretamente, também pode acontecer da própria construção lexical achada expressar, por sua multivocidade, pensamentos oníricos tanto manifestos como latentes (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 336; 1976, AE, V, p. 346). No sonho da dama assistindo uma ópera de Wagner, a sonhante e sua amiga tinham “permanecido sentadas” que em alemão (*sitzen geblieben*) significa também “solteiras”. A irmã lhe alcança um carvão porque não sabia “que isso demoraria tanto”; no sonho trata-se da função, no pensamento latente, de encontrar marido (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 339; 1976, AE, V, p. 349).

Assim, em quarto lugar, a função representacional instaura-se escolhendo pensamentos-ponte entre os oníricos e o conteúdo manifesto do sonho segundo o critério da figurabilidade. Em quinto lugar, a elaboração secundária dá o acabamento ao sonho mediante representações “argamassa” que outorgam a ilusão do encadeamento lógico de vigília. O conteúdo manifesto apresenta-se com frequência com uma articulação artificial imposta uma vez terminado o trabalho onírico. Por essa razão, pode-se dizer que o mal-entendido do sonho como um todo responde aos falsos enlaces da elaboração secundária (FREUD, [1900] 1972, SA, II, p. 480 – 481; 1976, AE, V, p. 496).

Pelo dito anteriormente, não é ousado afirmar que na teoria freudiana o funcionamento associativo da memória adquire um caráter muito diferente quando inserido nos processos primários. Além de detectarmos nas representações-meta uma finalidade no proceder associativo segundo a teoria freudiana, conferimos de que maneira fora da lógica do sistema consciente as possibilidades associativas diversificam-se (fenômeno *a posteriori*, condensação, deslocamento, consideração pela figurabilidade, elaboração secundária), outorgando à memória o fôlego criativo próprio da imaginação.

Ao contrário, dentre os empiristas clássicos há quem considere que memória e imaginação realizam duas funções diferentes: à primeira incumbiria primordialmente conservar as idéias simples na sua ordem e posição; a segunda, ao contrário, possuiria liberdade para transpor e alterar as idéias complexas separando-as em simples e reagrupando estas sem restrições da experiência⁷⁰. Caberia, então, à memória, a reprodução fidedigna das impressões e à imaginação a modificação criativa com base na recombinação de idéias simples.

Para Freud, a memória não conserva uma cópia fiel do percebido, antes bem o transforma mediante associações que abrem constantemente possibilidades de novas associações. Nesse sentido, ele se aproxima de Hobbes para quem a distinção entre memória e imaginação obedece apenas a duas maneiras diversas de nomear a mesma faculdade. Quando se quer expressar a coisa mesma, chama-se imaginação. Quando se quer salientar a deterioração da cópia, chama-se memória, define o autor no *Leviatã* (1979, Parte I, cap. II, p. 127).

Em resumo, Freud situa a memória segundo o modelo da tópica e explica seu funcionamento ora em termos econômicos, ora em termos funcionais, ora como conjunto de

⁷⁰ Um exemplo dessa posição é dado pelo pensamento de Hume (1974, Parte I, seção III, p. 42).

arquivos interconectados. Ou seja, os traços mnêmicos são não-conscientes em sentido descritivo. Esses, ao serem investidos, podem devir lembranças conscientes desde que seu registro seja no sistema pré-consciente e não no sistema inconsciente⁷¹. Recordar depende da ocupação, desocupação e contra-ocupação dos traços mnêmicos que permanecem registrados em diversas cadeias associativas, traduzidos cada tanto e sujeitos a diferentes formas de transformação.

Até agora temos, então, a memória como: 1) capacidade de registro, conservação e transformação de experiências em traços mnêmicos, entendidos como processos associativos; 2) função incompatível com a capacidade de percepção ou de consciência; 3) pelo anterior, função localizada nos sistemas pré-consciente e inconsciente; 4) múltipla em diversos arquivos e sob signos variados; 5) sofrendo rearranjos de tempos em tempos; 6) com eficácia causal *a posteriori*; 7) orientada por representações-meta; 8) identificável com a imaginação pela modificação introduzida no material registrado, com base em processos associativos.

Embora as restrições, estabelecidas por nós, à aproximação com J.S.Mill, a formulação de Forrester acerca da elaboração freudiana não deixa de sintetizar, com as devidas ressalvas, as suas fontes de inspiração: “Valeu-se do evolucionismo funcional inglês de Jackson e da psicologia associacionista de J.S.Mill para superar o reducionismo orgânico da patologia do cérebro da medicina alemã” (1983, p.55).

⁷¹ A representação no sistema inconsciente consiste na representação de objeto sem a conexão com a representação de palavra que dá o acesso à consciência.

4 – Memória: evocação e desejo

Como mencionamos na introdução, Rieff caracteriza a memória freudiana como uma função de aprovações e rejeições morais. Estudar a memória examinando tanto como e por que esquecemos certos pensamentos, quanto como e por que lembramos de outros, poderá fornecer elementos para melhor compreendermos e assim podermos avaliar com maior justeza essa tese, adotada como ponto de partida. Aos textos já estudados acrescentamos, neste capítulo, a análise de *Sobre o mecanismo psíquico da desmemória*, *Sobre as lembranças encobridoras* e da *Psicopatologia da vida quotidiana*, procurando evidenciar como o desejo intervém provocando recordações e esquecimentos que refletem a tensão, própria da teoria freudiana, entre recuperação e criação mnêmicas.

4.1 – Associação, temporalidade psíquica e sentido

Na parte IV dos *Estudos*, Freud introduz a noção de tema como peculiar organização da memória em redes associativas. No discurso dos pacientes podem distinguir-se temas ou agrupamentos de lembranças da mesma variedade, ordenados e estratificados de diversas formas. No discurso de Emmy von N., por exemplo, podemos identificar o tema da expectativa de desgraça que reunindo lembranças de épocas diferentes se torna fobia ao inesperado. Esse tema é comunicado em seis séries.

Uma primeira série comunica que, aos cinco anos, os irmãozinhos a assustam jogando sobre ela animais mortos; aos sete, vê de repente a irmã morta no sarcófago; aos

oito, um dos irmãos a assusta disfarçado de fantasma; aos nove, a visão da tia morta cuja mandíbula cai inesperadamente. Trata-se de recordações que vinculam o repentino com a morte. Dentre essas, duas são lembranças de seres queridos mortos.

Uma segunda série nos diz que, aos quinze, encontra a mãe jogada no chão com um ataque; aos dezenove, ao retornar à casa, encontra a mãe morta com o rosto desfigurado; com a mesma idade, ao levantar uma pedra, encontra um sapo, o que a faz perder a fala por várias horas. A morte da mãe aparece associada, em encontros imprevistos, com a deformidade da doença e com a feiúra do sapo.

Em uma terceira série trazida à tona quando ela é perguntada em hipnose sobre o significado da expressão defensiva “Não me toque!”, conta que aos dezenove anos seu irmão muito doente por causa do uso excessivo de morfina a segura de forma repentina; numa outra vez, um conhecido tem um ataque inesperado de loucura e a pega nos braços; aos vinte oito anos, sua filha muito doente a segura tão forte que quase a sufoca. O repentino aqui se enlaça com contatos enlouquecidos.

Uma quarta série narra que um ano após a morte da sua mãe, indo pegar um dicionário em um quarto da casa de uma preceptora, vê levantar-se da cama alguém que acabava de deixar no outro quarto; o irmão doente pela morfina que a pega repentinamente; a aparição súbita da cabeça encanecida da tia por trás de um biombo enquanto cuidava do irmão doente. Essa série configura-se pelas aparições abruptas assustadoras.

Uma quinta série lembra de um amigo da casa que gostava de entrar despercebidamente nos dormitórios para aparecer abruptamente e assustar; estando em uma clínica para se recuperar depois da morte da sua mãe, uma doente mental entra no seu dormitório várias vezes e chega até sua cama; em sua viagem de trem até Viena, um

estranho abre quatro vezes de forma repentina a porta do compartimento, deixando-a petrificada. Intromissões súbitas e ameaçadoras constituem o elo dessas recordações.

Por último, a sexta série traz a lembrança que produz maior efeito sobre ela: a da morte do seu marido. Essa representação tampouco se apresenta isolada, mas junto à outra recordação: estando com o marido na Riviera, ele sofre um espasmo de coração e cai repentinamente como morto para, minutos depois, levantar-se ileso; no puerpério da sua filha caçula, tomando o café, seu marido levanta, olha para ela de modo especial e cai morto; ela não acredita que esteja morto; passa a sentir ódio pela sua pequena que tinha atrapalhado o cuidado da saúde de seu marido.

A fobia a fatos inesperados é resultado da experiência do marido que gozando de boa saúde morre de uma síncope cardíaca. É essa lembrança dolorosa que entra em associação com outras que também referem situações repentinas e desagradáveis, constituindo uma unidade na expectativa de algo desagradável. Ao longo do tratamento, as diversas séries vão aparecendo na fala da paciente, mas a do caráter repentino da morte do esposo vem à tona por último. Através da fala se evidenciam as conexões entre as diversas vivências.

Segundo as diferentes possibilidades de arranjo apresentadas em “Sobre a psicoterapia da histeria”, podemos pensar o tema do medo ao inesperado ordenado de forma concêntrica em torno da vivência patogênica. Um primeiro arranjo estabelece-se segundo a cronologia das representações. Um segundo, define-se pelo grau de resistência das representações em jogo, pois estas se distribuem em forma concêntrica em torno da vivência patogênica. Um terceiro, reflete a ilação lógica do conteúdo dos pensamentos determinando nós de confluência entre diversas representações.

Na primeira série de Emmy von N. o nó associativo parece formar-se em torno ao encontro repentino com seres mortos; na segunda, o sentido apresenta-se como a deformidade da morte da mãe; na terceira, percebe-se que o sentido é o ser pega abruptamente; na quarta, liga-se a doença com fatos repentinos; na quinta, evidencia-se a irrupção súbita em um âmbito íntimo ou resguardado; e, por último, a morte do marido é associada com seu sentimento negativo para com a filha.

A rememoração vai mostrando o tema através de camadas. Os ordenamentos entendidos como arranjos de representações, segundo as acima mencionadas relações, são concebidos por Freud como disposições em camadas de acordo com o nível de dificuldade para exumá-las. Dito de outro modo, a memória organiza-se por ordenações que provocam estratificação.

As representações de diferentes momentos da vida da paciente associam-se estabelecendo um novo significado em que o inesperado implica sobressalto, deformação, dor, insegurança, morte, ódio, rejeição, recriminação, etc. A associação entre as diferentes recordações adquire eficácia ao criar este significado.

Dentre todas as vivências lembradas por Emmy von N., a da morte do marido, que ocorre depois das restantes, é a que dá a intensidade patogênica ao conjunto e completa a sua significação. Em relação à terceira das séries de lembranças, Freud comenta:

[A paciente] Relata esses quatro casos, apesar das grandes diferenças de tempo, em uma frase só e um após outro rapidamente, como se constituíssem um único acontecimento dividido em quatro atos. Por outra parte, todas suas comunicações de tais traumas agrupados começam com “como” e os diversos traumas parciais vão coordenados com “e”. (BREUER E FREUD, [1893-95] 1952, GW, I, p. 109; 1976, AE, II, p.79)

No que diz respeito à unidade das séries de representações evocadas em torno da madalena molhada no chá, no romance proustiano *Em busca do tempo perdido*, André Green observa que cada lembrança, por separada, tem uma significação limitada e até pode resultar enganosa. Ao contrário, quando relacionadas, elas revelam um significado novo (1990, p. 193). O que interessa na recordação não é tanto a recordação da vivência singular em si, mas sua inserção como elo em um conjunto. Associar é selecionar, dentre todos os possíveis, certos caminhos formados pela corrente de representações.

Como explicitado na parte IV dos *Estudos*, uma mesma vivência sofre diversas ordenações de maneira que se insere em arquivos diversos, ou redes associativas diferentes. A memória consiste no registro da vivência e na sua recordação, ambas realizadas segundo associação. Associamos quando vivenciamos a situação, mas também quando recordamos.

Depois de analisar o exemplo do esquecimento do nome de Signorelli, Freud sistematiza as condições das quais depende uma vivência para ser despertada na memória. Além da constituição psíquica do indivíduo e da tendência a evitar o desprazer, encontramos condições que se referem ao momento em que se originou a vivência e condições sobre o momento da evocação. Ao momento do vivenciar, pertencem a força da impressão e o interesse voltado para ela na ocasião. Ao momento da evocação, pertencem a constelação psíquica em que a mesma se dá, o interesse voltado para a sua emergência e as ligações para as quais a representação foi arrastada (FREUD, [1898] 1952, GW, I, p. 519 – 527; 1976, AE, III, pp. 281- 289).

Cada vez que vivenciamos algo novo, isso entra em associação com nossas vivências anteriores não apenas adquirindo sentido pela experiência passada, mas também modificando tal experiência desde a situação presente. Cada vez que recordamos, o

fazemos desde a perspectiva presente e isso significa selecionar uma via associativa em especial e nuançar o conteúdo vivido no passado pelo significado vivenciado no presente.

É neste sentido que podemos afirmar que associar define uma forma de temporalidade psíquica diferente da sucessão cronológica que caracteriza a vida social. A jovem de dezenove anos segurada pelo irmão alterado pela morfina, pegada nos braços pelo amigo enlouquecido e a mulher de vinte e oito anos apertada pelo abraço da filhinha doente encontram-se pela associação como se estivessem em um mesmo momento. Disso decorre a formação de um novo significado que engloba loucura, doença e morte, esta última expressa na frase “tão forte que quase me sufoca”. Não mais se trata de lembranças da juventude ou da maturidade isoladas, senão destas, em conjunto, gerando um sentido diferente (GREEN, 1990, p. 193).

Podemos dizer, então, que a dimensão hermenêutica da vida psíquica, entendida como a produção de sentidos decifráveis, se instaura pelo associar e pela temporalidade que este associar define. Disso decorrem duas conseqüências para delinear com maior precisão o caráter criativo da memória. Em primeiro lugar, os significados outorgados às nossas vivências podem, em princípio, mudar em função de novas associações, ou seja, nossas representações permanecem re-significáveis. Em segundo lugar, e como salientado em relação ao fenômeno do *a posteriori* e ligado ao anterior, o significado psíquico não é necessariamente um produto pronto e acabado no passado, mas pode continuar a se constituir desde o presente⁷².

Adverte-se, portanto, que falar de uma dimensão hermenêutica da vida psíquica na teoria freudiana supõe uma acepção particular da palavra. Esta implica em conceber o psiquismo como produtor de sentidos que, primeiro, não sendo transparentes, podem ser

⁷² Sobre essas duas conseqüências retornaremos na seção “Lembrar e recriar”.

decifrados; segundo, caracterizam-se por serem provisórios e variáveis; terceiro, são determinados, embora imprevisíveis⁷³, uma vez que não há como antecipar o rumo da atividade associativa. Isto significa que pode ser verdadeiro que para o momento A o significado de mesma representação seja diferente que para o momento B, quando as configurações associativas correspondentes de A e B diferem.

Os *Estudos sobre histeria* articulam o relato de casos clínicos com um desenvolvimento da parte teórica cuja unidade sustenta que à interpretabilidade do conteúdo psíquico corresponde um modo peculiar de atividade interpretativa. Em outras palavras, o exame teórico tenta dar conta no relato clínico tanto da elaboração e do significado do sintoma quanto da maneira mais adequada de tratá-lo.

A árdua epifania do significado das séries de lembranças responde à atitude de paciente escuta por parte do analista à espera que estas se completem. Isso realizado em uma “[...] conversação, em aparência laxa e guiada pelo acaso...”, tal como Emmy von N. faz, pela primeira vez, se apoderando do procedimento de Freud e inaugurando a associação livre⁷⁴ ([1893-95] 1952, GW, I, p. 108; 1976, AE, II, p.78), assunto que leva novamente à questão do determinismo psíquico. Por suas próprias características e as do psiquismo, o procedimento permite reconstruir encadeamentos associativos, surgirem pensamentos súbitos (*Einfall*) e criar novos nexos associativos que poderão redundar em novos significados para uma dada representação.

Para finalizar, se o que caracteriza a teoria freudiana é a recusa da alternativa entre energética e hermenêutica, como mencionávamos no início, também podemos postular que

⁷³ O determinismo psíquico torna possível, segundo Freud, percorrer o caminho desde a representação atual às anteriores que a condicionaram, mas não ao inverso. Em *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*, Freud esclarece as razões da imprevisibilidade no caso mais específico da etiologia psicopatológica ([1920] 1947, GW, XII, p.297; 1976, AE, XVIII, p. 160).

⁷⁴ O que sustenta a técnica de associação livre é o postulado de determinismo psíquico implícito na concepção do psiquismo como aparelho de associar.

a alternativa entre a inspiração de Brentano e a de Stuart Mill⁷⁵ não refletiria a construção do seu pensamento. Por um lado, na consideração freudiana, está presente a noção da intencionalidade do fato psíquico, de modo que qualquer exame é em termos do paralelismo correlativo entre ato e conteúdo. Por outro, a idéia de um certo automatismo associativo que se impõe ao sujeito encontra-se presente desde o artigo sobre as afasias e parece inspirar toda a sua descrição da vida psíquica.

4.2 – Sobre esquecimento e recalque

Esta seção apresenta a distinção entre dois tipos de esquecimento: o não-tendencioso e o tendencioso. Introduzida por Freud em comentários marginais e notas, tal distinção nuança a tese de que toda vez que não lembramos é devido à ação do recalque. Em todo caso, ambos os tipos de esquecimento trazem à tona o problema do caráter permanente do material mnêmico. Além de analisar a especificidade de cada um dos esquecimentos, nas duas primeiras subseções, na última, examina-se a relação do recalque — enquanto esquecimento tendencioso — com a sexualidade.

4.2.1 – Esquecimento não-tendencioso e traços mnêmicos

Em última instância, Freud pensa o psiquismo e, claro, a memória como recursos adaptativos. Conservar informações constitui a base de qualquer aprendizagem fundamental para tal fim. Mas para manter a funcionalidade se impõe a necessidade de selecionar o material a ser guardado. A memória também supõe, como diz Iván Izquierdo, a arte de

⁷⁵ Garcia-Roza, seguindo a Nassif, parece considerar que é necessário escolher um dos autores como influência para Freud (1991, pp.55-9).

esquecer. Bem pensado, uma capacidade infinita de memorizar não acarreta vantagem. O “memorioso” da ficção borgeana⁷⁶ e o paciente “S.” de Luria⁷⁷ dão uma idéia disso.

Funes recordava todos os detalhes a tal ponto que, para lembrar um dia, precisava de um dia. Na realidade, o paciente de Luria não conseguia apagar lembranças de detalhes sem importância que acabavam atrapalhando a compreensão de situações. Os dois exemplos falam da necessidade de separar informações, discriminá-las e deixar de lado algumas de modo a privilegiar outras. Pensar, generalizar e abstrair requerem esquecer diferenças, defende Borges. Paradoxalmente, a memória excepcional de S. lhe ocasionava problemas na hora de lembrar rostos ou acompanhar a leitura de uma história.

“A expressão de uma pessoa depende do seu humor e das circunstâncias em que se dá o encontro. O rosto das pessoas muda constantemente; são as diferentes gradações de expressão que me confundem e fazem com que seja tão difícil recordar rostos”. (LURIA, 2006, p. 55)

Reações sinestésicas que podiam auxiliar em alguns casos a rememoração tornavam-se obstáculo à memória. Pois, ao invés de fazer como as outras pessoas e escolher certos aspectos para recordar rostos, o paciente “via rostos como padrões mutativos de luz e sombra, o mesmo tipo de impressão que uma pessoa teria se ficasse sentada à janela observando o fluxo e refluxo das ondas do mar” (2006, p. 55). Estudos feitos em animais revelam que a capacidade de formar, armazenar e evocar memórias é limitada e seus mecanismos se saturam com relativa rapidez. Os procedimentos que evitam essa saturação permitem não se confundir em meio às próprias recordações (IZQUIERDO, 2004, p. 97). Poder esquecer, então, passa a ser algo desejável sob certas condições.

⁷⁶ Personagem do conto “Funes, el memorioso” in BORGES, Jorge Luis, *Obras completas*, Buenos Aires, Emecé, vol I, p. 485-90.

⁷⁷ “S.” é o nome com o qual Luria chama o homem cuja memória excepcional e sua experiência são apresentadas em *A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória*.

Em torno da questão da capacidade de armazenamento, a tese da incompatibilidade das funções de percepção e memória é sustentada ao longo de sua obra, ganhando destaque tanto no *Projeto* quanto no *Bloco mágico*. Porém, a abordagem freudiana atenta preeminentemente para a dimensão emocional das vivências⁷⁸. Nela, o esquecimento adquire o caráter de defesa do psiquismo, mesmo que nem sempre bem-sucedida. A memória é concebida como arquivo em contínua transformação, mas de acesso condicionado pela tendência psíquica que se recusa a reproduzir vivências que possam liberar desprazer e pelo desgaste dito normal.

Processo autônomo, o esquecer segue uma regra dupla: por uma parte, o que não importa⁷⁹ é ou bem esquecido ou bem aproveitado na desfiguração para burlar a censura; por outra, o importante que provoca conflito é recalcado. Portanto, examinar o esquecimento na teoria freudiana implica atentar de forma especial para o recalque. Encontra-se aqui em jogo a diferença entre não lembrar porque nossas representações são ofuscadas progressivamente ou porque elas são barradas para evitar desprazer. O primeiro caso responde ao que Freud chama “esquecimento normal” ou “não-tendencioso”; o segundo, ao recalque. Em *Sobre o mecanismo dos fenômenos histéricos*, a representação cujo afeto foi suficientemente desenvolvido e tramitado sofre um “desgaste” considerado normal ([1893] 1976, AE, III, p. 38). Uma observação sobre o processo de condensação, em nota ao livro sobre o chiste, também menciona isso:

Além do trabalho do sonho e a técnica do chiste, pude registrar a condensação como um processo regular e significativo em outro acontecer anímico, o mecanismo do

⁷⁸ Acompanhamos a esse respeito a tese de Monique Schneider acerca do papel fundamental do afeto junto à representação para compreendermos a vida psíquica normal e patológica.

⁷⁹ “Importa” aqui deve ser entendido como afetivamente significativo.

olvido normal (não-tendencioso)[...] (FREUD, [1905] 1940, GW, VI, p. 192n; 1976, AE, VIII, p. 161n)

No final do primeiro capítulo da *Psicopatologia* lemos:

Teremos exposto a relação de coisas com suficiente cautela se enunciarmos: *Junto ao esquecimento simples de nomes próprios, apresenta-se também um esquecimento que está motivado por recalque* (itálicas do autor). ([1901] 1941, GW, IV, p. 12; 1976, AE, VI, p. 15)

Em nota ao capítulo seguinte, refere-se ao esquecimento motivado por recalque como esquecimento tendencioso ([1901] 1941, GW, IV, p. 18n ;1976, AE, v. VI, p. 20n), alusão indireta ao normal ou não-tendencioso. Embora Freud não tenha desenvolvido esse ponto por extenso, há indícios de que ele distingue estes dois tipos de esquecimento: o normal⁸⁰, por uma parte, e o resultante do recalque, por outra. O *olvido* normal não obedeceria à intencionalidade psíquica de amenizar conflitos, mas apenas à necessidade de seleção de conteúdos para otimizar o funcionamento psíquico. Em outras palavras, nem toda lacuna na memória seria causada por recalque; existem vivências indiferentes que não são inconciliáveis com outras representações, que não provocam desprazer e, no entanto, não acodem à evocação. Na *Psicopatologia da vida quotidiana* lemos:

As condições básicas do processo normal do esquecimento são desconhecidas. Além disso, aprendemos que nem tudo o que se considera esquecido o está efetivamente. Nossa explicação refere-se somente aqui aos casos em que o esquecimento provoca em nós estranheza por infringir a regra segundo a qual se esquece o que não tem importância, enquanto que a memória guarda o importante. A análise dos exemplos de esquecimento que parecem demandar um particular esclarecimento estabelece como seu motivo, em todos os casos, um desprazer de recordar algo que pode

⁸⁰ Termo utilizado em nota acrescida em 1907 à *Psicopatologia*, mencionada na nota seguinte.

despertar sensações penosas. ([1901] 1941, GW, IV, p. 304; 1976, AE, VI, p. 266)

É possível que a falta de desenvolvimento do esquecimento normal se deva a que, para Freud, o que está em jogo e requer de aceitação é a tese do inconsciente como sistema e a noção de recalque, fundamentais para a especificidade de sua teoria, não assim a idéia de esquecimento. Em todo caso, a primeira frase do parágrafo acima citado, que fala sobre as condições do esquecer normal, é complementada pela seguinte nota do próprio Freud, que nos permitimos reproduzir na íntegra, dada a relevância da mesma para nosso tema:

Sobre o mecanismo de esquecimento em sentido estrito posso dar as seguintes indicações: O material mnêmico está submetido em geral a duas influências: a condensação e a desfiguração {deslocamento}. Esta última é obra das tendências que governam dentro da vida anímica, e se dirige sobretudo contra os traços mnêmicos que conservaram eficiência afetiva e se mostraram mais resistentes à condensação. Os traços devidos indiferentes caem sob o processo condensador sem se defender contra este; no entanto, pode-se observar que além disso, umas tendências desfiguradoras saciam-se no material indiferente toda vez que ficaram insatisfeitas ali onde queriam se exteriorizar. Como esses processos da condensação e da desfiguração se estendem por longos períodos, durante os quais todas as vivências recentes contribuem a replasmar o conteúdo da memória, costuma-se acreditar que é o tempo que torna incertas e desfaz as recordações. Muito provavelmente no que diz respeito ao esquecimento não se possa falar de uma função direta do tempo. ([1901] 1941, GW, IV, p. 304n; 1976, AE, VI, p. 266n)

As poucas referências⁸¹ de Freud ao esquecer normal o incluem dentro do que ele denomina “esquecimento em sentido estrito” para diferenciá-lo dos outros mecanismos

⁸¹ A fonte dessas noções é essa nota acrescida em 1907 à *Psicopatologia*. Cf. também na mesma obra ([1901] 1941, GW, IV, 148n; 1976, AE, VI, p. 134 n), consta uma antecipação dessas idéias. Em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, ([1905] 1940, GW, VI, p. 192n; 1976, AE, VIII, p. 161), nota antes citada e no *Projeto*, ([1895 – 1950] 2003, p. 253-4; 1976, AE, I, p. 429-30).

analisados na mesma obra como atos falhos, perturbações na escrita ou na leitura, etc. “Esquecimento em sentido estrito” nomeia tanto o esquecimento tendencioso quanto o não-tendencioso. Esse esquecer normal, não-tendencioso, aconteceria sobre o material dos traços mnêmicos cujo conteúdo é indiferente e, por essa razão, sofrem condensação sem resistência. Esse material pode ser aproveitado na desfiguração de um conteúdo afetivamente relevante.

De forma diversa, os traços mnêmicos que conservam eficácia afetiva resistindo à condensação sofrem a ação do deslocamento para vencer tal resistência e, então, submetê-los à condensação. Nesse caso já não se trataria de um esquecer normal, pois haveria a “intenção”⁸² de obnubilar a lembrança para evitar desprazer, se transformando em um processo tendencioso. Por contraposição, a condição do esquecimento normal residiria, então, em que uma representação tenha seu afeto tramitado pelos diversos procedimentos da vida consciente, seja por correção associativa, por reação emocional, verbal ou física ou por oposição com representações contrastantes.

Longe de ser uma falha no funcionamento do psiquismo, esquecer é um recurso necessário. Dentre as vantagens acarretadas, o esquecimento está a serviço do pensar. Como Funes e S. fazem patente, formar conceitos exige esquecer detalhes acidentais. Dito em termos freudianos, conceituar supõe submeter as lembranças à condensação ([1901] 1941, GW, IV, 148n; 1976, AE, VI, p.134n). “Impressões singulares oferecem dificuldades ao olvido”; ao contrário, impressões análogas são facilmente condensadas com base nos seus pontos de contato, negligenciando as características individuais presentes nas diversas representações condensadas entre si. Assim, a confusão de impressões semelhantes causada

⁸² Acerca da questão da intencionalidade do esquecer nos referiremos na seção seguinte intitulada “Recalque como esquecimento tendencioso”.

pela condensação é um dos estágios prévios do esquecimento (FREUD, [1905] 1940, GW, VI, p. 192n; 1976, AE, VIII, p. 161n).

Um caso limítrofe entre o esquecimento normal e o recalque parece ser o das recordações dolorosas, pois não são indiferentes, mas não apresentam a característica de serem inconciliáveis⁸³ com as restantes representações. Para domá-las, o fator decisivo não é o tempo, pois, ao contrário, a repetição reforça associações e, portanto, não poderia nunca enfraquecer a capacidade afetiva. As recordações dolorosas são domadas pela inibição da energia ligada do eu promovida pelas ocupações laterais. Dadas no tempo, estas ocupações laterais abaixam o fluxo de excitação da vivência dolorosa de modo que esta não possa provocar alucinação nem liberar senão um mínimo de desprazer. Ao deixar de ser percorrida a facilitação correspondente à recordação de dor, a resistência das barreiras de contato é renovada (FREUD [1895 – 1950] 2003, p.253-5; 1976, AE, I, p. 429-431). Isso cumprido, em segundo lugar, o esquecimento acontece por condensação com outras recordações.

Na sua procura pelo objeto de desejo, o pensar prático tende a inibir o curso que ameaçar despertar o desprazer de uma recordação domada. A isso Freud chama de “defesa do pensar primária”. Em outras palavras, o pensar prático é guiado pelo desprazer, pois, quando iminente, a atenção se desvia de modo a evitá-lo (FREUD [1895 – 1950] 2003, p.255; 1976, AE, I, p. 431).

No transcurso do tempo, condensação e deslocamento remodelam o conteúdo da memória dando a impressão de ser o tempo o fator modificador (FREUD, [1901] 1941, GW, IV, 304n; 1976, AE, VI, p.266n); porém, não é esse fator que desgasta a recordação, mas os mecanismos psíquicos que se dão *no* tempo e aos que esta se submete. De modo que,

⁸³ Na seção seguinte desenvolveremos as condições do recalque.

contrário ao senso comum, Freud nega que o esquecimento, em quaisquer dos dois sentidos – esquecimento não-tendencioso ou recalque – seja efeito do tempo ([1895 – 1950] 2003, p. 253-4; 1976, AE, I, p. 429-30). Enquanto o conteúdo indiferente e não aproveitado pela censura sofre o desgaste via condensação, o conteúdo significativo permanece.

Assim, a abordagem da noção de esquecimento requer salientar o fato que esquecer não implica necessariamente a destruição dos traços mnêmicos correspondentes. Em *O Mal-estar*, encontramos a imagem de Roma na tentativa de representar – sem sucesso – a tese da conservação mnêmica dos estágios anteriores e do último. A memória conserva o primitivo juntamente com o que nasceu deste por transformação. Isso se explicaria por uma divisão no desenvolvimento em que parte de uma moção pulsional se conserva não-modificada enquanto outra sofre transformações ulteriores ([1929-30] 1948, GW, XIV, p. 426 – 428; 1976, AE, XXI, p.69 - 70).

Isso remete, em primeiro lugar, à questão examinada em 3.2 acerca da permanência das inscrições anteriores junto com as ulteriores ou, em termos do capítulo VII, a co-presença de traços mnêmicos – relativos a um mesmo conteúdo – nos sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente ou, ainda nos termos dos *Studien*, a questão da multiplicidade da memória em diferentes arquivos. Nesse ponto, parece haver uma certa indecisão no pensamento freudiano, pois depois de propor, no capítulo VII, uma alternativa à hipótese tópica, segundo a qual as transcrições são modificações de estados anteriores, o texto de 1930 sugere novamente a idéia da conservação das inscrições junto a suas posteriores transcrições.

Em segundo lugar, e relacionado com o anterior, isso também visa à característica atemporal das representações recalçadas que permanecem inalteradas no inconsciente. Na

nota 64 acrescida em 1907 à *Psicopatologia* antes mencionada, Freud adianta a noção da atemporalidade do inconsciente. Os traços mnêmicos recalcados não sofrem alterações. Em concordância com a imagem de Roma, como acabamos de salientar, em *O Mal-estar* é dito que todas as impressões se conservariam tal como foram recebidas e, também, tal como foram se desenvolvendo posteriormente. Freud conclui:

Teoricamente, então, cada estado anterior do conteúdo da memória poder-se-á restabelecer para a recordação ainda que todos os seus elementos tenham trocado há muito seus vínculos originários por outros novos. (FREUD, [1901] 1941, GW, IV, 304n; 1976, AE, VI, p.266n)

Apesar da dificuldade para intuir essa característica psíquica, a constatação freudiana indica que a conservação seria a regra e não a exceção ([1929-30] 1948, GW, XIV, p. 429; 1976, AE, XXI, p.72). Segundo isso, o que se formou de essencial alguma vez na psique, perdura nela e seu conteúdo pode ser trazido à luz sob certas condições⁸⁴ e nas suas diversas transcrições. Do mesmo modo, poderíamos simplesmente não lembrar sem que isso signifique perda da inscrição mnêmica. Um argumento a favor da capacidade de conservação da memória é fornecido pelos sonhos em que se apresentam situações das quais não recordamos nada e, no entanto, se descobre mais adiante que se tratam de verdadeiras vivências ([1900] 1972, SA, II, p. 43 - 44; 1976, AE, IV, p. 43).

Para Freud, a memória implica seleção daquelas vivências das quais podemos – e precisamos – prescindir e daquelas que sendo valiosas não podemos mesmo querendo nos desvencilhar. Desse modo, o esquecimento por recalque é uma questão de dificuldade para

⁸⁴ Freud mostra em *Mal-estar na cultura* certa cautela quanto à certeza de que absolutamente todo conteúdo possa ser recuperável ([1929-1930] 1948, GW, XIV, p. 429; 1976, AE, XXI, p. 72) Todavia, em *Construções em análise* afirma taxativamente que tudo o essencial se conserva, até o que parece esquecido por completo ([1937] 1948, GW, XVI, p. 47; 1976, AE, XXIII, p.262).

acessar representações que de impossibilidade de recuperação dos traços mnêmicos correspondentes.

4.2.2 – Recalque como esquecimento tendencioso

Ao desgaste normal de uma lembrança quando o afeto foi ab-reagido, mencionado na *Comunicação Preliminar aos Estudos sobre a Histeria*, soma-se o recalque como procedimento do esquecimento. De fato, é esse o conceito fundamental aportado pela teoria freudiana em torno do olvido. O exemplo mais famoso versa sobre uma viagem em que Freud tenta lembrar sem sucesso o nome do autor dos afrescos duma igreja de Orvieto⁸⁵. Ao invés desse nome, vêm à cabeça outros nomes, Boticelli e Boltraffio, e a imagem do autor-retrato do pintor.

Obviamente, podemos falar de esquecimento no caso de recalque se levamos em conta apenas o que aparece à vida consciente. Desde a definição do *Projeto*, trata-se de uma vivência na memória uma vez que, mesmo não tendo notícia dela, continua eficaz na vida psíquica. Por isso, o que não aparece à consciência por ação do recalque não é estritamente “posto fora da memória”.

Ora, o nome do artista não é lembrado, não por si mesmo, mas porque se encontra associado com representações recalcadas de morte e sexualidade. Com efeito, é evidente que o contexto associativo no qual se dá a evocação é um aspecto fundamental, e que, na concepção freudiana, não podemos considerar as representações isoladas. É na ligação dos costumes de Herzegovina e Bósnia sobre a morte e a sexualidade e através das

⁸⁵ O texto “Sobre o mecanismo psíquico da desmemória” de 1898 seria, segundo a nota introdutória de Strachey, o primeiro relato acerca de um ato falho publicado .

representações intermediárias “Herr”⁸⁶ e “Signor” que o nome de Signorelli adquire uma significação que o leva a ser “esquecido”.

Em outra associação o nome poderia ter sido lembrado sem problemas. Por sua vez, “Bósnia” e Trafoi, donde recebera a notícia do suicídio de uma paciente com afecções sexuais, se condensam nos nomes substitutivos Boltraffio e Boticelli. Diferenciamos o esquecimento comum daquele que resulta do recalque pelo fato de que em lugar da representação recalcada quase sempre aparece de forma nítida uma outra lembrança associada, como o ilustra o exemplo do esquecimento do nome do pintor Signorelli. Podem-se, então, discernir dois momentos. Primeiro, com base em associações, o nome torna-se ocasião de desprazer, levando-o a ser recalcado. Segundo, também por associação, apresenta-se uma representação substituta (FREUD, [1901] 1941, GW, IV, p. 11; 1976, AE, VI, p. 14). Os nexos associativos entre a palavra esquecida e o complexo recalcado que a arrasta consigo podem estabelecer-se com base na homofonia ou pelo conteúdo, ou ainda, por ambos os fatores. Freud deixa entrever a suspeita de que se trate sempre de vínculos associativos profundos disfarçados por conexões superficiais (FREUD, [1901] 1941, GW, IV, p. 28; 1976, AE, VI, p. 29).

O conceito de recalque, fundamental na teoria, vai emergindo aos poucos na *Comunicação Preliminar*. Logo no início, na primeira seção, menciona-se a lembrança do trauma que, como corpo estranho, continua eficaz muito tempo depois. No parágrafo a seguir vincula-se tal recordação com o seu afeto correspondente e a importância dessa reunião revivida e declarada para que os sintomas desapareçam. Na segunda seção,

⁸⁶ É de destacar que entre “Herzegovina” e “Herr” se estabelece uma associação por homofonia enquanto que entre “Herr” e “Signor” pelo significado.

notifica-se que essas recordações não se encontram disponíveis como quaisquer outras lembranças, senão em hipnose, devido à ação de recalque.

E é justamente o abandono da hipnose no tratamento da histeria que torna manifesto, para Freud, o fato da resistência dos pacientes às suas indagações e o papel auxiliar da falta de memória acerca das circunstâncias traumáticas ([1914] 1946, GW, X, p. 54; 1976, AE, XIV, p.15), levando-o a relacionar ambos os fenômenos, resistência e recalque, como forças complementares ([1893-95] 1952, GW, I, p. 267 – 269; 1976, AE, II, p. 275 - 276).

O caráter inconciliável de uma representação é a condição necessária⁸⁷ para o processo de recalque. Perante a representação inconciliável, o doente teria a “intenção” de “esquecê-la” como defesa, não confiando no poder do eu para dar uma solução mediante um trabalho de pensamento. O insucesso desse propósito provoca reações patológicas relacionadas com a cisão da consciência naquelas pessoas com predisposição⁸⁸ (FREUD, [1894] 1976, AE, III, p.49-50).

No caso do esquecimento temporário de nomes próprios, trata-se de um fenômeno motivado, mas que alcança o nome próprio indiretamente. Freud esquece do nome Signorelli não porque queira esquecê-lo, mas porque esse se encontra associado⁸⁹ com as idéias de morte e sexualidade nos costumes dos turcos, que são o verdadeiro alvo do propósito de impedir acesso à consciência e que o arrastam junto. Um esquecimento bem-

⁸⁷ Já nos primeiros anos de teorização, a representação deve ser de caráter sexual para promover recalque. Cf. um pouco mais adiante.

⁸⁸ A predisposição patológica não obedece, necessariamente, a fatores internos ou hereditários.

⁸⁹ Freud sugere que a conexão não é meramente externa por contigüidade temporal, mas intrínseca ao conteúdo entre os temas dos afrescos de Orvieta e os de morte e sexualidade ([1901] 1976, AE, VI, p. 14 e 21 nota). De qualquer modo, o que interessa aqui é que se uma conexão externa pode deslanchar recalque, ainda mais uma associação interna, como o exemplifica o esquecimento de “*aliquis*”. A citação perturbada envolvia a expressão do desejo de descendência em contradição com o temor da confirmação da gravidez indesejada ([1901] 1976, AE, VI, p. 21).

sucedido até certo ponto, pois a imagem hiper-nítida do pintor faz presente o seu nome de outra forma.

No caso da histeria, a representação inconciliável é transposta do psíquico ao corporal o que não significa anular o conflito, mas relegá-lo a um segundo plano:

O eu tem conseguido assim ficar isento de contradição, mas em troca, tem carregado sobre si o lastro de um símbolo mnêmico que habita a consciência como um parasita, seja como uma inervação motora insolúvel ou como sensação alucinatória que retorna continuamente, e que permanecerá aí até que sobrevenha uma conversão na direção inversa. Em tais condições, o traço mnêmico da representação recalcada não tem sido sepultado, senão que forma doravante o núcleo de um grupo psíquico segundo. (FREUD, [1894] 1976, AE, III, p.51)

Como Freud constata nos *Studien*, o trauma não se apresenta isolado, mas em grupos. Assim, ao núcleo constituído pelo traço do evento traumático principal somam-se traços de eventos traumáticos auxiliares. O conjunto expulso da consciência mantém sua influência na vida psíquica. Todavia, chama a atenção, nas formulações de Freud, a caracterização da operação de expulsar da consciência como voluntária ou intencional. Lemos na *Comunicação Preliminar*:

No primeiro grupo incluímos os casos em que os doentes não reagiram face os traumas psíquicos porque a natureza mesma do trauma excluía uma reação [...] ou porque circunstâncias sociais a tornaram impossível, ou porque se tratava de coisas que o doente queria esquecer e por isso propositadamente as recalcou de seu pensamento consciente, as inibiu e sufocou. (BREUER e FREUD, [1893] 1976, AE, II, p.36)

Strachey observa que essa é a primeira aparição do verbo “recalcar” (*verdrängen*) no uso específico adotado posteriormente de forma definitiva na teoria (1976, AE, II, p. 36, n. 9).

Na citação, encontramos esse verbo acompanhado de uma expressão indicando intenção ou propósito. Trata-se, segundo o comentarista, de indicar a existência de um motivo e não de afirmar que este seja consciente. Nesses textos iniciais há uma certa vaguidade ao afirmar intenção:

Agora posso provar outras duas formas extremas de histeria em que de forma alguma a cisão pode interpretar-se como primária no sentido de Janet. Para a primeira dessas formas consegui demonstrar repetidas vezes que a cisão do conteúdo de consciência é a consequência de um ato voluntário do doente, vale dizer, é introduzida por um empenho voluntário cujo motivo é possível indicar. Certamente não sustento que o doente se proponha produzir uma cisão de sua consciência; seu propósito é outro, mas ele não atinge sua meta, senão que gera uma cisão de consciência. (FREUD, [1894] 1976, AE, III, p. 48)

No contexto da polêmica com Janet, essa afirmação entende-se como a maneira de sustentar que se trata, em primeiro lugar, de um fenômeno adquirido e, em segundo lugar, algo ativamente atingido pelo psiquismo e não de um estado a que se chega passivamente por deficiência congênita ou hereditária.

Para compreendermos a noção aparentemente contraditória de recalque intencional ou voluntário, é preciso atentar para o fato de que os pacientes freudianos podem ter alguma suspeita acerca de suas lembranças recalçadas e, no entanto, ignorá-las. Em “Sobre a psicoterapia da histeria”, Freud conclui que “[...] o não saber dos histéricos era, na verdade, um ... não querer saber, mais ou menos consciente, e a tarefa do terapeuta consistia em superar essa *resistência de associação* com trabalho psíquico” ([1893-95] 1952, GW, I, p. 269; 1976, AE, II, p.276).

Esse “saber sem saber” ou “não querer saber” é exemplificado no caso do amor de Miss Lucy perante seu patrão. Essa espécie de “esquecimento intencional” não pode ser explicado senão na relação do plano das representações com o plano do afeto⁹⁰. Segundo Schneider, o atributo de inconsciente implica que a representação indesejável se encontra transformada na sua intensidade afetiva pela repulsão (1993, p. 56-7). Ela afirma:

Se o “afeto de repulsão” é responsável pelo recalque intencional, é sobre ele que será necessário atuar para dar às representações sua acessibilidade. Mesmo que o diagnóstico do recalque seja feito tendo-se em consideração o que é descritível no plano das representações, é no plano do afeto que é preciso situar-se para explicar o trabalho que permitirá vencer o recalque. O sujeito passaria, assim, de um saber a um outro saber seguinte, sendo a carga afetiva correlativa da representação assumida ou não. (SCHNEIDER, 1993, p. 58)

De alguma maneira, o recalque obedece à recusa de enxergar em si mesmo o que se considera reprovável. A cegueira seria uma forma de covardia moral enquanto supõe não assumir nem se fazer responsável pelo próprio desejo (SCHNEIDER, 1993, p. 59). Na discussão do caso de Miss Lucy, Freud diz:

Assim, o mecanismo pelo qual se produz a histeria corresponde, por uma parte, a um ato de timidez moral e, por outra, apresenta-se como um dispositivo protetor de que dispõe o eu. Em muitos casos nos vemos precisados a admitir que a defesa em face ao aumento de excitação por meio da produção de uma histeria foi, na ocasião, o mais acorde ao fim; mas, amiúde, certamente chegaremos à conclusão de que uma medida maior de coragem moral teria sido vantajosa para o indivíduo. ([1893 – 1895] 1952, GW, I, p.181 - 182; 1976, AE, II, p. 139)

⁹⁰ Stefan Zweig exprime literariamente a mesma idéia: “ [...] *uma decepção que não confessei nem a mim mesma, nem então nem depois, mas o sentimento de uma mulher sabe tudo, sem palavras nem consciência*”. In: *24 horas na vida de uma mulher*, p. 86.

Chamam a atenção termos como “timidez” (*moralischer Zaghaftigkeit*) e “coragem” (*moralischem Mute*) junto com o adjetivo “moral”, usados por Freud. Esse uso lexical deixa transluzir, ao nosso entender, uma perspectiva ética da vida psíquica, cujo mandamento primordial seria uma variante do “conhece-te a ti mesmo”⁹¹. A falta de coragem consistiria em não se reconhecer no próprio desejo, se recusando a outorgar à representação o afeto que lhe corresponde (SCHNEIDER, 1993, p. 59). Nos primeiros escritos, Freud parece não distinguir entre defesa e recalque, usando ambas palavras. No caso do Homem dos ratos, Freud especifica duas variedades de recalque: a que corresponde à histeria e a presente na neurose obsessiva. A primeira caracteriza-se pela amnésia da representação traumática; a segunda, pela conservação, na consciência, da representação traumática, mas despida da sua carga afetiva, de sorte que seu conteúdo se apresenta como indiferente e considerado não-essencial.

Em seu momento, a justificação para chamá-los da mesma maneira reside em que o resultado de ambos os mecanismos é quase o mesmo, “pois um conteúdo mnêmico indiferente é rara vez reproduzido e não desempenha nenhum papel na atividade do pensamento consciente da pessoa” ([1909] 1941, GW, VII, p. 418; 1976, AE, X, p. 154). Em todo caso, anos mais tarde, em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud sistematiza a terminologia, reservando o termo “recalque” para o mecanismo característico da histeria e recuperando o termo “defesa” para as outras formas usadas pelo eu nos conflitos patogênicos ([1925 – 1926] 1948, GW, XIV, p. 195 – 196; 1976, AE, XX, p. 152 – 153). Desse modo, o recalque passa a ser considerado uma espécie particular de mecanismo defensivo.

⁹¹ Desenvolvemos isso em *O desafio de Prometeu. Sobre cultura e moralidade na teoria freudiana*. Dissertação de mestrado sob orientação do Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani, UNICAMP, 2000.

O esquecimento dos sonhos é um outro exemplo de fenômeno tendencioso. Como resultado da censura e da resistência aumentadas ao despertar, a recordação reduz-se a fragmentos em geral incompreensíveis. Trata-se, mais uma vez, da auto-preservação do psiquismo em relação ao desprazer que deslancharia a vinda à consciência do desejo motivador do sonho. Todavia, assim como, tanto no caso dos nomes e frases quanto nos sintomas, na recordação dos sonhos e na sua reconstrução no relato correspondente ficam indícios do conteúdo oculto.

Em torno ao lembrado no relato do sonho, Freud denuncia dois erros: por uma parte, julgar que a modificação do sonho na recordação e no relato é arbitrária e, então, desconsiderá-la ([1900] 1972, SA, II, p. 493; 1976, AE, V, p.509) e, por outra, atribuir excessiva importância à fidelidade do “texto” do sonho ao ponto de querer fixar por escrito, por exemplo, a primeira versão do mesmo, o que torna rígida a recordação e impede as ocorrências com base nela ([1911] 1943, GW, VIII, p. 355 – 356; 1976, AE, XII, p. 91).

Ambas as posições baseiam-se na ignorância do determinismo psíquico, pois se aceitarmos esse postulado e considerarmos a descrição da vida psíquica formando uma trama de redes associativas, então é necessário concluir que as alterações mantêm enlace associativo com o conteúdo que substituem e servem para sinalizar o caminho para ele ([1900] SA, II, p. 493; 1976, AE, V, p.509). Desse modo, podemos pensar a elaboração secundária e o esquecimento como momentos da elaboração dos pensamentos oníricos à consequência da censura dos sonhos.

Das alterações, Freud faz um recurso para a interpretação: as expressões mudadas em uma nova versão do sonho fornecem a pista por onde começar a procurar os pensamentos fugidios. “O empenho que se põe em impedir a solução do sonho me habilita

a inferir a preocupação que urdiu a vestimenta do sonho” ([1900] SA, II, p. 494; 1976, AE, V, p.510). Em outras palavras, o esquecimento do sonho depende da resistência, tanto quanto a sua desfiguração. Prova disso, segundo Freud, é o caso de um paciente que recorda um sonho só depois de ter levantado, no trabalho de análise de outro material, uma resistência que se mostrou comum a ambos os conteúdos ([1900] SA, II, p. 498; 1976, AE, V, p. 514 - 515).

Não é a diferença entre o estado de dormir e o de vigília o que dificulta a recordação do sonho, mas a resistência a fazê-lo. Os pensamentos de um estado e outro medem suas forças no caso de acordar por um sonho e interpretá-lo imediatamente. O trabalho de interpretação, que apresenta as características do pensamento de vigília, não consegue se sobrepor a esse tipo de “olvido”. Com efeito, mais freqüentemente o sonho arrasta a interpretação para fora da consciência, ao acordar novamente na manhã seguinte, do que essa atrai o sonho para recordação ([1900] SA, II, p. 498 - 499; 1976, AE, V, p.515). O que está em jogo no esquecimento do sonho é a relação entre censura e resistência, sendo esta, indício da primeira.

4.2.3 – Recalque e sexualidade

Acerca da situação do recalque enquanto processo psíquico, encontra-se uma rápida alusão no *Manuscrito M*: ele é situado entre o pré-consciente e o inconsciente diferenciado do “recalcamento normal, dentro do próprio sistema do inconsciente.” Freud comenta a respeito: “Muito significativo, mas ainda muito obscuro” (MASSON, 1986, p. 249; FREUD, [1897] 1976, AE, I, p. 294 - 295). Na *Carta 52* detalha-se o tipo de inscrição das representações recalcadas nas diversas psiconeuroses, mas não se detém sobre o próprio

processo de recalque. No capítulo VII, a censura localizada entre os sistemas inconsciente e pré-consciente, indica que também o recalque encontrar-se-ia entre ambos.

Quanto ao motor do mecanismo de recalque, sua noção encontra-se atrelada à de sexualidade já desde o início da elaboração freudiana. No prólogo à primeira edição dos *Studien*, Breuer e Freud enunciam como própria a tese de que a sexualidade desempenha um papel principal na patogênese da histeria, tanto como fonte de traumas psíquicos, quanto como motivo do recalque ([1893-5] 1952, GW, I, p. 77; 1976, AE, II, p.23). No *Entwurf*, Parte II, acerca da psicopatologia, lemos que a experiência clínica ensina que o recalque diz respeito a representações desprazerosas advindas da vida sexual ([1895] 2003, p. 224; 1976, AE, I, p. 397).

Na *Carta 52*, caracteriza-se o recalque como a ausência de transcrição entre um sistema e outro (MASSON, 1986, p. 209; FREUD, [1896] 1976, AE, I, p. 276). Após distinguir entre defesa normal, que acontece entre transcrições da mesma variedade no seio da mesma fase psíquica, e defesa patológica ou recalque, que existe contra o traço mnêmico ainda não traduzido de uma fase anterior, estabelece as condições para esse no caráter sexual das representações. Que uma representação seja recalcada não depende da quantidade de desprazer, pois existem muitas recordações muito desprazerosas das quais não podemos nos desvencilhar. Para esses casos, o trabalho de correção associativa acaba funcionando de modo que as sucessivas recordações vão perdendo gradativamente intensidade.

À diferença de outras representações, a de ordem sexual pode provocar desprazer, como quando o evento representado foi vivenciado pela primeira vez. Nesse caso, a representação se comporta como atual e o desprazer não pode ser inibido de maneira

consciente. Nesse momento, essa propriedade das representações sexuais é atribuída ao desenvolvimento sexual que faz aumentar, à medida que transcorre o tempo, a quantidade de excitação. Quando uma vivência é lembrada com diferença de fase desprazenteiramente, acontece recalque⁹² (MASSON, 1986, p. 210; FREUD, [1896] 1976, AE, I, p. 277).

O aumento do desprazer provocado pelas vivências sexuais obedece à aparição, recém na puberdade, dos impulsos sexuais, de modo que o desenvolvimento psíquico e o sexual não coincidem, desajuste que explica a peculiaridade das representações correspondentes. A atualidade das lembranças recalcadas na histeria tem lugar entre o primeiro ano e meio e os quatro; na neurose obsessiva, entre os quatro e os oito; na paranóia, entre os oito e os quatorze (MASSON, 1986, p. 210; FREUD, [1896] 1976, AE, I, p. 277).

O recalque é concebido como mecanismo de defesa e, nesse sentido, trata-se de uma ação contra excitação interior e não exterior, uma vez que para esta o corpo dispõe de proteção⁹³. Assim, o recalque também poderá ser considerado como destino do representante psíquico da pulsão quando o conceito desta for explicitado nos *Três ensaios de teoria sexual*. Desde o início ele é pensado agindo contra traços mnêmicos – e não contra as percepções correspondentes – de representações que despertariam desprazer por serem inconciliáveis com a moral e a vergonha.

Em um primeiro momento, e notadamente nos *Studien* e no *Entwurf*, a idéia de um evento de conotações sexuais, cuja lembrança adquire caráter traumático pelo despertar da puberdade, explica o efeito retardado do recalque. Em relação a isso, Laplanche e Pontalis

⁹² Quando a vivência é lembrada com diferença de fase com prazer, então, gera-se compulsão.

⁹³ No *Projeto* encontra-se a idéia de telas protetoras nos terminais nervosos que protegeriam o aparelho psíquico contra quantidades exógenas.

apontam a teoria da sedução como uma primeira tentativa de sistematizar as diferentes etapas do recalque (1992, p. 432).

O desprazer que uma representação pode acarretar acena para a natureza do conflito psíquico segundo Freud. O mesmo define-se como uma oposição excludente entre inclinações e ideais do indivíduo⁹⁴ que deve ser resolvida de alguma maneira para ele conservar seu equilíbrio. Assim, a vida psíquica inconsciente não é pensada como expressão de gênio criativo, como poderiam fazê-lo os românticos⁹⁵, mas uma produção desenfreada de sentidos para conservar o equilíbrio psíquico e assim poder cumprir com seus fins adaptativos.

Embora o conflito sempre se apresente, para Freud, envolvendo o sexual, o papel deste vai se modificando à medida em que ele avança no conceituar da libido e o seu desenvolvimento (MILLOT, 1987, caps. 1 e 2). Em um primeiro momento, Freud concebe o conflito entre desejo sexual e valores morais como sendo externo e provocado pelos costumes de uma cultura muito rígida. No *Rascunho B*, acerca da etiologia das neuroses, conclui que estas são evitáveis, porém, quando adquiridas, incuráveis. Em outras palavras, a existência do conflito obedece às circunstâncias exteriores sociais. A solução estaria na mudança dos costumes em que se aceitassem as relações sexuais livres, para o que, na época, era necessário encontrar um meio de controle da natalidade inócuo (MASSON, 1986, P. 43-4; FREUD, [1893] 1976, AE, I, p.222 - 223). Assim, o mesmo teria solução,

⁹⁴ Desenvolvemos isso em *O desafio de Prometeu. Sobre cultura e moralidade na teoria freudiana*.

⁹⁵ Não negamos a possibilidade de Freud ter sido influenciado pelo romantismo. Como nota Rieff a sua concepção apresenta pontos em comum com os poetas românticos, por exemplo, a crença na existência contínua do passado, em especial o infantil e no perigo de revivê-lo (RIEFF, 1979, p. 62). Em todo caso, a sua concepção do inconsciente se organiza e unifica sob o princípio da finalidade adaptativa da teoria evolucionista. Nesse sentido este predomina.

cabendo aos médicos, medidas profiláticas das doenças de origem sexual e aos intelectuais, políticos e artistas, a reforma de valores e usos sociais (MILLOT, 1992, p. 14-6).

Ainda que na observação clínica fique cada vez mais evidente para Freud que o desejo em questão possui natureza sexual e que é inerente a esta o conflito patogênico, essa intuição demora em articular-se teoricamente. No *Projeto*, o modelo do desejo define-se sobre a vivência de satisfação experimentada quando aliviada a fome. O problema está posto pelo fato do aparelho psíquico sempre buscar o objeto desiderativo nas primeiras vivências de satisfação. Por essa razão, no *Projeto* não há incompatibilidade imanente ao psiquismo entre moral e desejo, mas apenas a ocasionada pelo descompasso entre experiência prematura e desenvolvimento sexual mais tardio.

No *Rascunho K*, anexo à carta de janeiro de 1896, Freud manifesta sua suspeita quanto à origem do desprazer vinculado à experiência sexual:

Em minha opinião, deve haver uma fonte independente de liberação de desprazer na vida sexual: desde que essa fonte esteja presente, ela pode ativar as sensações de repugnância, reforçar a moralidade e assim por diante. Atenho-me ao modelo da neurose de angústia nos adultos, na qual uma quantidade derivada de vida sexual provoca, similarmente, uma perturbação na esfera psíquica, embora pudesse comumente encontrar outra serventia no processo sexual. (MASSON, 1986, p. 164; FREUD, [1897] 1976, AE, I, p.262)

Insinua-se aqui a suspeita de que haveria algo na natureza sexual que seria a causa do desprazer e não que este seja produto do conflito com a moral. Como observa Millot, Freud inverte o problema: a origem do recalque das representações sexuais provém da própria sexualidade; a moralidade seria apenas uma forma de se defender daquela (1992, p. 19).

Será necessário postular o prazer sexual na infância e o complexo edipiano para solucionar a equação.

Se levarmos em conta a correspondência com Fliess, é a partir de 1897 que Freud começaria a vislumbrar o desejo no horizonte da sexualidade infantil:

Ora, as zonas que não mais produzem uma descarga da sexualidade nos seres humanos normais e maduros devem ser as regiões do ânus e da boca e garganta. Isso pode ser entendido de duas maneiras: primeiro, a visão e a imaginação dessas zonas já não produzem um efeito excitante e, segundo, as sensações internas que provém delas não fazem nenhuma contribuição para a libido, da maneira como o fazem os órgãos sexuais propriamente ditos. Nos animais, essas zonas sexuais continuam a vigorar em ambos os aspectos; quando isso persiste também nos seres humanos, o resultado é a perversão. Devemos pressupor que, na primeira infância, a liberação da sexualidade ainda não é tão localizada quanto depois, de modo que as zonas que são abandonadas mais tarde (e talvez também toda a superfície do corpo) também provocam algo que é análogo à liberação posterior da sexualidade. ([Carta de 14/11/1897] MASSON, 1986, p. 280; FREUD, [1897] 1976, AE, I, p. 311)

Com esses primeiros esboços da teoria do desenvolvimento sexual infantil, a causa do recalque passa a ser atribuída ao desprazer provocado pela excitação dos traços mnêmicos de zonas e objetos sexuais anteriores.

Esse tipo de ação retardada também ocorre em conexão com a lembrança de excitações das zonas sexuais abandonadas. O efeito, porém, não é uma liberação da libido, e sim um desprazer, uma sensação interna análoga à repulsa no caso dos objetos. [...] Dito de modo grosseiro, a lembrança realmente fede, da mesma forma que, no presente, o objeto cheira mal; e, do mesmo modo que afastamos nosso órgão sensorial (a cabeça e o nariz), enojados, o pré-consciente e o sentido da consciência desviam-se da lembrança. Isso é o *recalcamento*. (MASSON, 1986, p. 281; FREUD, [1897] 1976, AE, I, p.311 - 312)

A rejeição e o nojo subjazem ao recalque como fatores orgânicos. O recalque é “a base efetiva para diversos processos intelectuais do desenvolvimento, tais como a moral, a vergonha e coisas similares” (MASSON, 1986, p.280- 281; FREUD, [1897] 1976, AE, I, p. 312)⁹⁶.

Os conceitos de apoio e de pulsões parciais são as noções-dobradiças que vão permitir, mais adiante, articular e redefinir desejo e prazer em nova chave. Dessa maneira, o desejo – definido com base na vivência de satisfação e atrelado à figura da mãe –, o desamparo e a necessidade de ajuda alheia – como fontes da moralidade – e o desprazer – emanado da experiência sexual – são aspectos que, esparsos até então, encontrarão sua unidade.

Freud reconduz a moral à vida psíquica⁹⁷, não apenas ao tornar a ajuda alheia fonte dos motivos morais, mas ao modelar o desejo nas vivências de satisfação e, posteriormente, ao fazer surgir as pulsões sexuais das vivências de prazer associadas ao corpo da mãe. A proteção materno-paterna desemboca na escolha dos primeiros objetos de amor, assim como na imposição das normas morais na saída do complexo edipiano.

Com base na sua auto-análise, Freud chega à idéia, esboçada na carta a Fliess de 15/10/1897, de que todos temos algo de Édipo e que o recalque associado a sua superação corre o véu da amnésia infantil⁹⁸. Em suas palavras:

Descobri, também em meu próprio caso, [o fenômeno de] me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o

⁹⁶ Nessa carta a Fliess de 14/11/1897, Freud desenvolve uma série de idéias que constituem basicamente um esboço rudimentar do que irá desenvolver mais tarde nos *Três ensaios de teoria sexual*.

⁹⁷ Cf. *O desafio de Prometeu. Sobre cultura e moralidade na teoria freudiana*, dissertação de mestrado, UNICAMP, 2000.

⁹⁸ Doravante a consciência moral será explicada como efeito de todo esse processo. Para a questão da amnésia infantil, cf. os *Três ensaios de teoria sexual*. Sobre a instância superegóica, cf. textos mais tardios como *O Ego e o Id e Mal-estar na cultura*.

considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não [ocorra] tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas. [...] Cada pessoa da platéia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalque que separa seu estado infantil do estado atual. (MASSON, 1986, p. 273; FREUD, [1897] 1976, AE, I, p.307)

Anos depois, em *Inibição, sintoma e angústia*, e após hesitações acerca da relação angústia-recalque, Freud reformula sua concepção concluindo que a angústia perante a ameaça de castração e de perda de amor deslancha o mecanismo de recalque e não ao inverso ([1925-26] 1948, GW, XIV, p. 137; 1976, AE, XX, p. 103)⁹⁹.

Quando Freud aprofundar o exame da natureza das pulsões sexuais não genitais nos *Três ensaios sobre teoria sexual*, vai constatar seu caráter conflitivo desde a perspectiva biológica da reprodução, mas também da conservação do indivíduo (MILLOT, 1992, p. 23). Por isso, a partir da elaboração da sexualidade infantil e do chamado complexo edipiano, o conflito, a insatisfação e a angústia tornam-se inerentes à sexualidade. Doravante o recalque vai estar referido a esta de forma indissolúvel.

Ainda há mais um aspecto da relação entre recalque e sexualidade. No *Rascunho M*, acerca da histeria, estabelece-se a questão da relevância da distinção de gênero no que se refere ao recalque. Nesse manuscrito consta o componente feminino como o responsável central por esse mecanismo. A observação clínica de que mulheres e homens, por igual, admitem com maior facilidade experiências com mulheres do que com homens, confirma

⁹⁹ A mesma idéia é sistematizada na XXXIIª Conferência “Angústia e vida pulsional” ([1932-33] 1940, GW, XV, p. 94; 1976, AE, XXII, p. 80-1).

isso. Freud insiste, a homossexualidade masculina é o que essencialmente recalcam os homens¹⁰⁰ (MASSON, 1986, p.247; FREUD, [1897] 1976, AE, I, p.292).

Em torno disso, o artigo de 1919 “*Uma criança é espancada*”. *Contribuições ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*, introduz modificações na sua posição. Nesse questionam-se as teses de Fliess e de Adler sobre o papel do feminino e masculino no recalque. A primeira sustentava que o motivo do recalque estaria na luta dos caracteres sexuais, dos quais o predominante em cada indivíduo recalcaria o mais fraco. A segunda também se assenta na idéia da luta entre os dois sexos, mas defendendo que todo indivíduo resiste a permanecer na linha feminina de desenvolvimento por ser inferior e, portanto, resultaria recalcada. Freud revisa as posições:

A teoria psicanalítica, apoiada na observação, sustenta que não é lícito sexualizar os motivos do recalque. O núcleo do inconsciente anímico está constituído pela herança arcaica do ser humano, e dela sucumbe ao processo repressivo tudo quanto, no progresso para fases evolutivas posteriores, deve ser relegado por inconciliável com o novo e prejudicial para ele. Essa seleção se consegue em um grupo de pulsões melhor que nos outros. (FREUD, [1919] 1947, GW, XII, p. 225 – 226; 1976, AE, XVII, p.199)

Ambas as teorias são rejeitadas em função das suas visões estreitas e simplistas sobre a relação entre recalque, sexualidade e gênero. Não se trata de generalizar o fator recalcante como feminino ou masculino, mas de compreender como a experiência filogenética e a interdição decorrente se atualizam no movimento das pulsões sexuais na infância de cada indivíduo.

¹⁰⁰ Segundo Showalter, a leitura mais convincente de *O médico e o monstro* de R.L. Stevenson é a de ser uma fábula sobre o pânico homossexual do final de século XIX, a descoberta e resistência da identidade homossexual (1993, p.149). Sem certeza no que se refere à interpretação, é interessante a descrição da autora sobre os costumes e sentimentos em torno à homossexualidade da época, na medida em que contextualizam a observação clínica aqui citada.

O recalque acontece no marco do determinismo psíquico postulado na *Psicopatologia da vida quotidiana*. As representações se dispõem em redes associativas sem exceção de modo que qualquer uma que apareça ilhada ou solta é porque esconde o elo associativo que a sustenta. O postulado do determinismo psíquico não faz outra coisa senão afirmar que todos os atos psíquicos possuem significado estabelecido por suas conexões associativas; levantar o recalque, então, é restabelecer na consciência tais conexões.

A concepção freudiana acerca do recalque só será sistematizada com o caso Schreber e nos textos *O Recalque* e *O Inconsciente*. Se comparada com o tratamento dado anteriormente falta, até 1900, a postulação organizada em um todo das etapas do recalque: o originário, o recalque propriamente dito, e o retorno do recalcado, embora já tivesse esboçado algumas idéias nas suas análises sobre psiconeuroses¹⁰¹. Em todo caso, desde o início, se encontra no âmago da teoria do recalque a idéia de conflito em torno da sexualidade.

4.3 – Lembrar e recriar

A presente seção começa explicitando um conceito freudiano de lembrança não atrelado à característica de veracidade. Assim como esquecer não é considerado necessariamente uma falha, mas um recurso adaptativo da psique, a lembrança de algo não vivenciado também pode fazer parte desse tipo de funcionamento. Na continuação, examina-se, à luz das críticas de Israel Rosenfield, o que significa preencher as lacunas da

¹⁰¹ Por exemplo, na carta a Fliess de 22/12/1897, Freud diz ter encontrado, no caso da neurose obsessiva, “uma confirmação de que o local em que *irrompe o recalcado* é a representação de palavra, e não o conceito ligado a ela. (Mas precisamente na memória da palavra.)” (itálica nossa) (MASSON, 1986, p. 288; FREUD, [1897] 1976, AE, I, p. 314).

memória devidas ao recalque. Finalmente, estuda-se a possibilidade de re-significar o conteúdo da memória¹⁰².

4.3.1 – Lembranças encobridoras e lembranças infantis

Uma descrição fenomenológica do que seja lembrar inclui a idéia de representar um determinado conteúdo de algo realmente vivenciado no passado, reproduzindo-o, de modo a trazê-lo à tona no presente. Para o senso comum, dizer que se lembra de algo é o mesmo que afirmar que não é a primeira vez que tal conteúdo se apresenta à consciência, que já foi experimentado. Nesse ponto, mais uma vez, Freud defende uma tese contrária àquele: o presentificado nas lembranças nem sempre foi vivenciado antes.

Como visto até aqui, a memória não é concebida como conservação passiva do conteúdo psíquico, mas como uma função que implica a atividade do automatismo associativo, desde o momento de registro, continuando na conservação e na evocação. Nesta seção vamos nos deter não naquilo que esquecemos, mas no aspecto positivo da função evocativa. Em especial, de certas recordações que, assim como um tipo de esquecimento, elas também são caracterizadas como tendenciosas.

O contexto para tais vivências tendenciosas está dado pelo fato de valores inseridos na cadeia de representações estabelecerem um conflito com desejos opostos. Isso provoca o processo de recalque do que resulta a seleção daqueles conteúdos que permanecerão disponíveis no pré-consciente e daqueles que serão relegados ao inconsciente. A contrapartida dos processos de recalcar e de esquecer por desgaste normal é o recordar que

¹⁰² O artigo “Notas sobre lembranças e interpretação na teoria freudiana” in *Fragmentos de cultura*, Goiânia, v. 15, n. 6, pp. 1015-1028, jun. 2005 serviu de base para a elaboração desta seção.

Freud discrimina entre o pertencente à primeira infância, por uma parte, e o correspondente à vida adulta, por outra.

Tal distinção obedece, em primeiro lugar, à valorização especial concedida, desde sempre, aos primeiros anos. No texto acerca das afasias, pela aprendizagem da linguagem; no *Projeto*, devido às primeiras vivências de dor e satisfação; nos *Studien*, por causa das experiências traumáticas. O destaque concedido aos inícios não se restringe à sua adesão à teoria da sedução. Ao contrário, nos textos posteriores a 1897, mesmo sem explicitar suas novas idéias sobre sexualidade infantil, a infância cobra cada vez maior relevância.

Em segundo lugar, a distinção reflete o caráter específico das recordações infantis. De acordo com o texto sobre lembranças encobridoras, das vivências dos primeiros anos, apesar de serem muito marcantes, somente temos umas poucas recordações e, ainda, fragmentárias e isoladas. O fato da amnésia infantil é explicado pelo recalque após a saída do complexo edipiano, atrás do qual se corre um véu sobre os primeiros anos. Depois do sexto ou sétimo ano de vida, há uma proporção direta entre a relevância psíquica da experiência e sua retenção na memória, com exceção dos estados patológicos. Ao contrário, as lembranças anteriores versam sobre eventos irrelevantes que, no entanto, são recordadas com notável nitidez. O problema está posto. Trata-se, então, de saber o porquê disso.

A solução baseia-se em uma concepção de que a memória infantil e a fantasia sofrem influências recíprocas. Fantasias resultam de lembranças que se misturam de modo a transformar-se em formas de realização de desejo. No *Rascunho M*, anexado à carta de 25/5/1897, encontramos a seguinte explicitação:

As fantasias emergem de uma combinação inconsciente de coisas vivenciadas e ouvidas, de acordo com certas tendências. Essas tendências têm o sentido de tornar inacessível a lembrança da qual provieram ou podem provir

os sintomas. As fantasias são formadas por amalgamação e distorção, de modo análogo à decomposição de um composto químico que esteja combinado com outro. E isso porque o primeiro tipo de distorção consiste numa falsificação da lembrança por fragmentação, na qual precisamente as relações cronológicas é que são negligenciadas. [...] Um fragmento da cena visual combina-se então com um fragmento da cena auditiva, formando a fantasia, enquanto o fragmento liberado se liga a alguma outra coisa. (MASSON, 1986, p. 248; FREUD, [1897] 1976, AE, I, p. 293)

Quando procuramos na história infantil mais remota, encontramos “falsificações da memória e fantasias – estas últimas referidas ao passado ou ao futuro”([Carta de 7/7/1897], MASSON, 1986, p.256; FREUD, [1897] 1976, AE, I, p. 300). Freud compara o trabalho psíquico do qual resulta a fantasia com a composição e decomposição químicas. Em uma seção anterior, aludimos ao processo de associação que Stuart Mill caracteriza de química mental. Ambos os autores consideram que uma representação pode derivar de outras de uma forma mais complexa do que a mera justaposição das partes que amiúde resultam indiscerníveis na nova idéia.

Lembranças e fantasias encontram-se entremeadas. Na carta endereçada a Fliess em 10 de março de 1898, Freud estabelece a seguinte fórmula:

[...] aquilo que é *visto* no período pré-histórico produz os sonhos; o que é *ouvido* nele produz as fantasias; o que é *sexualmente* experimentado produz psicose. A repetição do que foi experimentado nesse período é, em si mesma, a realização de um desejo [...] (MASSON, 1986, p.303; FREUD, [1898] 1976, AE, I, p. 316)

Essas diversas maneiras em que o experimentado na primeira infância se repete seriam as únicas formas possíveis de memória para esse período, uma vez que não haveria acesso direto a representações que reproduzissem fielmente as vivências correspondentes,

em virtude do recalque depois da saída do complexo edipiano. Os traços mnêmicos das experiências fornecem o material com que o psiquismo elabora sonhos, fantasias, neuroses. Esses produtos da vida psíquica apresentam elementos que correspondem à experiência real objetiva junto com elementos da realidade psíquica. No que diz respeito à fantasia, pode-se supor que o material mnêmico auditivo remonta aos contos e histórias ouvidos na infância, os quais emprestariam àquela seu caráter narrativo.

A análise da cena na qual dois meninos e uma menina brincam de recolher flores amarelas em uma pradaria evidencia o entrelaçado de lembranças e fantasias ao associá-la a outras vivências que dão a chave para interpretá-la. Em um dado momento, os meninos tiram as flores das mãos da menina, que corre chorando em busca do auxílio das duas mulheres que conversam na porta da casa. Para consolá-la lhe oferecem um grande pedaço de pão. Ao ver isso, os meninos deixam as flores e correm para pedir, também, do mesmo pão. Ele é muito gostoso. Tanto o amarelo das flores como o sabor do pão, apresentam-se muito nitidamente, sinalizando que esses elementos remetem a representações recalcadas (FREUD, [1899] 1952, GW, I, p. 541 e ss; 1976, AE, III, p. 305 e ss.).

A cor amarela de certas flores alpinas faz a ponte entre o amarelo das flores da lembrança e a cor do vestido de uma moça pela qual se apaixona quando jovem. A recordação surge numa época posterior na qual passa por dificuldades econômicas que coincide com a sua primeira viagem para os Alpes. Assim, o pão delicioso é interpretado como o conforto material que teria se tivesse permanecido no campo e casado com a moça.

A essas associações somam-se mais duas: os planos familiares de uma profissão mais pragmática e casamento com a prima, por uma parte e, por outra, desejos sexuais. Trocar as flores pelo pão delicioso figura deixar os ideais profissionais por uma situação mais cômoda. Arrebatá-las simboliza deflorá-la. De modo que três fantasias

são combinadas e projetadas umas nas outras para fazer a lembrança que exprime “se eu tivesse casado com essa ou aquela jovem, minha vida teria sido muito mais agradável”.

Da primeira parte da frase se apossa o impulso sexual que leva o pensamento a ser recalcado. Inconsciente, procura transformar-se em cena infantil que, por sua inocência, pode se tornar consciente. Para isso, são necessárias duas modificações: a primeira, tirar o elemento reprovável (deflorar) e substituí-lo por uma expressão figurativa (arrebatar as flores); a segunda, representar visualmente com o pão a idéia de “profissão pão com manteiga” e “ganhar o pão”.

Toda fantasia recalcada tende a deslizar para uma cena infantil. A composição da fantasia se realiza sobre elementos reais da memória. Os meninos são os primos com quem brincava quando criança. Os elementos condensados e figurados simbolicamente, o amarelo e o pão inscrevem-se de forma mais salientada do que os outros elementos da cena. A lembrança encobridora possui valor psíquico, não em si, mas por referir um conteúdo recalcado. Nesse sentido, e apesar de sua aparente trivialidade, ela não é uma exceção à tendência de conservar o relevante. A diferença com as recordações em que tal tendência é manifesta reside, primeiro, em que ela conserva o conteúdo relevante, encobrindo-o como forma de proteger a psique do desprazer¹⁰³; segundo, o conteúdo conservado não refere uma experiência real.

Essa recordação representa na memória impressões e pensamentos de uma época posterior cujo conteúdo está ligado por elos simbólicos com os elementos da cena lembrada. Trata-se do tipo regressivo das chamadas “lembranças encobridoras”: uma representação posterior se figura numa cena anterior. Em outras palavras, o recalcado se

¹⁰³ “*Deckerinnerung*” é um termo cunhado por Freud com o verbo *decken* que, segundo Gabbi Jr., estaria associado a *bedecken* (encobrir), *verhuellen* (ocultar) e *schuetzen* (proteger) combinando as nuances dos três (1985, p.11).

serve de elementos de lembranças anteriores para manifestar-se. As lembranças encobridoras também podem ser progressivas quando figuram uma fantasia anterior em uma cena posterior.

Segundo Freud, a construção do estoque de lembranças infantis segue os mesmos processos da formação de sintomas histéricos. Nisso, então, as lembranças encobridoras não seriam casos isolados e completamente diferentes de outros tipos de representações que funcionam como soluções de compromisso. Vemos a distância da posição freudiana em relação à tese que defende que a lembrança surge simultaneamente à experiência como consequência imediata da impressão por ela causada e que volta de tempo em tempo.

A modo de confirmação, Freud nota que em certas lembranças o sujeito se vê a si mesmo como criança, sabendo que é essa criança, mas, no entanto, ela aparece tal como apareceria a um observador externo à cena. Por essa razão, uma tal lembrança não poderia ser uma repetição da impressão originalmente recebida, pois, o sujeito encontra-se no meio da situação e não prestando atenção a si mesmo, senão ao mundo externo. Isso sugeriria que a impressão originária foi recriada.

Temos, então, uma representação que se apresenta como lembrança, ou seja, como reprodução de experiências, quando na verdade se trata de algo que não existiu, de um desejo articulado segundo uma fantasia. Essa noção evidencia a função produtiva que a memória adquire a partir da descoberta da sexualidade infantil e do complexo de Édipo: “memória do desejo, ou seja, a memória daquilo que só teve uma possibilidade de existir” (GABBI JR., 1985, p. 12).

Dentre várias lembranças infantis remotas, há algumas que, quando verificadas por outras testemunhas, revelam terem sido falseadas através de deslocamentos, condensações, substituições ou combinações. Todavia, se os falseamentos das lembranças servem ao

propósito de defesa contra representações objetáveis, esses devem ter-se originado após a primeira infância quando o conflito e o recalque são possíveis.

Em 1901, às lembranças encobridoras regressivas, que encobrem pensamentos posteriores sob recordações anteriores, e às progressivas, que escondem pensamentos anteriores atrás de recordações posteriores, acrescenta-se um terceiro tipo de recordação encobridora, a contígua. Nesta o enlace entre o material encobridor e o encoberto se dá não pelo conteúdo, mas pela simultaneidade entre ambos (FREUD, [1901] 1941, GW, IV, p. 52; 1976, AE, VI, p.49).

A novidade introduzida no texto de 1898 e que é retomado na *Psicopatologia* afirma a índole tendenciosa não apenas nos esquecimentos, mas também nas lembranças. Isso quer dizer que as recordações podem sofrer alterações pela influência de fantasias – por sua vez formadas em cima de lembranças – para a realização de desejo. O que restaria da primeira infância seriam representações constituídas sobre elementos mnêmicos que, embora não resgatem episódios infantis reais, se apresentam *qua* lembranças, em função do que recebem o seu nome.

4.3.2 – “Lembrar” criativo

Desde a perspectiva da psicobiologia, Israel Rosenfield observa que a concepção freudiana da memória estrutura-se sobre a tensão entre a noção de registro permanente dos traços mnêmicos, por uma parte, e a idéia do lembrar como processo dinâmico reorganizador modificado constantemente, por outra. Embora concorde com a afirmação do aspecto lacunar da memória, o autor não compartilha a explicação freudiana desse aspecto. Nas suas palavras: “Freud observou com agudeza os fragmentos – as imagens ambíguas –

da memória; mas a falta de sentido deles é uma falta de contexto, e não um disfarce e deslocamento” (ROSENFELD, 1994, p. 79).

À raiz do conceito de lembranças encobridoras e da sua equivalência com as lembranças infantis, pode parecer que Freud, em determinado momento, acena a possibilidade de perda¹⁰⁴ dos traços correspondentes a estas últimas:

Assim, desde diferentes lados impõe-se essa conjectura: dessas lembranças de infância que se chamam as mais remotas não possuímos o traço mnêmico real e efetivo, senão uma elaboração posterior dele, uma elaboração que acaso experimentou as influências de múltiplos poderes psíquicos posteriores. Portanto, as “lembranças de infância” dos indivíduos chegam com total universalidade a adquirir o significado de umas “lembranças encobridoras”, e desse modo cobram notável analogia com as lembranças de infância dos povos, consignados em sagas e mitos. (FREUD, [1901] 1941, GW, IV, p. 56; 1976, AE, VI, p.52)

Contudo, para a teoria freudiana, as conseqüências da conjectura da perda de traços mnêmicos, como pretende Rosenfield, são tais que a inviabilizam como alternativa. Em primeiro lugar, se assim fosse, a amnésia infantil não seria fruto de recalque, mas da falta de traços mnêmicos. Poder-se-ia argüir que a citação é anterior à publicação da teoria da sexualidade infantil. No entanto, essa pertence à parte do capítulo quarto que foi acrescentada em 1907, depois dos *Três ensaios*.

Em segundo lugar, se não há conservação dos traços da primeira infância, a regressão no trabalho onírico encontrar-se-ia limitada às lembranças posteriores e já não mais preponderantemente visuais. Em terceiro lugar, tampouco se sustenta o conceito de fixação nas diversas fases do desenvolvimento libidinal, caindo, por sua vez, as explicações etiológicas das psiconeuroses.

¹⁰⁴ A questão da conservação na memória foi abordada também em 3.2 e 4.2.

Por essas razões, a interpretação mais plausível para a citação afirma que as lembranças infantis são resultado de elaborações modificadoras de traços que se conservam e não que estes se tenham perdido. Não dispomos dos traços mnêmicos porque não temos acesso direto a eles senão através das representações recalcadas a que dão origem. A diferenciação entre registro e evocação no interior da memória através dos conceitos de traços mnêmicos e lembranças é tão fundamental para a teoria quanto o postulado da conservação permanente desses. Explicar a distorção por recalque, condensação ou deslocamento supõe a tese da conservação permanente dos traços mnêmicos, cujas representações seriam alteráveis em função da preservação do psiquismo.

De fato, como já explicitado, o caráter duradouro dos traços mnêmicos é postulado desde o início. No *Projeto*, a necessidade de conciliar a receptividade ilimitada das percepções, ao mesmo tempo em que a conservação do seu registro, leva a diferenciar entre neurônios permeáveis e impermeáveis. Na *Interpretação*, cada função tem sua sede em sistemas diferentes: o pré-consciente e a consciência, por uma parte, e o inconsciente por outra. Em 1925 continua defendendo o caráter duradouro, ainda que não inalterável, dos traços de memória (FREUD, [1924 -1925] 1948, GW, XIV, p. 4; 1976, AE, XIX, p. 244). Como vimos anteriormente, em *O Mal-estar* afirma a tendência geral à conservação ([1929 – 1930] 1948, GW, XIV, p. 429; 1976, AE, XXI, p. 72).

Na perspectiva biológica de um funcionamento criativo, no que se refere à memória, os traços evidenciados nos sonhos são prova não de seu caráter permanente, senão de que o fenômeno onírico consistiria em um conjunto confuso de impressões que têm que ser organizadas. Disso encarregar-se-ia o sujeito ao fornecer o contexto presente no qual resgata como lembrança o conteúdo dos traços.

Todavia, como comentávamos há pouco, a especificidade da teoria freudiana consiste na tensão entre o permanente e a sua possibilidade de modificação a serviço da defesa ou da expressão disfarçada de desejos. A maneira de Freud pensar a memória está intimamente ligada à concepção de H. Jackson, para quem a patologia se explica por retrogressão a estágios anteriores do desenvolvimento. Para que isso seja possível, é preciso que os traços dos estágios anteriores permaneçam gravados junto aos do último. Assim, aos estágios anteriores retorna o funcionamento lingüístico em caso de distúrbio ou lesão. É na memória que se encontram os recursos para processar os conflitos psíquicos, mas também é dela que surgem, pelo menos, parte dos elementos para estabelecê-lo.

Em todo caso, a concepção freudiana edifica-se sobre a convicção de que o psiquismo é fruto da combinação das condições de um organismo orientado pelo princípio de constância para sua adaptação, por um lado, e as circunstâncias de uma história individual, por outro. Nisso vemos mais uma manifestação do equilíbrio entre o exógeno e o endógeno na determinação psíquica que Freud quer manter. Os traços de memória obedecem à experiência, tanto externa dos acontecimentos, quanto interna do pulsional, expressa em desejos e fantasias. A memória é o cenário onde se desenvolve o conflito e se ensaiam saídas para o mesmo.

O que está em discussão, para Rosenfield, é se o conflito, ou seja, a oposição inconciliável de sentidos, advinda de conexões entre diversos elementos mnêmicos, também tem registro mnêmico. Em outras palavras, ele sustenta que o que organiza e dá sentido aos fragmentos de memória é a evocação contextualizada. Assim, somente quando os traços mnêmicos fragmentários se atualizassem na lembrança consciente, se completaria o sentido. Ao contrário, Freud concebe a memória como um automatismo associativo

inconsciente e produtor autônomo de sentidos de modo que o conflito está dado antes da evocação e não criado no momento dela acontecer¹⁰⁵.

Como descrito em 4.1, a perspectiva freudiana considera que o medo ao inesperado de Emmy von N. se instaura pela cadeia associativa em que as representações ficam registradas sem por isso descartar a possibilidade de novas associações na hora de recordar. Já Rosenfield sustentaria que esse significado só nasce no ato da paciente lembrar. Em relação a isso, Monzani destaca a índole revolucionária da concepção semântica de Freud ao afirmar que o psiquismo produz sentido sem que este chegue a ser conhecido pelo próprio sonhador e sem a finalidade de ser comunicado a outrem (1989, p.9).

A capacidade criativa da memória não significa completar um sentido ausente, mas a re-elaboração do material dos traços mnêmicos mudando um sentido já presente. Na *Psicopatologia*, Freud, após mostrar a “natureza tendenciosa de nosso recordar” nas lembranças encobridoras, se avoca a ampliar o alcance dessa afirmação para outras formas aparentes de rememorar, como a miragem da memória e o fenômeno de *déjà vu*. Exemplo da primeira é o incidente de Freud em torno do nome de M. Joyeuse, personagem de Alphonse Daudet. Na hora de escrever a *Traumdeutung*, ele troca o nome certo por M. Jocelyn. O gesto involuntário cumpriria o “propósito” de evitar a associação, pelo significado alegre em francês e alemão, com o próprio sobrenome. Uma conexão que para Freud resulta desagradável por se tratar de um personagem que deseja um protetor (FREUD, [1901] 1941, GW, IV, p. 165; 1976, AE, VI, p.148).

Exemplo do segundo é a sensação de familiaridade experimentada por uma mulher ao visitar pela primeira vez uma casa de campo e sua horta. Essa resultaria do deslocamento

¹⁰⁵ Evitamos falar em pessoas psíquicas, pois nos primeiros textos freudianos predomina a visão de aparelho constituído por sistemas para o que não caberia essa terminologia.

do verdadeiramente familiar para ela que era a situação das anfitriãs terem um irmão à beira da morte. Escondida atrás dessa outra variante de miragem mnêmica se encontra a fantasia inconsciente da expectativa do irmão morrer e novamente ser filha única. De modo geral, o fenômeno de *déjà vu* obedece ao investimento de fantasias inconscientes que, igual às lembranças encobridoras, apresenta como memória (FREUD, [1901] 1941, GW, IV, p. 295 – 298; 1976, AE, VI, p.258 – 259).

Trata-se de falhas da memória o fato de não trazer de maneira fiel as representações de situações, conhecimentos, nomes vivenciados ou conhecidos? Desde uma concepção da função da memória como fundamentalmente adaptativa, não, pois lembrar, nesses casos, esteve em função de evitar o desprazer. Não se trata de defeito, mas de um recurso do psiquismo. Mais uma vez, “lembrar nunca é uma motivação, mas apenas um meio, um método” segundo afirma o *Rascunho N* (MASSON, 1986, p. 252; FREUD [1897] 1976, AE, I, p. 298).

De acordo com o anterior, o caráter criativo ao evocar, segundo a teoria freudiana, não consiste em preenchermos desde o presente lacunas devidas a traços mnêmicos perdidos, mas em resgatar para a consciência o conteúdo recalcado com as modificações necessárias para tanto. Entretanto, isso não descarta que, na hora de evocar tanto na vida quotidiana como no trabalho analítico, possamos modificar o significado de nossas representações pelo contexto atual, de forma semelhante às lembranças encobridoras de uma fantasia atual sob os traços de vivências da infância, ou à do fenômeno *a posteriori*.

Assim, a lembrança pode encobrir representações inadmissíveis para a consciência. Os mesmos mecanismos de elaboração dos sonhos e dos sintomas entram em jogo nas lembranças infantis e nas lembranças tendenciosas, em geral. Trata-se de automatismos

psíquicos que procedem segundo critérios morais¹⁰⁶, determinando quais representações podem devir conscientes e quais não, por uma parte, e, por outra, modificando-as através de deslocamento, condensações, substituições ou combinações.

Se quisermos descrever o processo de formação das lembranças encobridoras, em primeiro lugar, podemos dizer que acontece uma triagem, segundo o conteúdo, entre as representações acessíveis à consciência e as que serão banidas dela. Em segundo lugar, ficam estabelecidos quais traços de memórias são aproveitáveis para figurar desejos e pensamentos que, tendo sido rejeitados pela censura, pressionam para manifestar-se. Em terceiro lugar, a maneira específica de figuração por combinação, deslocamento, condensação, contigüidade, simultaneidade, etc., resulta da relação entre o material com o qual se figura e o material assim figurado. Desse modo, surge uma nova representação da recombinação de traços mnêmicos.

4.3.3 – Lembrar, interpretar e re-significar

Poder-se-ia pensar que há uma certa atividade interpretativa como condição de possibilidade da formação de sintomas, sonhos, falsas lembranças. Falando dos princípios da hermenêutica moderna, Foucault afirma a respeito:

... Não há nada absolutamente primário a interpretar, porque no fundo já tudo é interpretação, cada símbolo é em si mesmo não a coisa que se oferece à interpretação, mas a interpretação de outros símbolos.[...] Se preferirmos, não houve nunca um *interpretandum* que não tivesse sido *interpretans*, e é uma relação mais de violência que de elucidação, a que se estabelece na interpretação. [...] Com

¹⁰⁶ Os chamados critérios morais são conjunto de representações com alto valor afetivo originado na identificação com as figuras paternas e que participam da dinâmica psíquica. Freud desenvolve isso detidamente no marco da segunda tópica.

efeito, porque o que é que descobre Freud sob sintomas: não descobre, como é vulgar dizer-se, “traumatismos”, antes rouba à luz do dia fantasmas, com a sua carga de angústia, ou seja, um emaranhado cujo ser próprio é fundamentalmente uma interpretação.(s/d, p. 15)

Circunscritos à questão freudiana, parece prudente introduzir algumas precisões em relação ao texto citado. É verdade que uma lembrança encobridora, um sonho e um sintoma pressupõem uma certa tradução de traços mnêmicos que não se caracteriza pela transparência, mas por mostrar e ocultar ao mesmo tempo o pensamento originário.

Todavia, falar em duas interpretações, a que leva à formação e a que dá conta do significado desta última, ameniza uma diferença qualitativa fundamental entre ambas. Primeiro, enquanto uma se realiza automaticamente, sem a intervenção da consciência; a outra, é cumprida no diálogo analítico. Segundo, enquanto a atividade formadora se dá sobre material cujo significado não se articula na duplicidade manifesto - latente, senão que colabora a instituir essa duplicidade; a interpretação analítica se caracteriza, justamente, por percorrer o caminho do sentido manifesto ou sem sentido aparente ao sentido latente.

De acordo com o anterior, podemos distinguir entre processos instauradores de sentido ou trabalho psíquico, por uma parte, e processos de descoberta de um sentido já existente ou interpretação, por outra. A formação de sintomas, sonhos e lembranças encobridoras, ao estabelecer uma relação semiótica, se encontra entre os primeiros. Freud fala de simbolização como uma modalidade específica da formação de sintomas, sonhos e lembranças encobridoras. Essa implica tomar em sentido literal o sentido figurado de uma expressão. A nevralgia facial simboliza a ofensa que foi sentida “como um tapa no rosto” (ARRIVÉ, 1994, p. 37). De modo semelhante, a lembrança das crianças ganhando pão simboliza o sucesso de uma profissão rentável.

Vamos reservar o termo “interpretação” para nos referirmos ao ato de desvendar um sentido prévio. Nessa acepção, interpretamos atos falhos, sintomas, sonhos, lembranças falsas, comportamentos, cujos sentidos já se instauraram. De acordo com isso, a criação dar-se-ia no trabalho psíquico quando se formam as representações. Todavia, a distinção traços mnêmicos/representação abre diversas possibilidades de reinterpretação.

Dada a bi-dimensionalidade constituída pelos aspectos representacional e afetivo, podemos re-significar uma vivência desde um ou outro. Quanto ao aspecto afetivo, uma comparação pode ser útil. Com efeito, o lembrar consciente pode ser comparado com a ação de iluminar uma cena. Assim, esta adquiriria significado não apenas pelos seus elementos, suas inter-relações, mas também por sobre quais dentre esses incide o foco luminoso estabelecendo o centro de atenção. Nessa imagem, a vivacidade e a intensidade dos elementos focados pelo feixe luminoso exprimem os afetos em jogo, o que completa o sentido da vivência lembrada. Desse modo, ainda que os elementos permaneçam os mesmos, redirecionar o holofote, centralizando a cena de forma diferente, lhe outorga um significado novo.

Em termos freudianos, uma mudança na configuração afetiva quando relembremos altera o significado da vivência trazida novamente à tona. Se nos servirmos da mesma comparação, no que diz respeito ao aspecto representacional, tanto a introdução de novas associações no momento de lembrar, quanto a reorganização das relações entre os elementos da vivência, alteram o seu significado. Como observáramos, seguindo a Schneider, resulta muito difícil discernir, no significado de uma vivência, o que é devido ao representacional e o que, ao afetivo, uma vez que ambos se apresentam entremeados.

A re-significabilidade dos traços mnêmicos acarreta conseqüências quanto à determinação psíquica. Em princípio não seria necessário que o padrão de comportamento formado na infância fosse um sistema fechado, cuja temporalidade desenha um círculo de repetições. No que diz respeito a essa questão, as posições são contrapostas. Para Wallace, a personalidade é um sistema aberto no qual interagem os padrões infantis com a situação presente (1986, pp. 933-974). Ao contrário, Hospers interpreta que o comportamento é determinado pelo seu caráter. Este, por sua vez, é conformado pelas influências hereditárias e pelo entorno na primeira infância. Fatores específicos da infância, que acontecem uma vez e cujos efeitos perduram para sempre, junto com os fatores constitutivos, seriam determinantes (1966, pp. 26-45).

Contudo, se, para a teoria freudiana, a história é relevante, não o é apenas a infantil. Sem dúvidas, esta é determinante porque a psique constitui uma complexa rede de representações, formada no seu núcleo na infância, que exerce sua influência sobre as novas produções. Porém, também a história posterior tem seu papel porque os diversos acontecimentos podem provocar novas ressonâncias e associações que ecoem diferente sobre o passado, modificando seu significado ou alterando as linhas associativas futuras.

A questão é se, tanto no caso da reprodução psíquica, própria das lembranças, quanto no da reprodução atuada, as circunstâncias posteriores podem estabelecer novas associações que acabem criando uma diferença. Como vimos, na carta de 10 de março de 1898¹⁰⁷, Freud avança um esboço do conceito de repetição afirmando que sonhos, fantasias e sintomas são repetições de diversos tipos de vivências e que todas elas são realizações de desejo (MASSON, 1986, p.303; FREUD [1898] 1976, AE, I, p. 316). A noção adota duas

¹⁰⁷ Citada na seção “Lembranças encobridoras e lembranças infantis”.

modalidades: repetição do conteúdo em representações, como sonho ou fantasias¹⁰⁸, e repetição em comportamento, como nas neuroses.

No que se refere à repetição de comportamento, nos *Estudos sobre histeria*, vislumbramos o conceito em uma primeira versão da idéia de transferência. Aos poucos essa vai articulando-se como peça da repetição de vínculos e comportamentos do passado endereçados ao analista ([1914] 1946, GW, X, p. 130; 1976, AE, XII, p. 152) e a outros vínculos do presente. Esse achado será assimilado mais tarde como recurso terapêutico para interromper o padrão repetitivo. Isso só é inteligível se aceitarmos que se possa modificar em alguma medida o rumo da determinação psíquica.

Ao que tudo indica, Hospers adjudica ao caráter, ou seja, ao resultado da infância, a força determinante, enquanto Wallace atribui um certo peso aos acontecimentos contemporâneos. Certamente, o significado da terapia difere em ambos os autores. Enquanto que para Wallace há chances de mudança desde o presente, para Hospers, em última instância, até a capacidade de mudar um tipo de comportamento determina-se pelo caráter. A perspectiva de Wallace parece-nos mais condizente com o examinado acerca do caráter criativo da memória.

A concepção freudiana reflete relações entre passado, presente e futuro não lineares. Na constituição da psique são fundamentais as primeiras experiências. Por conseguinte, o passado é determinante em relação ao presente e futuro. No entanto, as transcrições dos traços mnêmicos, de fase em fase, alteram seu primeiro registro. O fenômeno *a posteriori* acarreta uma determinação desde o presente que modifica o passado tanto quanto novas cadeias associativas no recordar ou, ainda, nas miragens da memória e nos fenômenos de

¹⁰⁸ Quando considerado o tipo de material “repetido” (sensações visuais e auditivas) para elaborar sonhos e fantasias, o processo, aqui chamado de repetição, se aproxima com o da regressão desenvolvido no capítulo VII da *Traumdeutung*.

déjà vu. Assim, o presente interfere retrospectivamente sobre o passado sem que este deixe de ter seu poder sobre o presente e o futuro.

Poder-se-ia dizer, usando a expressão de Rieff, que somos prisioneiros da memória, na medida em que o passado predomina (1979, p. 61). Jeanne Marie Gagnebin retoma a questão de Adorno sobre que significa elaborar o passado para assinalar que se trata de um lembrar ativo para esclarecer o passado, mas também o presente e assim poder modificá-lo (2006, p. 97-105). Pela concepção de memória sustentada por Freud, poderíamos dizer que a elaboração do passado adquire uma dupla direção. Sem dúvida, esclarecer e completar o passado acarreta mudanças no presente, porém também não podemos esquecer que tal elaboração ancora-se no presente. É desde o presente que enxergamos novamente esse tempo que já foi uma vez presente e agora é passado. Isso só é possível porque a memória estrutura-se em redes associativas que permitem múltiplos acessos para elucidar os sentidos criados e os afetos estagnados pelos diversos mecanismos dos processos primários. Por isso, também cabe a possibilidade da re-significação do passado e, claro, esta só faz sentido com vistas ao presente. Não se trata, então, de lembrar por lembrar. Como diz Freud, lembrar sempre é um meio, um método.

5 – Conclusão

Ao longo do presente texto, pretendemos mostrar que o caráter criativo da memória, na teoria freudiana, reside fundamentalmente na atividade associativa, entendida com características próprias. Com a expressão “caráter criativo” designamos a capacidade da memória de instaurar novos sentidos, servindo-se do material fornecido pela experiência, de maneira que a concepção freudiana implica em uma assimilação dessa com a imaginação à maneira de alguns empiristas como Hobbes ou Stuart Mill.

Percorremos diferentes etapas. Iniciamos considerando de que modo a transição da neurofisiologia à psicologia influencia na concepção de representação, base da teoria da memória. Examinamos as posições metodológicas nos textos da *Auffassung* e do *Entwurf*, assim como suas conseqüências no desenvolvimento ulterior da teoria. Se o capítulo VI da primeira é o marco inaugural do tipo de abordagem psicológica, o segundo, na sua tentativa de construir uma psicologia de cunho materialista, expressa em termos físicos, se defronta com dificuldades insuperáveis, mas antecipa o tratamento dos conceitos fundamentais para a teoria.

A seguir, explicitamos o conceito de representação como complexo associativo entre outros dois complexos associativos, de palavra e de objeto. No *Entwurf* se acrescenta a noção de *das Ding* que depois é abandonada, mas tem a importância de assinalar uma

certa opacidade referencial das vivências e uma organização de ocupações permanentes que influenciam qualquer experiência ulterior.

Dentre os conceitos que se encontram no *Projeto*, salientamos também a noção de afeto introduzida pela perspectiva quantitativa. A consideração da vida psíquica em termos de uma dupla dimensão, a representativa e a afetiva, mas que, no entanto, não constitui uma unidade inseparável, senão, ao contrário, suscetível de ruptura, oferece a chave para a compreensão dos mecanismos psíquicos. Com base nisso, Freud postula a diferença de destino da representação e do afeto, chave para explicar conceitos tais como recalque e sintoma.

A incompatibilidade das propriedades do aparelho psíquico de se manter constantemente receptivo e, ao mesmo tempo, conservar o anteriormente recebido, leva Freud a estabelecer a diferença entre representação e percepção. As soluções encontradas por ele sempre seguem a idéia de separar as respectivas funções em sistemas diferentes sejam de neurônios, sejam psíquicos. Receptividade das percepções e conservação das representações abrem a questão da relação do psiquismo com as experiências reais.

No *Projeto*, as experiências reais não apenas explicam a etiologia da patologia, mas também dizem respeito à conformação do aparelho psíquico em geral. O sintoma histérico deslancha a partir de um fato potencialmente traumático combinado com um segundo, que atualiza tal potencialidade conservada na memória. As vivências de dor e satisfação determinam os objetos aversivos e desiderativos, orientando o psiquismo em seu funcionamento tendente a fugir do desprazer enquanto ficam inscritas em associação com as imagens dos objetos e os sinais de alívio de tensão. A libido define seu objeto no registro e traduções dos acontecimentos e sensações da primeira infância. Em síntese, ao longo do

capítulo foi evidenciado o papel constituinte da experiência enquanto registrada mnemicamente nos primórdios da teoria.

O capítulo seguinte visou estudar como a memória cumpre as funções de registro e conservação, uma vez que sua especificidade, construída sobre a idéia central do evolucionismo funcional de Jackson, reside em ser múltipla. Examinamos como Freud, na *Carta 52*, explica que os sistemas de signos pertencentes a cada estratificação constituem-se por associação segundo diferentes princípios e, nos *Estudos*, de que maneira as lembranças formam cadeias de associações.

Detivemo-nos nas noções de inscrição, transcrição e associação. No concernente às duas primeiras, resgatamos a comparação com a escrita. Isso evidenciou: a) a natureza fronteiriça do conceito de traço mnêmico; b) a influência da forma de inscrição sobre o conteúdo para determinar as possibilidades semióticas; c) a transformação entre sistemas de inscrição, que supõe um certo grau de infidelidade no seu resultado.

A multiplicidade da memória articulada na diversidade de signos e suas conexões associativas estabelece o problema da traduzibilidade entre sistemas de signos e o da conservação das diversas transcrições. Diferentes soluções são ensaiadas desde os *Estudos* e passando pelo *Projeto*, a *Carta 52* e a *Interpretação* sem alcançar uma definitiva, que só é delineada anos mais tarde, no artigo metapsicológico sobre o inconsciente, aplicando a distinção entre representação-coisa e representação-palavra. Todas elas respondem a diferentes maneiras de representar o aparelho psíquico e implicam diversas formas de compreender a conservação dos traços mnêmicos.

Quanto ao automatismo associativo, examinamos de que modo ele gera constantemente novos sentidos ao reorganizar os conteúdos armazenados com o intuito de

especificar de que tipo de associacionismo se trata. Assim, partimos da descrição geral da vida psíquica. Na mesma, encontramos processos associativos intra e inter-representação. A representação, como já sabíamos do capítulo anterior, consiste em associação de complexos associativos de objeto e palavra. Mencionamos, também, que afeto e desejo resultam da associação entre excitação, um determinado objeto e a descarga de tensão.

A consideração da vida psíquica salientou aspectos que evidenciam a especificidade da concepção associativa. Cursos associativos conscientes e inconscientes, que eventualmente podem convergir em situações de irrupções súbitas, caracterizam o funcionamento psíquico. Interessa notar, especialmente, que ambos os cursos se definem pelo rumo estabelecido pelas respectivas representações-meta. Uma representação leva a outra por simultaneidade, semelhança, causa-efeito, etc.; esta leva a outra, e assim sucessivamente. No entanto, as relações de simultaneidade, semelhança, causa-efeito não são o único fator que intervêm. Certas representações agem como ímãs desse processo, dando uma certa direção.

Com a análise do fenômeno *a posteriori* e do trabalho onírico, pudemos completar o quadro acerca da peculiaridade do associacionismo freudiano. Introduzido no contexto da teoria do trauma na explicação da etiologia da histeria, o efeito *a posteriori* combina a recordação e a percepção de dois eventos reais. Retroativamente, a lembrança torna-se patogênica pela associação com a vivência atual, o que implica na eficácia causal maior outorgada à recordação. À medida que a noção de trauma é relegada, não é mais necessário pensar exclusivamente o *a posteriori* entre representações de dois eventos. Porém, apesar da fantasia ganhar poder explicativo, nem por isso deixa de remeter, em última instância, a fatos. Isso traz à tona novamente o antes dito acerca do papel da experiência real na teoria.

O exame do trabalho onírico expõe a variedade e complexidade associativas próprias dos processos primários. Com efeito, embora mais próximas do que Mill chama “química mental” que da composição mecânica dos empiristas anteriores, as possibilidades associativas ganham especificidade ao estar inseridas no inconsciente. Se levarmos em conta como se instaura a relação de significação e referência das representações explicitada na *Auffassung*, temos que coincidir em que na sua base se encontram associações. De modo semelhante, todo sonho constitui-se por diversas modalidades associativas que vão desde a condensação até a figuração por oposto. Em outras palavras, a figuração e a desfiguração oníricas são fruto de processos associativos.

Em síntese, identificamos o caráter *sui generis* do associacionismo freudiano em: 1) a atividade associativa poder ser consciente ou inconsciente; 2) estar orientada por representações-meta; 3) a associação entre uma representação sexual não assimilada e uma outra posterior poder determinar *a posteriori* o significado patogênico da primeira (por extensão, também a possibilidade de re-significar vivências retrospectivamente); 4) a associação estar na base dos processos de condensação, substituição, deslocamento, sobredeterminação e elaboração secundária; 5) as conexões associativas formarem redes de representações com pontos de convergência.

Finalmente, analisamos a função evocativa permeada e orientada pelo desejo. O conflito no bojo da vida psíquica é processado através de rejeições e aprovações nos esquecimentos e lembranças que não mais refletem fielmente as experiências reais. Freud afirma o caráter criativo da memória sustentando-o, de início, em um associacionismo das experiências objetivas reais para, aos poucos, passar a fundá-lo cada vez mais em aspectos subjetivos que o afastariam da posição originária.

Assim, é nas lembranças infantis onde encontramos mais clara a idéia de que a memória abrange a imaginação, uma vez que as mais antigas nunca se conservam inalteradas, mas misturadas com fantasias e sonhos. Trata-se de um proceder imaginativo a serviço da melhor adaptação da psique. Na elaboração freudiana, o desejo – resultado singular de uma história – ganha primazia. Assim, as características antes enumeradas, que tornam peculiar o associacionismo, junto com a influência crescente da fantasia e o desejo, aproximam a memória da imaginação.

Quanto à organização das lembranças, as séries estabelecidas segundo um princípio diferente do cronológico cancelam a temporalidade, estabelecendo temas supra-temporais. Constatamos a cristalização de tais temas em representações acompanhadas de determinados afetos estrangulados e que, portanto, se tornam patogênicas, podendo originar comportamentos repetitivos. Ao contrário, as vivências tramitadas normalmente e, então, esquecidas, em sentido estrito, supõem: a) que o afeto possa manifestar-se e diminuir; b) que o conteúdo de uma dada representação sofra condensação com o conteúdo de outras. Essas observações levaram à questão sobre a capacidade de conservação da memória. Vimos que, embora não seja sempre totalmente taxativa a respeito, a tese freudiana é a de que a memória conserva sempre o rastro do que foi vivenciado alguma vez. Interpretamos isso como a afirmação de que são os traços mnêmicos os que se conservam. Assim, não lembrar não significa não poder resgatar o material correspondente.

O recalque pode ser pensado como uma outra forma de esquecimento. Sistematizado no horizonte do determinismo psíquico, sua ação recai sobre vivências de caráter sexual que não podem ser assimiladas à rede de associações conscientes por inconciliáveis com o restante das aspirações do indivíduo. Esse mecanismo sinaliza o

conflito psíquico entre desejo e valores morais emprestando ao patrimônio e ao funcionamento da memória um semblante moral.

Muitas das lacunas da memória são consideradas, na teoria freudiana, resultado de processos ativos defensivos da psique que podem, sob certas circunstâncias, ser revertidos, recuperando as representações “esquecidas”. Isso é possível porque o registro de experiência é conservado nos traços mnêmicos. A distinção entre traços mnêmicos e representações e a atividade associativa são condições da possibilidade de re-significar nossas recordações. Desse modo, um outro viés da capacidade criativa manifesta-se na reprodução de representações quando esta vem acompanhada de novas associações que desembocam na re-significação daquelas.

Cabe dizer que Freud alarga a noção de memória, caracterizando-a como função produtiva além de reprodutiva e fazendo a repetição de comportamentos parte dela. Toda forma de memória, com seus esquecimentos, recordações e repetições, passa a ser concebida como re-atualizações do núcleo íntimo de cada indivíduo, formado com as primeiras vivências. Em uma perspectiva biológica, a memória adquire complexidade para cumprir sua finalidade adaptativa: assim como lembrar vicissitudes reais e subjetivas é necessário para poder viver, também o é esquecer-las em suas diversas modalidades.

Os processos associativos conferem plasticidade e infidelidade à memória. A memória do homem — diz Hermann Soergel, personagem de *A memória de Shakespeare* de Borges — não é uma soma; é uma desordem de possibilidades indefinidas. Para Freud, diferentemente, a memória é uma ordem de possibilidades indefinidas. Uma ordem porque sincronicamente está constituída por diversos sistemas interligados de inscrições ou arquivos de traços. Possibilidades indefinidas porque, na diacronia, o presente pode

interferir retrospectivamente sobre tal ordem, provocando rearranjos não definíveis por antecipação, que a transformem em uma outra diferente, de modo que novas reconfigurações sempre permanecem possíveis.

Referências Bibliográficas

- AMACHER, Peter, Freud's neurological educations and its influence on psychoanalytic theory in *Psychological Issues*, v. 4, n. 4, 1965.
- ARISTÓTELES, *Metafísica*, trad. Hernán Zucchi, Buenos Aires, Sudamericana, 1978.
- ARRIVÉ, Michel, *Lingüística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os Outros*, trad. Mário Laranjeira e Alain Mouzat, São Paulo, EDUSP, 1994.
- BLACK, Max, *Modelos y metáforas*, Madrid, Tecnos, 1966.
- BORGES, Jorge Luis, "Funes, el memorioso" in, *Obras completas*, Buenos Aires, Emecé, vol I, p. 485-90.
- BULLICH, Joaquim Poch i, *Los inicios del psicoanálisis. La etapa preanalítica de Freud y el caso de "Elisabeth von R"*, Barcelona, Hogar del Libro, 1988.
- CAORSI, Carlos Enrique, *Lógica, Filosofía y Psicoanálisis*, Montevideo, Roca Viva, 1994.
- CAROPRESO, Fátima, "A elaboração da concepção sistemática do inconsciente na primeira tópica freudiana", in *Fragmentos de Cultura. Filosofia e Psicanálise*, Goiânia, UCG, v. 15, n. 6, Junho 2005.
- CASEY, Edward S., Piaget e Freud. Sobre la memoria infantil. In: SILVERMAN, Hugh, *Piaget, la Filosofía y las Ciencias Humanas*, trad. Juan José Utrilla, México, Fondo de Cultura Económica, Breviarios, 1993.
- CHEMAMA, Roland e VANDERMERSCH, Bernard, *Dicionário de Psicanálise*, trad. Francisco Settineri e Mario Fleig, São Leopoldo, RS, UNISINOS, 2007.

CHURCHLAND, Paul M., *Matéria e consciência: uma introdução contemporânea à filosofia da mente*, tradução de Maria Clara Cescato, São Paulo, Editora da UNESP, 2004.

DERRIDA, Jacques, Freud e a cena da escritura in: *A escritura e a diferença*, trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.

_____, *Gramatologia*, trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro, São Paulo, Perspectiva, 2006.

DRAAISMA, Douwe, *Metáforas da memória: uma história das idéias sobre a mente*, trad. Jussara Simões, Bauru, EDUSC, 2005.

DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan, *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje*, trad. Enrique Pezzoni, México, Siglo XXI Editores, 1985.

FORRESTER, John, *A linguagem e as origens da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Imago, 1983.

FOUCAULT, Michel, *Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum Philosophicum*, trad. Jorge Lima Barreto Porto, Edições Rés, s/d.

FREGE, Glottob, “Sobre sentido e referência” in *Lógica e filosofia da linguagem*, trad. Paulo Alcoforado, São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978.

FREUD, Sigmund, *Zur Auffassung der Aphasien. Eine kritische Studie*, Fankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, [1891]1992.

_____, *La Afasia*, Buenos Aires, Nova Visión, [1891]1973.

_____, *Histeria. Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry, v. I, [1888]1976.

_____, *Studien über hysteric. Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. I, 1952.

_____, Estudios sobre histeria. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu., trad. Etcheverry, v. II, [1893-5] 1976.

_____, Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v.III, [1893] 1976.

_____, Die Abwer-Neuropsychosen (Versuch einer psychologischen Theorie der akquirierten Hysterie, vieler Phobien und Zwangsvorstellungen und gewisser halluzinatorischer Psychosen. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. I, [1894]1952.

_____, Las neuropsicosis de defensa. (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias). *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu., trad. Etcheverry, v. III, [1894] 1976.

_____, Projeto de uma psicologia in GABBI Jr., Osmyr Faria, *Notas a Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*, Rio de Janeiro, Imago, [1985 – 1950] 2003.

_____, Proyecto de psicología. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry, v. I, [1985 – 1950]1976.

_____, Fragmentos de la correspondencia con Fliess. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu., trad. Etcheverry, v. I, [1892 - 1899] 1976.

_____, Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. I, [1898] 1952.

_____, Sobre el mecanismo psíquico de la desmemoria. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v.III , [1898] 1976.

_____, Über Deckerinnerungen. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. I, 1952.

_____, Sobre los recuerdos encubridores. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v.III, [1899] 1976.

_____, Die Traumdeutung. *Freud - Studienausgabe*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. II, 1972.

_____, La Interpretación de los sueños. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v.IV e V, [1900] 1976.

_____, Über den Traum. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. III, 1952.

_____, Sobre el sueño. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v.V, [1901] 1976.

_____, Zur Psychopathologie des Alltagslebens (Über Vergessen, Versprechen, Vergreifen, Aberglaube und Irrtum). *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. IV, [1901 – 1904] 1941.

_____, Psicopatología de la vida cotidiana. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v.VI, [1901] 1976.

_____, Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. VI, [1905] 1940.

_____, El chiste y su relación con lo inconsciente. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v.VIII, [1905] 1976.

_____, Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. VII, [1909] 1941.

_____, A propósito de un caso de neurosis obsesiva. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v. X, [1909] 1976.

_____, Die Handhabung der Traumdeutung in der Psychoanalyse. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. VIII, [1911] 1943.

_____, El uso de la interpretación de los sueños en el psicoanálisis. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v. XII, [1911] 1976.

_____, Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. X, [1914] 1946.

_____, Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v. XIV, [1914] 1976.

_____, Das Unbewusste. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. X, [1915] 1946.

_____, El Inconsciente. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v. XIV, [1915] 1976.

_____, Vorlesungen zur Einführung in die Psychanalyse. III Allgemeine Neurosenlehre. XXIII. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. XI, [1916 – 1917] 1944.

_____, Conferencias de Introducción al Psicoanálisis. III. Doctrina general de las neurosis. XXIII. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v. XVI, [1916 – 1917] 1976.

_____, Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. XII, [1918] 1947.

_____, De la historia de una neurosis infantil. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v. XVII, [1914 - 1918] 1976.

_____, “Ein Kind wird geschlagen”. Beitrag zur Kenntnis der Entstehung sexueller Perversionen. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. XII, [1919]1947.

_____, “Pegan a un niño”. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v.XVII, [1919] 1976.

_____, Über die Psychogenese eines Falles von weiblicher Homosexualität. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. XII, [1920]1947.

_____, Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v.XVIII [1920] 1976.

_____, Notiz über den “Wunderblock”. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. XIV, [1924 – 1925] 1948.

_____, Nota sobre la “pizarra mágica”. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v.XIX, [1924 - 1925] 1976.

_____, Hemmung, Symptom und Angst. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. XIV, [1925 – 1926] 1948.

_____, Inhibición, sintoma y angustia. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v.XX, [1925 - 1926] 1976.

_____, Das Unbehagen in der Kultur. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B.XIV, [1929 – 1930] 1948.

_____, El Malestar en la cultura. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry., v.XXI, [1929 – 1930] 1976.

_____, Konstruktionen in der Analyse. *Gesammelte Werke*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, B. XVI, [1937] 1948.

_____, Construcciones en análisis. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, trad. Etcheverry, v. XXIII, [1937] 1976.

GABBI Jr., Osmir Faria, *Notas a Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*, Rio de Janeiro, Imago, 2003.

_____, *Freud. Racionalidade, sentido e referência*, UNICAMP, Centro de lógica, Epistemologia e História da Ciência, 1994.

_____, “A teoria do Inconsciente como teoria da memória” in *Psicologia USP*, São Paulo, 4 (1/2), pp. 247 – 260, 1993.

_____, “Memória e desejo” in *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, UNICAMP, 8, pp. 5-12, 1985.

_____, Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana. In: PRADO JR., Bento, *Filosofia da psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

GAGNEBIN, Jeanne Marie, *Lembrar escrever esquecer*, São Paulo, Editora 34, 2006.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo, *Introdução à metapsicologia freudiana*, Rio de Janeiro, Zahar, 1991.

GREEN, André, *O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto*, trad. Ruth Joffily Dias, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.

_____, *La diacronia em psicoanálisis*, Buenos Aires, Amorrortu, 1990.

HANNS, Luiz, *Dicionário comentado do alemão de Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

HILTENBRAND, J.-P., “À propos de l’ *Esquisse d’une psychologie scientifique* de Sigmund Freud” in: *Bulletin de l’ Association lacanienne internationale*, Março 2003, Nº. 102, pp.3 - 12.

HOBBS, Thomas, *Leviatán*, trad. Antonio Escobar, Madrid, Editora Nacional, 1979.

HONDA, Hélio, "Intencionalidade e sobredeterminação: Merleau-Ponty leitor de Freud" in *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 3, Sept./Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722004000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Jan 2008.

HOSPERS, J., "What Means This Freedom?" in: Berofsky, B. (ed), *Free Will and Determinism*, New York, Harper&Row, 1966.

HUME, David. *Tratado de la naturaleza humana. Acerca del entendimiento*, trad. e notas Margarita Costa, Buenos Aires, Paidós, 1974.

HUOT, Hervé, *Do sujeito à imagem: uma história do olho em Freud*, trad. Claudia Berliner, São Paulo, Escuta, 1991.

IZQUIERDO, Iván, *A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento*, Rio de Janeiro, Vieira & Lent, 2004.

JAKOBSON, Roman, *Essais de lingüistique générale*, trad. Nicolas Ruwet, Paris, Éditions de Minuit, 1963.

KLIMOVSKY, Gregorio, *Las desventuras del conocimiento científico*, Buenos Aires, A-Z Editora, 1995.

KRISTEVA, Julia, *História da linguagem*, trad. Maria Margarida Barahona, Lisboa, Edições 70, 1969.

LACAN, Jacques, *O Seminário*, Livro VII: A ética da psicanálise, traduzido por Antônio Quinet, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean B., *Vocabulário da Psicanálise*, trad. Pedro Tamen, São Paulo, Martins Fontes, 1992.

LIPPS, Theodor, O conceito de inconsciente na psicologia. Trad. Zeljko Loparic, *Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas* , 3 (2), jul.-dez. 2001.

LOPARIC, Zeljko, Theodor Lipps: uma fonte esquecida do paradigma freudiano, *Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas* , 3 (2): 315-331, jul.-dez. 2001.

LURIA, Alexander Romanovich, *A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória*, trad. Claudia Berliner, 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 2006.

MASSON, Jeffrey Moussaieff, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887- 1904*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Imago, 1986.

MILLOT, Catherine, *Freud antipedagogo*, trad. Ari Roitman, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

MONZANI, Luiz R. A “fantasia” freudiana In: Prado Jr., Bento, *Filosofia da Psicanálise*, São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____, *Freud: o movimento de um pensamento*, Campinas, Editora da UNICAMP, 1989.

_____, Uma revolução Semântica in *Estado de São Paulo*, Nº 480, Ano VII, 7/10/89, p.7-9

RICOEUR, Paul, *De l'interprétation. Essai sur Freud*, Paris, Seuil, 1965.

RIEFF, Philip, *Freud, pensamento e humanismo*, trad. Silvana Borim Mirachi, Belo Horizonte, Interlivros, 1979.

ROSENFELD, Israel, *A invenção da memória*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

SAFATLE, Vladimir, *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*, São Paulo, UNESP, 2006.

SCNHEIDER, Monique, *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*, trad. Mônica M. Seincman, São Paulo, Editora Escuta, 1993.

SHOWALTER, Elaine, *Anarquia sexual: sexo e cultura no'fin de siècle'*, trad. Waldéa Barcellos, Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

SIMANKE, Richard Theisen, *A formação da teoria freudiana das psicoses*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1994.

_____, Memória, afeto e representação: o lugar do Projeto... no desenvolvimento inicial da metapsicologia freudiana in *Olhar*, Ano 7, nº 12-13, jan-jul e ago-dez/2005.

SQUIRE, Larry R. e KANDEL, Eric R, *Memória. Da mente às moléculas*, trad. Carla Dalmaz e Jorge Quillfeldt, Porto Alegre, Artmed, 2003.

STUART MILL, John, *Système de logique déductive et inductive*, traduzido por Louis Peisse da 6ª ed. inglesa (1865), Chicoutimi, Québec, 2002. Disponível em: <http://www.ugac.quebec.ca/zone30/classiquesdessciencessociales/indexhtml>

WALLACE, E., “Determinism, Possibility and Ethics” in: *JAPA*, 34, 1986, pp. 933-974.

ZWEIG, Stefan, *24 horas na vida de uma mulher*, trad. Lya Luft, Porto Alegre, L&PM, 2007.